



UN • OBRA NOVA

CENTRO CATÓLICO DE EVANGELIZAÇÃO

Íris Diana da Costa Santos

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE TECNOLOGIA
DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

OBRA NOVA – CENTRO CATÓLICO DE EVANGELIZAÇÃO PARA O SERIDÓ:
REQUALIFICAÇÃO DA ANTIGA BENEFICIADORA DE ALGODÃO DE CURRAIS NOVOS/RN

ÍRIS DIANA DA COSTA SANTOS

Natal, RN
Dezembro de 2014

ÍRIS DIANA DA COSTA SANTOS

OBRA NOVA – CENTRO CATÓLICO DE EVANGELIZAÇÃO PARA O SERIDÓ:
REQUALIFICAÇÃO DA ANTIGA BENEFICIADORA DE ALGODÃO DE CURRAIS NOVOS/RN

Trabalho Final de Graduação
apresentado ao curso de Arquitetura e
Urbanismo da Universidade Federal do Rio
Grande do Norte, como requisito para obtenção
do título de Arquiteta e Urbanista, do semestre
letivo de 2014.2.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Natália Miranda Vieira

Aprovação em: _____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA

Natália Miranda Vieira, Dr.^a. – UFRN
Professor Orientador

Professor – UFRN

Arquiteto e Urbanista Convidado

Nota final: _____

Catálogo da Publicação na Fonte. Universidade Federal do Rio Grande do Norte / Biblioteca Setorial de Arquitetura.

Santos, Íris Diana da Costa.

Obra Nova – centro católico de evangelização para o Seridó: requalificação da antiga beneficiadora de algodão de Currais Novos-RN / Íris Diana da Costa Santos. – Natal, RN, 2014.

132f. : il.

Orientadora: Natália Miranda Vieira.

Monografia (Graduação) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Tecnologia. Departamento de Arquitetura.

1. Arquitetura religiosa – Monografia. 2. Centro Católico de Evangelização – Monografia. 3. Requalificação – Algodoeira – Currais Novos-RN – Monografia. I. Vieira, Natália Miranda. II. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. III. Título.

RN/UF/BSE15

CDU 726

“Mas, e Deus existe? [...] Não sei. Mas eu desejo ardentemente que assim seja. E me lanço inteira. Porque é mais belo o risco ao lado da esperança, que a certeza ao lado de um universo frio e sem sentido...”

Rubem Alves

AGRADECIMENTOS

A Deus.

Se o meu agradecimento pudesse ser resumido, seria apenas com a frase acima. Mas, Ele nos dá a graça de sermos incompletos, necessitando um do outro para sermos totais.

Assim, agradeço àqueles que me completaram ao longo dessa jornada:

A minha mãe que de uma forma inacreditável foi meu baluarte mesmo estando distante, contribuindo de forma tão singela e indispensável a este trabalho.

Ao meu pai que não mediu esforços para que eu chegasse até aqui.

A minha irmã que, sempre ao meu lado, também foi meu baluarte e sem sua presença e força tudo seria mais árduo.

Ao meu irmão que do seu jeito simples também me permitiu chegar aqui.

Aos amigos que sempre me deram forças e encorajamento fazendo-me objetivar a vitória.

Agradeço aos amigos de curso, em especial do meu amado grupo por tornarem verídico aquilo que eu havia escutado outrora, de que o período da graduação seria inesquecível.

Deus me presenteou com melhor grupo da Escola de Arquitetura.

À minha orientadora pela competência e atenção em me orientar e corrigir meu trabalho, e principalmente pela sua contribuição intelectual, que foram fundamentais para a evolução da pesquisa teórica e do projeto arquitetônico.

Ao corpo docente da UFRN pelas valorosas contribuições intelectuais.

E a todos aqueles que contribuíram de alguma forma na elaboração deste trabalho, seja com informações, materiais, sugestões ou opiniões.

RESUMO

SANTOS. Íris Diana da Costa. **Obra Nova - Centro Católico de Evangelização para o Seridó:** requalificação da antiga beneficiadora de algodão de Currais Novos/ RN. 2014. Trabalho Final de Graduação (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2014.

Este trabalho, desenvolvido na área de projeto de arquitetura, diz respeito a uma proposta de um anteprojeto de um Centro Católico de Evangelização através da requalificação da antiga algodoeira na cidade de Currais Novos/RN. É composto pelas referências conceituais sobre o tema, pelos estudos de referência de projetos similares, pela análise dos condicionantes projetuais e pela proposta arquitetônica. Como resultado, apresenta o desenvolvimento do anteprojeto, no qual houve a preocupação em preservar os principais valores observados como importantes na análise, além de construir novos elementos de estilo contemporâneo que não destoassem da edificação preexistente. Para tanto, tomou-se por base os princípios da corrente intervencionista “Crítico-conservativa” e o conceito paralelo Obra Nova. Pretende-se, assim, que este trabalho permita mostrar a possibilidade de intervenção num bem industrial, consentindo que a vasta área do bem industrial torne-se permeável ao tecido urbano, como também permitir opções de propagação no processo de evangelização católica na região Seridó do estado.

Palavra chave: Centro Católico de Evangelização, Currais Novos, Revitalização.

ABSTRACT

SANTOS. Íris Diana da Costa. **Obra Nova - Catholic Center for Evangelization Seridó:** redevelopment of the former cotton factory of Currais Novos/RN. 2014. Final Work Graduate (Degree in Architecture and Urbanism) - Federal University of Rio Grande do Norte, Natal, 2014.

This Project final, developed the area of architecture design, with respect to a proposal for a draft of a Catholic Center for Evangelization through the redevelopment of the former cotton factory in the Currais Novos / RN. It consists of the conceptual references on the subject, the reference studies of similar projects, the analysis of projective constraints and the architectural proposal. As a result, presents the development of the draft, in which there was a concern with the preservation of principal values seen as important in the analysis and the construction of new built elements of contemporary style that do not detract from the preexisting building, based on the principles of current interventional "Critical-conservative" and the parallel concept New Work. It is intended, therefore, that this paper enables to show the possibility of intervention in a very industrial, consenting to the vast area of Algodoeira Inharé become permeable urban fabric but also allow for spread options in Catholic evangelization process in the Seridó.

Keywords: Catholic Center for Evangelization, Currais Novos, Revitalization.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Localização Sesc Pompeia.	32
Figura 2: Volumes do Sesc Pompéia.	32
Figura 3: Retirada do reboco das paredes originais do galpão de atividades gerais, abril 1980.	33
Figura 4: Paredes originais do galpão sem os rebocos, abril 1980	33
Figura 5: Vista interna do galpão contemplando o mezanino.	34
Figura 6: Vista interna do galpão contemplando o vão livre.	34
Figura 7: Vista que contempla o novo e o antigo – primas e os galpões.	35
Figura 8: Relação dos três novos volumes.	35
Figura 9: Localização ECOA, Sobral/CE.	37
Figura 10: Vista do conjunto ECOA a partir da “rua das águas”	38
Figura 11: Imagem da “rua das águas” a partir da fonte.	38
Figura 12: Indicação das alas.	38
Figura 13: Vista do acesso principal com as respectivas alas.	39
Figura 14: Vistas de uma das fachadas com o volume prismático.	40
Figura 15: Vistas interna do volume.	40
Figura 16: Localização Centro Catequético N. S. de Guadalupe, São José dos Pinhais/PR.	41
Figura 17: Novo anexo e antiga capela.	42
Figura 18: Vista geral do complexo.	42
Figura 19: Ícone de Nossa Senhora de Guadalupe.	43
Figura 20: Vista lateral da Igreja.	43
Figura 21: Implantação com destaque para a inserção da Igreja na direção norte.	43
Figura 22: Planta baixa do pavimento térreo.	44
Figura 23: Elevação lateral da Igreja.	45
Figura 24: Planta baixa do nível inferior (Via Sacra e Gruta).	45
Figura 25: Vista do altar.	46
Figura 26: Vista do Batistério e assembleia.	46
Figura 27: Mobiliário no interior.	46
Figura 28: Localização do Centro Católico de Evangelização Shalom Petrópolis.	47
Figura 29: Esquema da implantação com indicação dos blocos e pátios.	48
Figura 30: Fachada frontal Centro Católico de Evangelização Shalom Petrópolis.	48
Figura 31: Croqui da planta baixa do pavimento térreo	48
Figura 32: Vista da lanchonete, planta livre sobre pilotis.	49
Figura 33: Recepção e rampa de acesso aos demais níveis.	49
Figura 34: Croqui da planta baixa do pavimento intermediário.	49
Figura 35: Coordenação Local, nível intermediário.	50
Figura 36: Sala de grupos de oração, segundo nível.	50
Figura 37: Croqui da planta baixa do segundo nível.	50
Figura 38: Fachada frontal.	51
Figura 39: Brises verticais da fachada, vista interna.	51
Figura 40: Pátio Principal.	51

Figura 41: Presbitério (Palco ao fundo do pátio).	51
Figura 42: Sala de grupos.	52
Figura 43: Capela com santíssimo exposto.	52
Figura 44: Vista lateral da rampa a partir da recepção.	54
Figura 45: Degraus para acesso ao segundo lance da rampa.	54
Figura 46: Área livre e massa vegetativa corresponde ao recuo frontal	54
Figura 47: Pórtico vermelho associado o lado aberto de Cristo.	54
Figura 48: Oratório na recepção.	55
Figura 49: Oratório na prateleira da sala do financeiro,	55
Figura 50: Pilotis do Bloco 01	56
Figura 51: Pilotis do Pátio, imitando o do Bloco 01.	56
Figura 52: Localização Algodoeira Inharé.....	58
Figura 53: Mapa de acessos durante a visita.	59
Figura 54: Implantação esquemática de 1951.	60
Figura 55: Implantação esquemática de 1965.	60
Figura 56: Implantação esquemática atual.	61
Figura 57: Comparação dos elementos vazados.....	61
Figura 58: Implantação atual da Algodoeira.	62
Figura 59: Elementos.....	63
Figura 60: Recorte do objeto de intervenção.	63
Figura 61: Vista do acesso atual.	64
Figura 62: Mapa dos edifícios que serão preservados.....	64
Figura 63: Bloco 01 atualmente.	65
Figura 64: Bloco 02 atualmente.	65
Figura 65: Bloco 03 atualmente.	65
Figura 66: Bloco 04 atualmente.	65
Figura 67: Planta baixa esquemática do Bloco 01.....	66
Figura 68: Vista aérea da cobertura - Bloco 01.	67
Figura 69: Fachada atual.	67
Figura 70: Vista a partir da Av. Getúlio Vargas.....	68
Figura 71: Fachada remanescente do galpão que ruiu e trecho protomodernista.	68
Figura 72: Trecho da fachada frontal.	68
Figura 73: Trecho da fachada que ruiu.	68
Figura 74: Vista lateral sem o muro que caiu - Rua Walker Macedo.....	69
Figura 75: Vista lateral do Bloco 01.....	69
Figura 76: Esquadrias do Bloco 01.	69
Figura 77: Bloco 02.....	70
Figura 78: Bloco 03.....	70
Figura 79: Planta baixa esquemática do Bloco 02 - Área marcada sem cobertura.....	70
Figura 80: Planta baixa esquemática do Bloco 03 - Área tracejada sem recobrimento.	70
Figura 81: Calha.....	71
Figura 82: Tesoura.....	71
Figura 83: Vista da Baía com piso rebaixado – rebaixamento indicado na seta.....	71
Figura 84: Cobertura.	72

Figura 85: Estrutura tensionada.....	72
Figura 86: Vista interna.....	72
Figura 87: Vista externa.....	72
Figura 88: Torres Bloco 02.....	73
Figura 89: Torre Bloco 03.....	73
Figura 90: Planta baixa com trecho reconstituído.....	73
Figura 91: Vista geral do Bloco 04 e seu entorno.....	74
Figura 92: Vista Frontal a partir da Av. Getúlio Vargas.....	74
Figura 93: Planta baixa nível 1.....	74
Figura 94: Planta baixa nível 2.....	75
Figura 95: Fachada atual.....	75
Figura 96: Corte transversal com balanço.....	76
Figura 97: Imagem da sala em balanço.....	76
Figura 98: Fachadas laterais.....	76
Figura 99: Fachada posterior.....	76
Figura 100: Janela escotilha.....	77
Figura 101: Roda teto.....	77
Figura 102: Piso emborrachado.....	77
Figura 103: Pannel na parede.....	77
Figura 104: Balança.....	78
Figura 105: Vista externa com piso da balança.....	78
Figura 106: Terreno com topografia.....	79
Figura 107: Muros.....	80
Figura 108: Rua Pref. Raul Macedo e seu entorno.....	80
Figura 109: Rua Walker Macedo e seu entorno.....	81
Figura 110: Rua Av. Getúlio Vargas e seu entorno.....	81
Figura 111: Trajetória solar e ventilação predominante.....	82
Figura 112: Mapa de Áreas Especiais do Município de Currais Novos.....	84
Figura 113: Mapa de Áreas do Município de Currais Novos.....	84
Figura 114: Organograma funcional do Centro.....	87
Figura 115: Ícone católico Obra Nova.....	93
Figura 116: Esquema da intervenção geral.....	95
Figura 117: Vista geral do centro.....	95
Figura 118: Eixos de conexão entre as partes.....	96
Figura 119: Implantação do centro.....	97
Figura 120: Vista esquemática galpão – Bloco 02.....	98
Figura 121: Novos pontos de captação na cobertura dos Blocos 02 e 03.....	98
Figura 122: Pórtico Trindade.....	100
Figura 123: Oratório Obra Nova.....	100
Figura 124: Esquema da intervenção e planta baixa.....	101
Figura 125: Marcação do novo elemento.....	102
Figura 126: Corte do novo elemento – treliças metálicas.....	102
Figura 127: Fonte da vida.....	103
Figura 128: Fonte da vida.....	103

Figura 129: Pórticos laterais.....	104
Figura 130: Fachada frontal com detalhe para o pórtico de entrada.....	104
Figura 131: Fachada posterior.....	105
Figura 132: Esquema do conceito empregado na fachada.....	105
Figura 133: Planta baixa térreo.....	106
Figura 134: Planta baixa mezanino.....	107
Figura 135: Corte longitudinal no galpão – estrutura metálica.....	108
Figura 136: Fachada frontal.....	108
Figura 137: Fachada lateral.....	109
Figura 138: Corte do novo elemento – treliças metálicas.....	109
Figura 139: Novo anexo – fachada posterior.....	110
Figura 140: Novo elemento na fachada frontal.....	111
Figura 141: Estudo de insolação da fachada frontal.....	111
Figura 142: Torres transformadas em oratórios.....	112
Figura 143: Trajetória solar e ventilação predominante.....	113
Figura 144: Corte transversal do Bloco 03.....	113
Figura 145: Pórtico de ligação entre os blocos 02 e 03.....	114
Figura 146: Fachada frontal bloco 03.....	115
Figura 147: Planta baixa Bloco 04.....	116
Figura 148: Vista da fachada posterior.....	116
Figura 149: Alvenaria de bloco cerâmico sem reboco.....	117
Figura 150: Concreto armado aplicado na parede.....	118
Figura 151: Laje com protensão.....	118
Figura 152: Vidro duplo.....	118
Figura 153: Vigas e pilares em aço corten.....	119
Figura 154: Chapas em aço corten.....	119
Figura 155: Tubos em aço galvanizado.....	119
Figura 156: Esquadria aço.....	119
Figura 157: Telha ondulada topsteel.....	120
Figura 158: Verniz acrílico Suvinil.....	120
Figura 159: Piso drenante.....	121
Figura 160: Primeira versão da evolução.....	124
Figura 161: Segunda versão da evolução.....	124
Figura 162: Versão final da evolução.....	125

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Atividades por setores.	53
Quadro 2: Setores e programa de necessidade.	88
Quadro 3: Pré-dimensionamento e descrição dos ambientes.	89

LISTA DE SIGLAS

ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas

CCE – Centro Católico de Evangelização

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional

NBR – Norma Brasileira

TFG - Trabalho Final de Graduação

UFRN - Universidade Federal do Rio Grande do Norte

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1. DO PATRIMÔNIO AO ESPAÇO SAGRADO À LUZ DE UMA ANTIGA FÁBRICA	15
1.1 TEORIAS E PRÁTICAS NA PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO	15
1.1.1 Noções de patrimônio	15
1.1.2 O patrimônio industrial e sua preservação	17
1.1.3 Formas de intervir sobre o patrimônio arquitetônico	19
1.2. ARQUITETURA SACRA E O CENTRO CATÓLICO DE EVANGELIZAÇÃO	23
1.2.2 Arquitetura como espaço sagrado	23
1.2.1 Necessidade espacial da evangelização em função da Comunidade Carismática	24
1.3 A ANTIGA FÁBRICA INHARÉ COMO PATRIMÔNIO CURRAISNOVENSE E O CICLO DO ALGODÃO ...	26
1.3.1 Estruturação do patrimônio edificado curraisnovense em função da cotonicultura	26
1.3.2 Antiga Algodoeira Inharé como patrimônio edificado	29
2. ESTUDOS DE REFERÊNCIA	31
2.1 SESC POMPÉIA.....	31
2.2 ECOA – ESCOLA DE COMUNICAÇÃO, OFÍCIO E ARTES	36
2.3 IGREJA NOSSA SENHORA DE GUADALUPE	41
2.4 CENTRO CATÓLICO DE EVANGELIZAÇÃO SHALOM	46
2.5 CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE OS ESTUDOS REALIZADOS	57
3. SITUAÇÃO ATUAL DA ALGODOEIRA E CARACTERÍSTICAS ARQUITETÔNICAS	58
3.1 CARACTERÍSTICAS ARQUITETÔNICAS DOS BLOCOS.....	66
3.2 TOPOGRAFIA DO TERRENO E SEU ENTORNO.....	79
4. CONDICIONANTES	82
4.1 CONDICIONANTES AMBIENTAIS.....	82
4.2 CONDICIONANTES LEGAIS.....	83
5. METAPROJETO	87
5.1 ORGANOGRAMA, PROGRAMA DE NECESSIDADES E PRÉ-DIMENSIONAMENTO	87
6. PARTIDO ARQUITETÔNICO E CONTRIBUIÇÕES TEÓRICAS	92
7. MEMORIAL DESCRITIVO E JUSTIFICATIVO	94
8. EVOLUÇÃO DA PROPOSTA	124
CONSIDERAÇÕES FINAIS	126
REFERÊNCIAS	128

INTRODUÇÃO

Há uma importância na preservação de edificações, pois para compreender o presente e gerar um futuro consciente é preciso conhecer aquilo que remontou a história das cidades. Não apenas conhecer, mas também preservar. O espaço construído representa muito bem essa herança. É através dos edifícios erigidos que se percebe por qual momento aquela cidade passou. Esse é o papel fundamental que a arquitetura tem por materializar, no espaço urbano, as construções de uma época.

O bem industrial, uma herança, passou a ser motivo de preocupação, ameaçado de supressão. Tais bens ocupam grandes espaços em terrenos extensos, por vezes não muito estimados pelos habitantes, e, raramente estes espaços industriais são idealizados como equipamento a ser preservado. A reutilização desses espaços é um dos problemas que se enfrenta em função de vários fatores.

Um Centro Católico de Evangelização é uma alternativa para auxiliar no processo de preservação através de um uso capaz de se encaixar na ampla estrutura que oferece os lugares fabris. Atrelando essa estrutura à carência de espaços para a evangelização.

Partindo da necessidade do ponto de vista da Igreja Católica no processo de evangelização e da necessidade de preservação de um conjunto fabril, que sem uso devido, está inerte no espaço urbano curraisnovense, faz-se uma tentativa de aliar a evangelização no Seridó e a preservação de uma antiga fábrica. É nessa tentativa que surge o objetivo geral de propor um Centro de Evangelização Católica para o Seridó, através da requalificação da antiga beneficiadora de algodão de Currais Novos. E como objetivos específicos deste trabalho estão ações como identificar as necessidades funcionais para um Centro de Evangelização Católica. Analisar o edifício da Beneficiadora de Algodão, identificando quais aspectos devem ser preservados e o que é passível de modificação. Estudar diretrizes de intervenção observando a relação do novo e o antigo. Estudar a situação urbana específica do lote, a fim de torná-lo um meio de ligação entre as áreas adjacentes de modo a interromper os altos muros existentes e por fim projetar o Centro Católico de Evangelização no conjunto da antiga algodoeira.

O desenvolvimento deste trabalho emana da necessidade de amplos espaços destinados ao uso exclusivo no processo de evangelização no Seridó; decorre também do patrimônio edificado curraisnovense, principalmente do conjunto da Algodoeira o qual

possui um apelo histórico-estético e necessidade de mantê-lo em função da sua importância como bem erigido no ciclo do algodão.

Como universo de estudo, o trabalho irá abranger a cidade de Currais Novos, na região do Seridó do estado do Rio Grande do Norte. O seu recorte espacial é a antiga Algodoeira Inharé localizada no Bairro Antônio Rafael.

O presente trabalho é composto das referências teórico-conceituais sobre o tema, referências empíricas para o projeto, uma análise sobre a situação atual da algodoeira, condicionantes para a definição da proposta e apresentação da intervenção sugerida. O bem não é tombado, mas as referências bibliográficas de conservação são tidas como fontes para poder seguir um caminho até a elaboração do projeto.

O referencial teórico foi utilizado para embasar o desenvolvimento da proposta arquitetônica, fazendo uma ligação entre patrimônio industrial e espaço sagrado: abordando os principais conceitos sobre patrimônio, das teorias do restauro, ao mesmo tempo conhecendo como um centro católico está voltado para atender a uma comunidade carismática, e, por fim, conhecendo a simbologia do espaço sagrado católico.

O referencial empírico diz respeito à apresentação e análises de projetos análogos ao proposto, com o objetivo de extrair informações pertinentes na concepção do centro.

Os condicionantes consistem nos aspectos que orientam a elaboração do projeto arquitetônico e compreendem as diretrizes de intervenção adotadas, o universo de estudo, os condicionantes físico-ambientais e os condicionantes legais.

A parte da análise compreende a situação atual da algodoeira e suas características arquitetônicas e na definição do que passível de preservação.

A última parte do trabalho, chamada de Metaprojeto, diz respeito à apresentação da proposta de intervenção¹, desde as primeiras definições de programa de necessidades e do partido adotado, até o resultado final alcançado através do memorial descritivo-justificativo.

¹ não consistindo em um restauro.

1. DO PATRIMÔNIO AO ESPAÇO SAGRADO À LUZ DE UMA ANTIGA FÁBRICA

1.1 TEORIAS E PRÁTICAS NA PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO

1.1.1 Noções de patrimônio

Ao pensar em patrimônio há sempre a ligação com a ideia de alguma herança, material ou não, deixada a alguém, e, que contém um determinado valor. Para Françoise Choay (2001, p.11) a palavra patrimônio está relacionada às estruturas familiares, econômicas e jurídicas de uma sociedade estável, a qual, no espaço e no tempo, passou a ser solidificada. Para ela, é uma palavra que foi transformada em um conceito nômade, requalificada por vários adjetivos (genético, natural, histórico, etc.). Choay (2001, p.11) também entende que a expressão patrimônio histórico designa um bem voltado ao usufruto de uma comunidade que se desenvolveu a grandes dimensões e é constituído pelo acúmulo contínuo de uma diversidade de objetos que se congregam por seu passado comum.

Para Lemos (1981, p.07), o patrimônio histórico é apenas um “segmento de um acervo maior, que é o chamado Patrimônio Cultural de uma nação ou de um povo”. Segundo Varine - Boham (*apud* LEMOS, 1981, p.08) o conceito de Patrimônio Cultural é muito mais abrangente do que parece ser, divide-se em três grandes categorias. A primeira diz respeito aos elementos pertencentes ao meio-ambiente, podendo ser serras, rios, chapadas, cachoeiras, açudes, peixes, etc. A segunda categoria engloba os elementos não tangíveis: o conhecimento, o saber fazer, compreendendo toda a capacidade de sobrevivência que o homem possui no seu habitat. A terceira engloba os artefatos, tratados como grupo mais importante, pois agregam uma variedade de objetos, artefatos e construções gerados a partir dos demais grupos citados acima.

Para Coelho (1992, *apud* VELOSO, 2013) patrimônio cultural é o “conjunto de bens móveis e imóveis cuja conservação seja de interesse social, quer por sua vinculação com fatos históricos memoráveis, quer por seu excepcional valor artístico, arqueológico, etnográfico, bibliográfico; compreende também os sítios e paisagens naturais que sejam importantes conservar e proteger.”

O conceito de patrimônio histórico passou a distanciar de monumento histórico a partir da década de 1960 nos países europeus, formalizado na Carta de Veneza em 1964. Com isso a noção de patrimônio passa a relacionar-se com aspectos da vida e da cultura

humana. Conforme Carsalade (2001, não paginado), a concepção contemporânea do patrimônio:

[...] deixou de se ater apenas às qualidades estéticas do bem em si, ampliando-se ao cotidiano da vida, no exercício da cultura e no desenvolvimento sócio-econômico das comunidades, constituindo-se em um dos importantes responsáveis por sua identidade e qualidade de vida.

Conforme Barichello (2010, p.22), a consolidação do patrimônio cultural está relacionada com as concepções que cada época possui a respeito do que, para quem, e por que preservar. Logo, pode ser pensado como suporte da memória social e do espaço urbano. A memória relaciona-se com a faculdade de lembrar, idéias que podem estar baseada sem experiências vividas. É constituída de “lembranças” e “esquecimentos”, e essas lacunas possibilitam reflexões (BERNARDI; HIRAO, 2010, p.138).

Como parte importante deste amplo conceito de patrimônio cultural, temos o patrimônio arquitetônico. A valorização do patrimônio arquitetônico se dá por meio da conservação e preservação. O fato de preservar é um processo que “pressupõe, inicialmente a conscientização e a identificação de algo relacionado com a memória e o passado, aos quais é conferido um valor tal que justifique esforços individuais e coletivos, no sentido de sua manutenção no tempo.” (ADAMS, 2002, p.16).

Para Lemos (1981, p. 29), “preservar não é só guardar uma coisa, um objeto, uma construção (...) preservar é manter vivos, mesmo que alterados, usos e costumes”. O conceito de preservação segundo Cury (2004, p.249) é que “se impõe nos casos em que a própria substituição do bem, no estado em que se encontra oferece o testemunho de uma significação cultural específica, assim como nos casos de insuficiência de dados que permitem realizar a conservação sob outra forma”. Ou seja, permite que o objeto se mantenha perante o tempo, evitando a descaracterização dos elementos mais significativos, levando em conta sua história e seu significado estético e simbólico.

Quanto à conservação do bem, é concretizado por ações a fim de evitar a decadência do patrimônio, prolongando sua vida. Conforme a Carta de Burra de 1980² “o objetivo da conservação é preservar a significação cultural de um bem; ela deve implicar medidas de

² A Carta de Burra indica linhas de orientação para a conservação e para a gestão dos sítios com significado cultural (sítios patrimônio cultural), e está baseada nos conhecimentos e na experiência dos membros do ICOMOS da Austrália.

segurança e manutenção, assim como disposição que prevejam sua futura destinação”. (CURY, 2004, p. 248)

1.1.2 O patrimônio industrial e sua preservação

Beatriz Kuhl (2008, p. 37) assegura que a preservação do patrimônio industrial não é tão antiga, se for comparada com a preocupação de outras manifestações culturais. É na França no final do século XVIII que surge a preocupação, de forma pontual, por temas relacionados à preservação dos legados voltados para a indústria. Mas é na década de 1950 na Inglaterra, que se dá início a um debate mais amplo, época em que se utiliza a expressão “arqueologia industrial”.

Elena Castore (2012) diz que a partir da década de 1960 os valores que a sociedade moderna começou a atribuir a este legado industrial induziram ao consentimento da noção de “monumento industrial”, e ao consequente conceito de patrimônio industrial. O conceito ficou definido em 2003 na Rússia através da Conferencia de TICCIH³:

O patrimônio industrial compreende os vestígios da cultura industrial que possuem valor histórico, tecnológico, social, arquitetônico ou científico. Estes vestígios englobam edifícios e maquinaria, oficinas, fábricas, minas e locais de tratamento e de refino, entrepostos e armazéns, centros de produção, transmissão e utilização de energia, meios de transporte e todas as suas estruturas e infraestruturas, assim como os locais onde se desenvolveram atividades sociais relacionadas com a indústria, tais como habitações, locais de culto ou de educação (CARTA de Nizhny Tagil, 2003).

Conforme Castore (2012), levando em conta os bens culturais, a herança arquitetônica da industrialização que hoje é reconhecida como depositária de valores históricos, artísticos, sociais e memoriais, dignos de ser preservados, a questão do seu reuso adota conotações que ultrapassam os aspectos pragmáticos para ser uma questão cultural. Há uma série de fatores ligados às peculiaridades do patrimônio industrial: por um lado dificultam o seu reconhecimento como bem cultural, mas por outro é incentivada as intervenções motivadas por intuítos puramente econômicos, que pouco se imbrica com a sua preservação.

A herança arquitetônica gerada a partir do intenso processo de industrialização passou ser motivo de preocupação, ameaçada de desaparecimento. Isso tudo por causa do

³ International Committee for the Conservation of the Industrial Heritage (Comissão Internacional para a Conservação do Patrimônio Industrial) é a organização mundial consagrada ao patrimônio industrial, criada em 1978, com o objetivo de estudar, documentar, e preservar o patrimônio industrial mundial.

crescimento e modernização das cidades, pressão especulativa e da obsolescência das fábricas (KUHL, 2009, p.38). Estas ocupam grandes espaços em terrenos caros e muitas vezes não muito estimados pelos moradores do entorno, raramente os espaços industriais são idealizados como equipamento a ser preservado, estudado e valorizado.

Castore (2012) relata que um dos problemas que os prédios industriais se deparam na preservação “é a questão da sua reutilização, em função de vários fatores atrelados, de um lado, às suas características físicas e espaciais, de outro às áreas em que foram implantados, um tempo periféricas, mas tornadas estratégicas na cidade contemporânea”.

Desde a constituição do restauro enquanto disciplina que Viollet-Le Duc (*apud* CASTORE, 2012) já estabelece que a melhor maneira de conservar o edifício é dando-lhe uma destinação, de forma que venha a satisfazer todas as necessidades que essa nova destinação impõe.

Logo, os novos usos asseguram a continuidade da vida do edifício, permitindo que o mesmo se reanime, de modo que “perca o aspecto frio e ocioso, ganhe novamente a sua beleza viva, porque o uso na arquitetura responde a uma razão de ser e talvez à base fundamental do belo” (GIOVANNONI, 1997, p.105).

Mas ao pensar no uso, é preciso respeitar as especificidades do bem, conforme é exposto no Artigo 5º da Carta de Veneza de 1964:

A conservação dos monumentos é sempre favorecida por sua destinação a uma função útil à sociedade; tal destinação é, portanto, desejável, mas não pode nem deve alterar a disposição ou a decoração dos edifícios. É somente dentro destes limites que se deve conceber e se podem autorizar as modificações exigidas pela evolução dos usos e costumes.

Para o patrimônio industrial, a carta de Nizny Tagil (2003) define que a sua integridade funcional está relacionada com a conservação do patrimônio:

A conservação do patrimônio industrial depende da preservação da sua integridade funcional, e as intervenções realizadas num sítio industrial devem, tanto quanto possível, visar a manutenção desta integridade. O valor e a autenticidade de um sítio industrial podem ser fortemente reduzidos se a maquinaria ou componentes essenciais forem retirados, ou se os elementos secundários que fazem parte do conjunto forem destruídos. [...] As novas utilizações devem respeitar o material específico e os esquemas originais de circulação e de produção, sendo tanto quanto possível compatíveis com a sua anterior utilização. É recomendável uma adaptação que evoque a sua antiga atividade.

O patrimônio industrial passa por dificuldades no seu reconhecimento como um bem cultural, em decorrência da “proximidade temporal e à natureza dos edifícios industriais construídos muitas vezes sem muitas intenções plásticas ou estéticas, sendo destinados a atender apenas às necessidades práticas” (CASTORE, 2012). Muitas vezes, constituídos por galpões a esmo na finalidade apenas de abrigar os maquinários e cumprir seu laboro, voltando-se para a funcionalidade mais do que à estética. Mas esses galpões, ou seja, a tipologia que é destinada à fábrica, permite que o espaço se adeque a diversos usos.

A versatilidade dos edifícios industriais ligada às suas características tipológicas, formais e espaciais, facilita a sua adaptação a múltiplos usos, desconsiderando muitas vezes as suas especificidades e suas próprias “vocações”; por outro lado, o forte potencial econômico ligado em muitos casos à função estratégica que as antigas áreas industriais adquiriram na cidade contemporânea, gera fortes pressões especulativas que prevalecem na escolha de uma ou outra intervenção e na adaptação a novos usos. (CASTORE, 2012)

Portanto, a sua estrutura acaba permitindo acolher diversos usos, sem que fique abandonada. Como explanado anteriormente, a melhor maneira de conservá-lo é dando-lhe uma destinação, porém ao satisfazer a necessidade, as mudanças não devem afetar os valores identificados como essenciais ao edifício.

1.1.3 Formas de intervir sobre o patrimônio arquitetônico

Ao intervir em um edifício de valor patrimonial é necessário um aprofundamento teórico, para que as propostas projetuais não permitam que seus valores identificados sejam afetados. Logo, o processo de restauração não deve se deter no empirismo, pois assim os riscos de decisões equivocadas são mais propensos a ocorrer.

Vieira; Maranhão; Vieira (2013, p.03) destacam que “a restauração como campo disciplinar autônomo possui seus referenciais teóricos e metodológicos, que não devem ser confundidos como regras fixas, mas sim como aportes para uma reflexão crítica no processo do projeto de intervenção”.

Conforme Kühl (2006, p.19), há a “necessidade do rigor metodológico na restauração, como condição necessária para execução de projetos arquitetônicos que de fato respeitem o bem que se quer preservar e como fio condutor do processo criativo”. Ainda, conforme a mesma autora, a restauração é constituída de metodologia, princípios teóricos e

procedimentos técnico-operacionais “que lhe são próprios e resultam da reflexão sobre os motivos pelos quais se preserva e de experimentações plurisseculares; o que varia, na prática, porém, são os meios postos em ação – que são variadíssimos – quando se passa à parte operacional” (KÜHL, 2009, p. 04).

Segundo Choay (2001, p. 153), foi a partir de meados do século XIX que a restauração, como disciplina, passa a ter suas bases teóricas fundamentadas claramente, através das discussões teóricas de Eugène Emmanuel Viollet-le-Duc e John Ruskin. As suas correntes doutrinárias diferiam uma da outra, sendo uma de caráter “intervencionista” e outra “anti-intervencionista”, para utilizar a classificação proposta por Choay.

Ruskin e Viollet Le Duc são reconhecidos como os pioneiros da constituição do campo de reflexão da restauração representando os dois extremos possíveis de atitudes intervencionistas: de um lado a postura respeitosa a ponto de não acreditar na possibilidade de restauração e, de outro, a postura altamente invasiva baseada exatamente na busca por uma uniformidade estilística, no fetiche pelo “original”. (VIEIRA; NASCIMENTO, 2012, p.6)

Foi através dos conceitos fundidos por Viollet-le-Duc e Ruskin que são fundamentadas as ideias do italiano Camillo Boito. Conforme Vieira e Nascimento (2012), Boito segue uma forma de intervir nos prédios que permite que a sua autenticidade⁴ não seja agredida, procurando sistematizar e tornar o ato de restaurar algo mais didático e acessível. Embora os seus princípios tenham se tornado uma “receita de bolo”, pois são tidos e utilizados como uma “cartilha” com tarefas a serem exercidas, o autor destaca a necessidade de análise de cada caso, afirma que atitudes predeterminadas não são aconselháveis para o tratamento da questão restaurativa.

Boito acabou estabelecendo princípios que ainda hoje são aceitos, como: “ a necessidade clara de diferenciações entre as partes originais e as restauradas; a mínima intervenção ou reversibilidade, dentre outros. Boito (2002) elaborou uma teoria intermediária, favorável à conservação dos acréscimos incorporados à obra arquitetônica”. (GRANATO; CAMPOS, 2013, p. 03). Boito ainda defendia que o edifício deveria conservar a

⁴ Diz respeito à pátina do edifício. A autenticidade não engloba apenas o objeto em si, mas também “a quintessência de tudo que foi transmitido pela tradição, a partir de sua origem, desde sua duração material até seu testemunho histórico” (BENJAMIN, 1994, p. 168).

sua pátina e a retirada dos elementos que foram acrescentados posteriormente, mas deve-se estudar que tipo de acréscimo.

Alois Riegl passa a contribuir a partir do século XX através de uma reflexão sobre a preservação, desde o quê e o porquê devemos preservar. Para Riegl, conforme Granato; Campos (2013 *apud* Riegl 2006), os critérios para preservação dos monumentos eram aplicados para qualquer obra humana que tivesse certa antiguidade e simbolismo sentimental ou social e não somente por sua singularidade e excepcionalidade histórica ou artística. Riegl empreende uma reflexão que se funda muito mais no valor outorgado ao monumento do que no monumento em si, tratando valor não como categoria eterna, mas como evento histórico (ZERNER, 1995 *apud* CUNHA, 2006).

Riegl conceitua, conforme Costa (2005), que se deve evitar a intervenção arbitrária da mão do homem. E que não se pode acrescentar ou retirar, nem substituir o que foi alterado no decorrer de anos sob a ação das forças naturais, como também não se pode suprimir os acréscimos que alteram a forma original.

Para Cunha (2006), a grande contribuição de Riegl reside na identificação dos vários tipos de valor atribuídos aos monumentos, decorrentes das diferentes formas de percepção e recepção dos monumentos históricos em cada momento e contexto específicos, os contrastantes meios para sua preservação. Ao apontar essas várias possibilidades, se impõe ao sujeito da preservação a necessidade de fazer escolhas, as quais devem ser, necessariamente, baseadas num juízo crítico.

Brandi, teórico italiano, propõe uma metodologia para a prática da intervenção, tida como “momento metodológico do reconhecimento da obra de arte, na sua consistência física e na sua dúplici polaridade estética e histórica, com vistas à sua transmissão para o futuro” (BRANDI, 2004, p. 30).

Através da formulação do seu conceito sobre o restauro pode-se extrair dois importantes axiomas. O primeiro, diz que “restaura-se somente a matéria da obra de arte” (BRANDI, 2004, p. 31), alude aos limites da ação de restauro, que conforme Cunha (2004), levando em conta que a obra de arte em sua acepção é um ato mental que aparece em imagem através da matéria e é através dela que se intervém e não no processo mental. O

outro axioma é que “a restauração deve visar ao restabelecimento da unidade potencial da obra de arte, desde que isso seja possível sem cometer um falso artístico ou um falso histórico, e sem cancelar nenhum traço da passagem da obra de arte no tempo” (BRANDI, 2004, p. 31). A unidade potencial é um conceito muito importante estabelecido por Brandi, pois cada pedaço da obra faz parte de um todo. Quando tidos de forma separada são inertes, não possuem o valor total da obra. Para a intervenção em si, Brandi estabelece dois princípios, que auxiliam no estabelecimento da unidade potencial: “a integração deverá ser sempre e facilmente reconhecível; mas sem que por isto se venha a infringir a própria unidade que se visa a reconstruir” (BRANDI, 2004, p. 47) e “que qualquer intervenção de restauro não torne impossível mas, antes, facilite as eventuais intervenções futuras” (BRANDI, 2004, p. 48)

No ato da restauração, o estado de conservação da obra será um condicionante, no âmbito estético, os limites estarão voltados em função dos valores da matéria da obra e do seu significado como obra de arte, onde “a unidade figurativa da obra de arte se dá concomitantemente com a intuição da imagem como obra de arte” (BRANDI, 2004, p. 4). Já no âmbito histórico, “limitar-se a desenvolver as sugestões implícitas nos próprios fragmentos ou encontráveis em testemunhos autênticos do estado originário” (BRANDI, 2004, p. 47).

São esses conceitos da obra de arte, tida como matéria no espaço e no tempo, e como unidade potencial definidos por Brandi, que tornam o seu pensamento atual. Em sua teoria, a restauração é um ato crítico-cultural do presente, conforme afirma Cunha (2004), e, que portanto está condicionado pelos valores do presente. Valores que não devem menosprezar ou se eximir da responsabilidade que o ato de restauro traz em si, seja para a sua geração, seja para gerações futuras.

Contudo, as contribuições do restauro crítico permitiram detectar correntes⁵ na prática de intervenção ao patrimônio. A partir dos conceitos de Brandi, citados acima, está a corrente que é abordada por Kuhl (2008) e que foi denominada e interpretada por Carbonara de “crítico-conservativa”. Essa corrente está embasada na teoria brandiana e também na releitura do restauro crítico, afirmando que a restauração tem um lugar

⁵ Kuhl (2008) destaca três correntes na prática contemporânea italiana que foram interpretadas por Carbonara: “crítico-conservativa”, “conservação integral” e “represtinação”.

conservativo de forma prudente, não sendo um congelamento. Ela propõe a utilização de recursos criativos que podem estar envolvidos na restauração e está ligada a um juízo histórico-crítico na análise da relação estética e histórica. Ela sem coloca dentro da escala de intervenção num patamar intermediário; há a preservação, e, sua intervenção não é tão agressiva, existindo uma conexão estabelecida entre eles.

Toda essa discussão da escala de intervenção “crítico-conservativa”, a partir dos conceitos de Brandi, servirá de suporte para fundamentar a proposta de intervenção do trabalho.

1.2. ARQUITETURA SACRA E O CENTRO CATÓLICO DE EVANGELIZAÇÃO

1.2.2 Arquitetura como espaço sagrado

Ao intervir numa antiga fábrica inserindo um equipamento de cunho religioso, é preciso criar um dialogo entre as partes. É necessário que a solução não perca de vista a sua essência fabril, nem tampouco a sacralidade do equipamento. Para tanto, foi preciso estudar alguns pontos relevantes ao interferir na arquitetura como elemento religioso.

A arquitetura sacra é repleta de simbolismo. Para o homem, o pensamento simbólico é essencial, é uma forma de tornar palpável aquilo que é abstrato, dando sentido à vida. “O homem necessita dar ao imperceptível uma forma perceptível, por isso a simbolização se produz em um contexto misterioso, já que o objeto simbolizado tem algo de inapreensível” (SEBASTIAN, 1996, p.17).

Conforme Mircea Eliade (1970 *apud* Oliveira, 2010, p.16) o estudo acentuado da religião leva decisivamente ao simbolismo. A arquitetura religiosa estabelece uma relação simbólica, garantindo o poder significante dos templos. Ele é um “lugar sagrado” por excelência e é a partir do templo que os espaços ganham sentido e realidade. Conforme Oliveira (2010, p. 17) a principio há uma dissociação da forma arquitetônica na experiência com o espaço sagrado estabelecendo-se como uma experiência religiosa. Mas o espaço sagrado passa a interessar à arquitetura quando determinante do uso a ser dado a ele, sem que se discuta a sua natureza. Essa questão do espaço e a religião é uma característica que está inserida em vários povos, independentemente da religião, onde a existência de “espaços sagrados” está associada a locais com a realização de cultos.

A arquitetura sacra católica, após o Concílio Vaticano II - ocasião que se regularam vários temas - sofre grandes mudanças, pois as formas contemporâneas também passam a ser utilizadas no espaço sagrado.

O espaço sagrado católico deve ser elaborado levando em consideração vários pontos para que não perca o verdadeiro sentido do cristianismo. Mircea Eliade (2002) pontua alguns elementos para reavermos o sentido do sagrado católico, dentre eles o cuidado com o rito que atualiza a hierofania⁶, pois quando o rito se banaliza, se perde o sentido do sagrado cristão; valorização da liturgia: é através dela, especialmente na eucaristia, que se atualiza a obra da redenção; revisão mais ampla do significado da moradia e do espaço sagrado católico; convite implícito a elaborar com desvelo os oratórios, capelas e templos, pois os lugares sagrados conduzem o fiel à unidade.

Conforme Azevedo (2013), observando o que diz o Cardeal Ratzinger sobre as orientações para a construção do espaço sagrado, a cruz deveria encontrar-se no meio do altar a fim de se tornar um ponto de vista comum para o sacerdote e para a comunidade orante. Logo, volta-se para a exclamação de oração no limiar da eucaristia: voltai-vos para o Senhor (*conversi ad Dominus*), lembrando da imagem original da última ceia. Contendo como critérios a limpeza, visibilidade e elementos que conduz ao essencial. Esses elementos devem anunciar a figura de Deus, sem excesso, mas objetivando-o através da simplicidade. Azevedo (2013) chama atenção para a expressão do espaço, o qual deve simbolizar a veracidade do Cristo, de uma forma que o espaço deva ser pensado para servir à liturgia. Considera, também, que a luz é um item fundamental, pois ela simboliza a graça que regenera o homem, numa forma de sentir-se elevados.

1.2.1 Necessidade espacial da evangelização em função da Comunidade Carismática

A palavra evangelização deriva do substantivo grego *euangelion*, “boas novas”, e do verbo *euangelizomai*, “anunciar, proclamar ou trazer boas novas”. O processo de evangelizar tem início com a pessoa de Jesus, através da sua vida pública. O artifício de evangelizar tem sido empregado como sinônimo de missão. É nesse ponto do evangelho tido como missão que se estrutura uma necessidade, e que uma de suas formas de materialização é através

⁶ Termo foi cunhado por Mircea Eliade em seu tratado sobre a história das religiões para se referir a uma consciência fundamentada da existência do sagrado.

dos Centros de Evangelização, que é um espaço utilizado por diversas correntes religiosas. Neste trabalho, trataremos de um Centro Católico de Evangelização especificamente voltado para as Comunidades Carismáticas Católicas.

Para compreender a necessidade de um espaço físico no processo de evangelização inserido em um Centro Católico Evangelização (CCE)⁷ a serviço de uma Comunidade Carismática, é preciso, sobretudo, que se conheça como se fundamenta a Renovação Carismática Católica (RCC), pois a mesma está estritamente atrelada ao CCE que se deseja propor.

A Renovação Carismática Católica é um movimento da Igreja Católica Apostólica Romana, chamado de Movimento Carismático e teve sua origem no ano de 1967 nos Estados Unidos. A partir de então foi espalhado por todo o mundo. “A Renovação Carismática apareceu na Igreja Católica no momento em que se começava a procurar caminhos para pôr em prática a renovação da Igreja, desejada, ordenada e inaugurada pelo Concílio Vaticano II” (RCC BRASIL).

Como base fundamental da Renovação Carismática, constituem-se os Grupos de Oração⁸, liderados por leigos e formados por um número variado de pessoas, em reuniões que acontecem semanalmente. Estes são organizados geralmente nas paróquias, nos locais destinados aos encontros ou nos centros de evangelização católicos. Os grupos podem ter origem de uma Comunidade Carismática ou de um grupo pertencente a movimentos paroquianos ligados à RCC.

A Comunidade Carismática está em função da Igreja Católica e tem sua “atuação no meio secular, estas comunidades possuem uma vivência da fé católica no interior da Igreja, seja nos templos católicos (igrejas e capelas) ou em ‘centros de evangelização’ que se comportam de maneira semelhante a um centro pastoral” (LIMA, 2005, p. 15). O espaço destinado ao CCE para as Comunidades Carismáticas está voltado tanto para eventos de pequeno porte, quanto para grandes. Este podem variar dependendo da dimensão da

⁷ Um Centro Católico de Evangelização não tem apenas a função de servir a comunidade carismática, mas no referido trabalho o CCE será voltado para essa finalidade, logo será destrinchado nas bases da Renovação Carismática.

⁸ O Grupo de Oração é a célula fundamental da Renovação Carismática Católica, é a expressão máxima e principal da RCC, tendo três momentos distintos: núcleo de serviço, reunião de oração e grupo de perseverança.

atividade, desde pequenos grupos de oração até eventos de massa como Seminários de Vida no Espírito Santo, ou eventos relacionados à comunidade ou às necessidades Igreja.

Logo, percebe-se a necessidade espacial para atender a essas funções. Quando se estabelece em um local já existente, através do aluguel de edifícios, é preciso readequar os espaços para atender às atividades. Dependendo do uso anterior, poderão existir grandes modificações, no intuito de realizar os pequenos e os grandes eventos. Quando o local não é suficiente, via de regra, busca-se por estruturas alternativas de ampla dimensão, como ginásios, escolas ou casas de retiro.

1.3 A ANTIGA FÁBRICA INHARÉ COMO PATRIMÔNIO CURRAISNOVENSE E O CICLO DO ALGODÃO

1.3.1 Estruturação do patrimônio edificado curraisnovense em função da cotonicultura

O período inicial de Currais Novos brota no chamado ciclo do gado ou pecuária, período importante no povoamento do interior do Brasil. A construção do espaço urbano curraisnovense se inicia no entorno de uma capela, atual Igreja Matriz de Sant'Ana, e se desenvolve em cima da atividade agropastoril. Conforme Araújo (2009, p. 49), algumas habitações foram erguidas nas suas proximidades, passando a serem comercializados os produtos oriundos de outras regiões e que ajudaram a abastecer a futura cidade.

Não foi só o ciclo do gado que trouxe para a cidade um diferencial, o ciclo do algodão no ascender das luzes do século XX se encarregou de trazer uma nova época para Currais Novos, tanto econômica quanto urbana. “Englobando características de boa adaptação ao clima do Seridó, o algodão foi um produto de extrema importância na história econômica dos municípios seridoenses (...) as usinas, instaladas na cidade, impulsionaram seu crescimento” (ARAÚJO, 2009, p. 46).

O Nordeste passou a produzir o algodão em grande escala a partir das necessidades de âmbito internacional: a Revolução Industrial fez crescer a demanda pelo produto. No final do século XIX, o ciclo econômico algodoeiro do Seridó potiguar se transformou numa das maiores fontes formadoras da renda do Estado, que passou a ser grande produtor do algodão mocó ou “algodão do Seridó”, uma espécie de algodão de fibra longa e de boa resistência.

No anos de 1920, o Seridó passou a produzir mais de 40% de todo algodão exportado pelo Estado. Os altos lucros atraíram quase todo o potencial de trabalho, capital e tecnologia disponíveis na região, que foram empregados na produção, beneficiamento e comercialização daquilo que era um verdadeiro ouro branco. (NO SERIDÓ..., 2010, não paginado).

Toda essa conjuntura foi estabelecida com o início do cultivo do algodão e resistiu até por volta de 1970. O declínio da cotonicultura dependeu de vários fatores que juntos provocaram o fim das atividades no Seridó potiguar:

[...] o aparecimento das fibras sintéticas, a ocorrência de uma sequência de períodos de seca, as altas taxas de juros e a correção monetária incidentes nos contratos de empréstimo rural e, finalmente, o aparecimento a praga do bicudo. O bicudo é freqüentemente evocado como o pivô da crise, entretanto ele foi tão somente mais dos problemas que se somaram e ocasionaram essa história (NO SERIDÓ..., 2010, não paginado).

O declínio da cotonicultura do Seridó levou à falência outras atividades que estavam envolvidos com o ciclo:

A cotonicultura do Seridó, outrora exuberante, foi desestruturada, quase que eliminada, provocando à bancarrota de todos os outros setores envolvidos na cadeia produtiva do algodão: os comerciantes intermediários, maquinistas, beneficiadores e indústria de óleo. (NO SERIDÓ..., 2010, não paginado).

Ainda imbricado com o anterior, o ciclo seguinte tem início na década de 1940, foi substancialmente marcante na história econômica e urbana: o extrativismo mineral. Pois também coadunou para ascensão do município e possibilitou uma certa identidade de cidade moderna a Currais Novos. Até então a cidade já passava por um momento de modernidade, oriundo do ciclo do algodão, e com o introjetar da mineração na economia do município, o espaço urbano ganha mais evidência, no qual inúmeros empreendimentos são incorporados ao seu espaço construído.

Mesmo com decaimento da atividade algodoeira e mineradora, conforme Araújo (2009, p. 50), a cidade não decaiu por completo. Aconteceram algumas mudanças no seu espaço, a cidade largou seu costume produtivo de bens primários e passou a integrar, sobretudo, a rede de consumo e distribuição de produtos.

A mineração e cotonicultura marcaram uma época de grande importância na cidade que levou à construção de edifícios representativos desse período em seu espaço urbano. Com a consolidação do cultivo do algodão, no início do século XX, sobreveio uma dinamização na economia, permitindo o desenvolvimento e a modernização de Currais

Novos, que em 1920 passou de vila à cidade. A cidade vivenciou uma época de modernização:

(...) essa modernidade, que nomeamos de peculiar ou tímida, é entendida nesses termos levando em consideração um contexto maior. Ao que se refere regionalmente, Currais Novos desponta como referência, em se tratando de modernidade. Dos discursos que se pronunciam na literatura e na mídia, nas falas das pessoas, impressas em livros e revistas, nas imagens produzidas em fotografia, tudo parece um trânsito entre o cosmopolita e o regional, o local e o global. (MEDEIROS, 2010, p.52 e 53)

Medeiros (2010, p. 16) chama atenção para os ares de modernidade, que a partir desse período, já sopram na cidade seridoense com as ideias progressistas e cosmopolitas. Muitos prédios foram construídos no embalo da modernidade vigente em Currais Novos, os quais expressam um ar de cidade grande: vários edifícios residenciais, institucionais suntuosos de filiação eclética e vários monumentos.

A Avenida José Bezerra Gomes foi a que melhor representou a modernidade urbana neste início de século. Ela recebeu arborização, iluminação, saneamento e os mais característicos constructos de uma ordem urbana moderna como: coreto, obeliscos, praças, além do Grupo Escolar Capitão-mor Galvão. A rua larga foi planejada segundo as novas necessidades de transporte e locomoção e o casario, com sua esplendorosa arquitetura, ostentava a posição social daqueles que desfrutaram da riqueza dos fios brancos do algodão mocó. (MEDEIROS, 2010, p.54)

Esse tempo gerou edifícios de grande valor histórico e simbólico, não só no município de Currais Novos, mas nas cidades onde a cotonicultura foi um veículo econômico importante. A partir da pesquisa realizada em 2013 pela autora do presente, percebe-se que o patrimônio edificado curraisnovense sofreu grandes perdas ao longo dos anos. No entanto, ainda há exemplares que representam a história vivenciada pelo município. Mas estes são encontrados de forma pontual dentro do conjunto arquitetônico da cidade, não sendo mais possível observar de forma clara a unidade no seu contexto urbano. Até a década de 1970, ainda era possível observar um conjunto mais unificado, desde então os exemplares estão sumindo gradativamente.

Currais Novos passa por um processo onde não houve muita preocupação em preservar o seu patrimônio histórico. O desaparecimento ou a descaracterização de alguns edifícios de valor simbólico ou histórico é perceptível nas últimas décadas, como visto pela autora na pesquisa realizada anteriormente. Muito embora a administração pública

municipal disponha de vários recursos legais, mas que não são devidamente utilizados no que diz respeito à efetivação de leis ou diretrizes propostas para a preservação patrimonial. O município possui uma lei de tombamento (Lei Nº 1.168 de 5 de julho de 1990), porém essa medida legal, nunca foi utilizada para tombamento de nenhum bem.

1.3.2 Antiga Algodoeira de Currais Novos como patrimônio edificado

A maioria da produção urbana curraisnovense dos bens patrimoniais foi estruturada no chamado Centro Histórico⁹. Mas alguns exemplares erguidos estão fora dessa área histórica, área que é estabelecida pelo Plano Diretor de Currais Novos. Isso ocorreu à medida que a cidade foi crescendo e os novos edifícios passaram a ser implantados distantes dos limites iniciais.

Quando a Fábrica de óleo Vegetais Totoró Ltda¹⁰ foi construída, em 1951, situava-se numa área eminentemente rural, mesmo estando próxima à área urbana. Nesse início, tratava-se de uma usina que a partir do caroço do algodão beneficiava o óleo de cozinha e retirava a torta para o gado, através das prensas Piratininga, maquinário moderno da época para extração do óleo do algodão. Em 1965 foi feita uma cooperativa, através de uma associação entre alguns sócios de Currais Novos: uma usina para descarregar o algodão. (informação verbal)¹¹

Na década de 1970 a usina foi arrendada a um grupo de Caicó por cinco anos, a partir de então passou-se a beneficiar o algodão, instalou-se maquinário para beneficiamento do algodão mocó, realizando apenas essa atividade. Após o arrendamento e morte do dono os filhos passaram a administrar a fábrica, agora, passando a se chamar Fábrica Algodoeira Inharé, época que prosperou bastante, e que foram implantadas várias usinas nas cidades ao redor. (informação verbal)¹²

Com a decadência da cotonicultura, o beneficiamento do algodão vai perdendo sua força. Mesmo depois da década de 1970 a Algodoeira Inharé passa a beneficiar até meados da década de 1990, já em seus últimos suspiros. Após esse tempo, a fábrica foi fechada

⁹ Conforme a UNESCO é todo agrupamento de construções e espaços (...) cuja coesão e valor são reconhecidos do ponto de vista arqueológico, arquitetônico, pré-histórico, histórico, estético ou social.

¹⁰ Imagem de localização na página 58, Figura 52.

¹¹ Informação fornecida por Tomaz Galvão (herdeiro da Fábrica) na entrevista, em Currais Novos, em junho de 2014.

¹² Id, Tomaz Galvão, 2014.

permaneceu sem uso quase duas décadas. Atualmente os galpões mais recentes são utilizados como depósito de uma distribuidora na cidade. (informação verbal)¹³

Percebe-se que a fábrica passou quase meio século em funcionamento, desde a década de 1950 até meados de 1990. Esse tempo foi importante para criar no espaço urbano curraisnovense uma memória a quem trabalhou, ou quem viveu ou vive nas proximidades. Faz parte da memória de Currais Novos há mais de seis décadas e pode ser considerada como patrimônio industrial pelo seu valor histórico-memorial e por meio de um objeto material que é resquício do ciclo do algodão.

¹³ Id, Tomaz Galvão, 2014.

2. ESTUDOS DE REFERÊNCIA

O referente tópico abordará o referencial empírico que objetiva conhecer projetos com usos análogos ao desejado no trabalho. É composto por quatro estudos, divididos em projetos de requalificação de edifícios industriais e projetos de cunho religioso.

O Sesc Pompéia (São Paulo) e a Escola de Comunicação, Ofícios e Artes - ECOA (Sobral), realizados de forma indireta, foram os estudos que contribuíram na reflexão da questão patrimonial através da intervenção em antigas fábricas. O estudo do ECOA, além de ser uma intervenção em uma antiga fábrica de algodão, semelhante a este trabalho, também trás consigo um projeto que se relaciona com o meio urbano.

Os outros dois estudos estão voltados para a função como espaço religioso católico. O Centro Católico de Evangelização Shalom (Natal), realizado de forma direta, contribuiu para a compreensão da funcionalidade do centro de evangelização, ao mesmo tempo que se percebe a sua inserção em um bem patrimonial, pois o mesmo funciona em um edifício modernista. E por fim, realizado de forma indireta, o estudo do Igreja Nossa Senhora de Guadalupe (São José dos Pinhais – PR), onde foi observado a sua simbologia como espaço sagrado católico à medida que é uma nova intervenção em uma antiga capela.

2.1 SESC POMPÉIA

Este estudo de referência realizado de forma indireta tem sua relevância na intervenção em uma antiga fábrica e no novo elemento que compõe o projeto. O SESC Pompeia, um centro de cultura e lazer desenvolvido por Lina Bo Bardi em 1982, é um projeto de reuso instalado em uma velha fábrica de tambores que foi desativada na década 1970. A forte identidade da memória industrial é mantida preservada pelas soluções de restauro, a linguagem arquitetônica dos novos blocos reforça o lado fabril e industrial do conjunto.

Localizado na Rua Clélia no bairro da Pompeia, São Paulo/SP, ocupa uma área de 16.573,00m² do terreno (Figura 01). A implantação se dá por vários galpões antigos e de três blocos novos voltados para a Av. Pompeia. O seu acesso principal ocorre pela Rua Clélia, através de um grande corredor que o caracteriza como o eixo principal de circulação do equipamento.

Figura 1: Localização Sesc Pompeia.

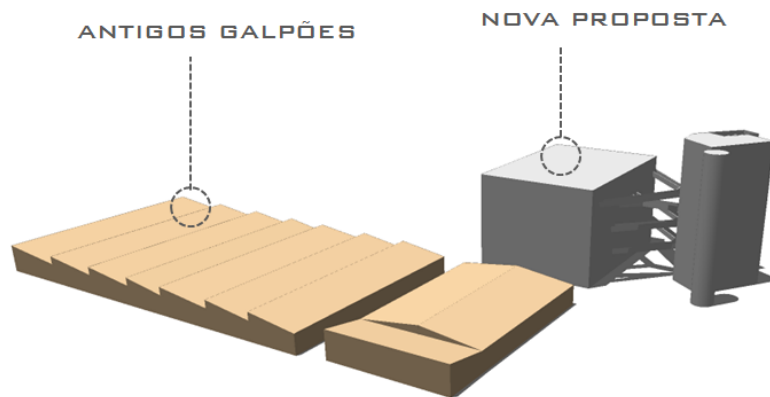


Fonte: Google Maps, 2014

Nota: Editado pela autora.

A composição se dá quando os blocos da antiga fábrica, ou seja os antigos galpões, abrem espaço para três volumes novos em concreto aparente (Figura 2).

Figura 2: Volumes do Sesc Pompéia.



Fonte: Google WareHouse SketchUp, 2014

Nota: Editado pela autora, 2014.

Em 1982 é concluída e inaugurada a primeira etapa, referente à intervenção dos galpões na antiga fábrica dos irmãos Mauser. Possui como sistema construtivo o concreto armado e alvenaria como vedação, raramente utilizado no país naquela época, após essa grande descoberta do tipo de sistema construtivo utilizado, Lina Bo Bardi dá um valor especial à composição, inicia-se o processo da busca da tectônica: realiza-se o

desnudamento dos edifícios, através da retirada dos rebocos e aplicação de jatos de areia nas paredes, deixando aparente os tijolos e o sistema viga-pilar (Figura 3 e Figura 4).

Figura 3: Retirada do reboco das paredes originais do galpão de atividades gerais, abril 1980.



Fonte:

<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/minhacidade/08.093/1897>. Acesso em: 12.07.2014.

Figura 4: Paredes originais do galpão sem os rebocos, abril 1980 .



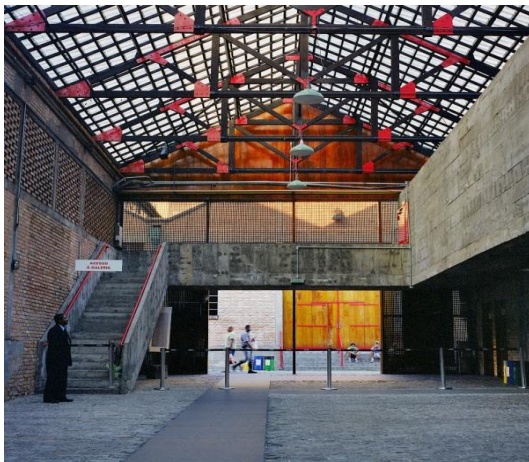
Fonte:

<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/minhacidade/08.093/1897>. Acesso em: 12.07.2014.

Lina decide conservar os espaços livres dos galpões, mas as funções da antiga estrutura seriam alteradas, o que acaba tornando o projeto de tecnologia fabril em um projeto moderno. A intervenção teve o cuidado em deixar evidentes os vestígios da antiga fábrica nas paredes, pisos, telhados, estruturas, manutenção do vão livre, na inserção de novos elementos como o mezanino e até mesmo na linguagem das novas instalações (Figura 5 e Figura 6). É perceptível a essência da fábrica nas soluções adotadas, está penetrado em cada determinação projetual a sua função pioneira, respeitando a história que gerou todo o conjunto.

Uma velha fábrica em desuso, que não serve mais às funções para as quais foi concebida, renasce com toques contundentes e até violentos, como as torres de concreto, ou delicados, como as canaletas de águas pluviais da rua central ou as treliças de madeira das janelas. Lina soube dosar a mão – ora pesada ora leve, de acordo com a demanda e o discurso arquitetônico a ser comunicado a todos os que passaram e passam por ali. Afinal, arquitetura é forma eficaz e necessária de comunicação. (FERRAZ, 2008)

Figura 5: Vista interna do galpão contemplando o mezanino.



Fonte: www.archdaily.com.br/br/01-153205/classicos-da-arquitetura-sesc-pompeia-linabo-bardi/52797c0ae8e44e865400007b. Acesso em: 12.07.2014.

Figura 6: Vista interna do galpão contemplando o vão livre.



Fonte: alicevergueiro.files.wordpress.com/2009/03/000027copy.jpg. Acesso em: 12.07.2014.

Houve a preocupação em fazer com que os novos volumes tivessem um diálogo com o antigo (Figura 7). Logo, existe a relação dentro dos galpões com a nova arquitetura proposta, as treliças apresentam conectores metálicos vermelhos que se associam às janelas dos prismas. Dentro de alguns galpões há mezaninos de concreto armado aparente, aludindo ao mesmo material construtivo dos novos volumes.

Em 1986 a composição nova do projeto é inaugurada, um complexo monumental que facilmente percebe-se que faz parte de uma intervenção atual, não se confundindo com o antigo, pois difere na forma e nos materiais, além de existir uma associação com a antiga função fabril do edifício:

A própria linguagem arquitetônica das novas edificações reforçava o lado fabril e industrial do conjunto. Ela está no despojamento da aplicação dos materiais e, principalmente, em sua escala. Sim, os edifícios novos rompem a delicadeza e a escala “bem composta” dos galpões de tijolinhos e telhas de barro, e se apresenta como grandes containers ou silos industriais. (FERRAZ, 2008)

Os novos anexos monumentais de uso esportivo são constituídos de três prismas (Figura 8): um de base retangular de 30 x 40m e com a altura de 45m, o segundo prisma também retangular, menor e mais alto que o primeiro, com base de 14 x 16m e altura de 52 m. Enquanto que o terceiro é um cilindro esguio de 8m de diâmetro e 70m de altura (Figura 7, Figura 8):

Figura 7: Vista que contempla o novo e o antigo – primas e os galpões.



Fonte:

casavogue.globo.com/Arquitetura/Gente/noticia/2014/04/cem-anos-da-arquiteta-democratica.html. Acesso em: 12.07.2014.

Figura 8: Relação dos três novos volumes.



Fonte:

noticias.bol.uol.com.br/entretenimento/2012/09/18/c-onde-matarazzo-guia-passeio-turistico-por-sao-paulo.jhtm. Acesso em: 12.07.2014.

O prisma maior possui cinco pavimentos, e pé-direito duplo em cada pavimento, abriga as quatro quadras e a piscina. Suas paredes perimetrais de 35cm são portantes (concreto protendido), apresentando um vão interno livre, sem nenhuma estrutura interna complementar. Seu aspecto é de concreto ripado aparente e sua laje nervurada possui 1m de altura. Nas menores faces estão localizadas as janelas irregulares, que na hora da concretagem foram colocados isopor com forma irregular, quando retirados, resultou nas conhecidas janelas do Sesc Pompeia, seu aspecto vermelho se dá pelo fechamento com treliça de madeira na cor vermelha.

O segundo bloco prismático, tem sua base 30° inclinada em relação ao prisma maior. Apresenta doze pavimentos, que, embora com pé direito simples coincide com o bloco maior que possui o pé direito duplo, pois os dois são interligados por meio de 8 passarelas que dão acesso aos vestiários. Elas possuem desenhos irregulares com vão de 25m e 2m de largura, essas passarelas ocorrem no projeto em função de uma necessidade do lugar e não de uma decisão formal, pois logo abaixo encontra-se o córrego Água Preta o que torna uma área *non aedificandi*. O seu aspecto se dá pela tectônica do concreto ripado, suas fachadas apresentam janelas dispostas irregularmente, mas dessa vez elas são quadradas e menores.

O último prisma em forma de cilindro está conectado por uma passarela metálica que sai da sua cobertura. Sua composição é formada de 70 anéis de concreto ripado

sobrepostos, cada um com 1m de altura. Esses anéis possuem sua face externa em forma de troco, o que permite perceber o encaixe entre cada peça.

Este projeto é um acontecimento para a geração nos anos 80, que reconhecia na obra um ponto de inflexão na história da arquitetura contemporânea; dissonante num contexto marcado pela afasia; extravagante, provocativo e delirante onde só se via repetição; poético e criativo, ocupando um vazio de debates e reflexões. A antiga Fábrica de Tambores da Pompeia tornou-se um marco nos debates sobre revitalização no Brasil, a começar pelos cursos de arquitetura. A opção valorativa da revitalização dos edifícios, e o pensamento sobre formas de intervenção, se não chegaram a ser um trabalho onde a grande maioria dos arquitetos estivesse envolvida profissionalmente, tornou-se mais do que um tema oportuno, uma discussão comum nas escolas de arquitetura, sobretudo nos temas de Trabalhos Finais de Graduação. (JORGE, 1999 *apud* FERRAZ, 2008)

A importância de estudar o Sesc Pompéia vem da intervenção à antiga fábrica de tambores. Nela pode-se direcionar o olhar para a importância da história do lugar, como também para o respeito da proposta projetual, e poder averiguar a inserção do novo e fazer a conexão entre os dois meios.

O estudo indireto do Sesc Pompéia permitiu analisar as soluções formais em uma intervenção de uma antiga fábrica com a inserção de um novo elemento. Lina Bo não perdeu de vista a essência do uso anterior, permitindo utilizar-se dos galpões com intervenções projetuais que alcançava uma relação entre as partes, ou seja, teve um extremo cuidado na escolha dos materiais colocando como objetivação a integração do novo e o antigo.

2.2 ECOA – ESCOLA DE COMUNICAÇÃO, OFÍCIO E ARTES

O estudo de referência aqui apresentado foi realizado de forma indireta, corresponde à Escola de Comunicação, Ofícios e Artes (EOCA), intervenção de requalificação em uma antiga fábrica de beneficiamento de algodão na cidade de Sobral/CE (Figura 9). O intuito é explorar a intervenção no bem patrimonial industrial e as soluções projetuais utilizadas para torná-lo mais permeável ao espaço urbano.

Figura 9: Localização ECOA, Sobral/CE.



Fonte: Google Maps, 2014

Nota: Editado pela autora, 2014.

O projeto faz parte da intervenção de requalificação urbana na margem esquerda do Rio Acaraú que serpenteia a cidade, como também, compõe o sítio histórico da cidade, que tombado pelo IPHAN, possui um valor histórico incomensurável. O projeto urbano foi resultado de um concurso a nível nacional realizado pela Prefeitura Municipal de Sobral e pelo IAB no ano de 2000, o vencedor foi o escritório cearense Nelson & Campelo (NEC).

Nas margens do rio está a antiga algodoeira, e, atual ECOA, próximo a outros edifícios de valor patrimonial que também passaram por projeto de restauração ou adaptação, como a Biblioteca Pública Lustosa da Costa. Ao referir aos dois projetos de intervenção citados acima, Nascimento (2011) comenta:

As premissas de intervenção seguidas nos dois edifícios revelam a orientação de aliar passado e presente, de formas distintas, como poderemos identificar a partir de análises realizadas dos projetos dos referidos edifícios, buscando articular a forma arquitetônica e a relação passado – presente (modernização *versus* tradição).

Conforme os autores, a intervenção na fábrica teve como foco o restauro e requalificação dos antigos galpões para abrigar atividades destinadas à produção e difusão das artes cênicas, plásticas, gráficas e das comunicações. O projeto permitiu integrar a fábrica ao espaço urbano de forma suave. Saem os muros e surge uma nova rua que contorna um dos lados da escola, ligando ao traçado existente da cidade, conforme é percebido na Figura 9. A implantação permite integrar essa nova via ao novo acesso principal

composto por um espelho d'água e uma fonte, por isso, caracterizado como “rua das águas” (Figura 10 e Figura 11).

Figura 10: Vista do conjunto ECOA a partir da “rua das águas” .



Fonte: Nascimento (2011).

Figura 11: Imagem da “rua das águas” a partir da fonte.

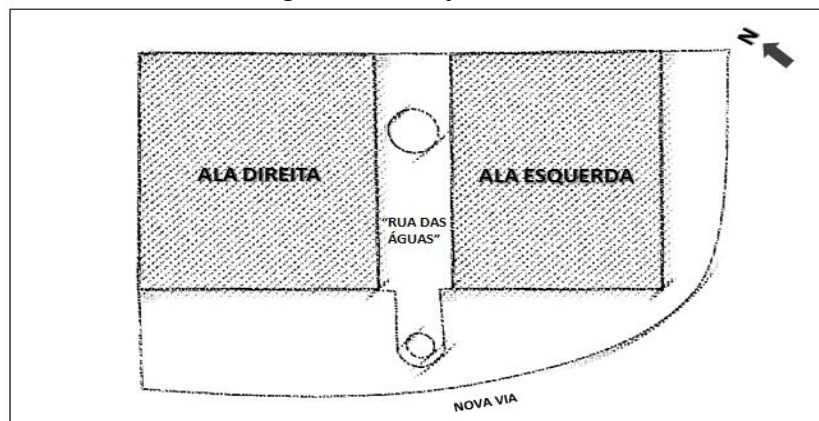


Fonte: www.facebook.com, 2014.

Nota: Página oficial da ECOA no Facebook.

Esse acesso se dá de forma recuada e agradável, permitindo criar um espaço livre atrativo aos transeuntes. Ele torna-se um eixo de circulação e distribuição dentro do projeto, distribuindo tanto para os setores quanto para o anfiteatro, denominado por Nascimento (2011), em sua análise, de Ala esquerda e Ala direita (Figura 12 e Figura 13)

Figura 12: Indicação das alas.



Fonte: Elaborado pela autora, 2014.

Figura 13: Vista do acesso principal com as respectivas alas.



Fonte: Nascimento (2011).

À esquerda encontra-se a Escola de Comunicação e o espaço destinado ao restaurante. À direita está a Escola de Pintura, desenho e escultura e o Teatro. No referido setor foi criado um pátio coberto, destinado à convivência, é através dele que se tem o acesso até o pavimento superior além de uma rampa em concreto aparente com acesso externo. Neste pavimento são desenvolvidas as atividades de dança e de canto, e, também é onde estão as coordenações e administração dos cursos.

A todo tempo, procurou-se manter as características remanescentes do edifício industrial, não perdendo de vista a essência fabril do mesmo. Na ala esquerda foi mantida praticamente toda a forma arquitetônica, com apenas alteração do pé direito através da inserção de um mezanino para abrigar parte do setor administrativo. A ala direita passou por mudanças com maiores impactos, através da inserção de um novo volume prismático que tinha como função guardar os equipamentos do teatro, e, também da criação do pátio interno incorporado à estrutura existente ao lado do teatro. O pátio diferencia-se como novo elemento através da aplicação de outros materiais, como a estrutura metálica e do concreto.

Conforme Nascimento (2011), percebe-se que o volume prismático, possuindo um nível mais elevado sacando da cobertura do edifício (Figura 15), está deslocado do nível das fachadas no intuito de amenizar o impacto visual na composição existente.

Figura 14: Vistas de uma das fachadas com o volume prismático.



Fonte: <http://nec.arq.br/index.php/projetos/educacao-e-cultura/educacao-e-cultura/escola-de-comunicacao-oficios-e-artes>. Acesso em 01.08.2014.

Nota: Modificado pela autora, 2014.

Figura 15: Vistas interna do volume.



Fonte: <http://nec.arq.br/index.php/projetos/educacao-e-cultura/educacao-e-cultura/escola-de-comunicacao-oficios-e-artes>. Acesso em 01.08.2014.

No espaço interno foram realizadas algumas alterações a fim de receber o novo programa de necessidades; quanto à volumetria do complexo, de forma geral, esta foi preservada. Ao intervir, a expressão do antigo é mantida em função da inserção do novo, como analisa Nascimento (2011, p. 12) na:

[...] adequação entre o antigo e o novo, são reservados momentos que possibilitam uma maior liberdade no traço, revelados na definição formal de elementos como a rampa e o anfiteatro. Trabalhados como elementos escultóricos. Apresentam um contraste com o perfil do edifício fabril convertido em espaço de caráter sócio-educativo. Um contraste, entretanto que, segundo os adeptos da qualidade do projeto, não anula, mas soma.

A intervenção na antiga fábrica, além de permitir exalar a essência fabril através da relação novo *versus* antigo, como citado há pouco, vem reavivar o projeto como elemento que compõe o espaço citadino. Como expõe Nascimento (2011, p. 12): “buscou-se revalorizar a importância do edifício como componente de uma imagem referência na paisagem.” O que antes estava esquecido torna-se parte integrante e ativa de um pedaço do

tecido urbano, tornando-se uma referência aos moradores, assim como todo o projeto de intervenção urbana.

2.3 IGREJA NOSSA SENHORA DE GUADALUPE

Esse estudo de referência foi realizado de forma indireta, o mesmo objetiva auxiliar no entendimento como um espaço sacro é pensado. Pois toda intervenção em um projeto religioso tem um significado, sua essência é dotada de simbolismo no intuito de conduzir o fiel ao cerne cristão. O estudo teve como objeto a Igreja N. S. de Guadalupe que faz parte do Centro Catequético para a paróquia do mesmo nome. Com o projeto ainda a ser executado, foi projetado como parte integrante de uma antiga capela, localizado em São José dos Pinhais no Paraná (Figura 16).

Figura 16: Localização Centro Catequético N. S. de Guadalupe, São José dos Pinhais/PR.



Fonte: Google Maps, 2014

Nota: Editado pela autora, 2014.

Embora o estudo esteja voltado para a intervenção do espaço sacro na arquitetura, é possível destringir a relação do novo e o antigo na intervenção projetual. Pensado para uma futura comunidade paroquial, o projeto foi realizado pelos arquitetos Tobias Bonk Machado e Teresa Cristina Cavaco do escritório Creatos, que trabalha com espaço celebrativo litúrgico.

O projeto inserido no entorno de uma antiga capela, a manteve preservada com as suas características, teve seu espaço sagrado mantido e integrado aos locais de pastoral e formações. A nova intervenção se difere do antigo pelo uso de materiais diferenciados e pelo estilo (Figura 17). O novo anexo possui o centro catequético, salão, secretaria, casa

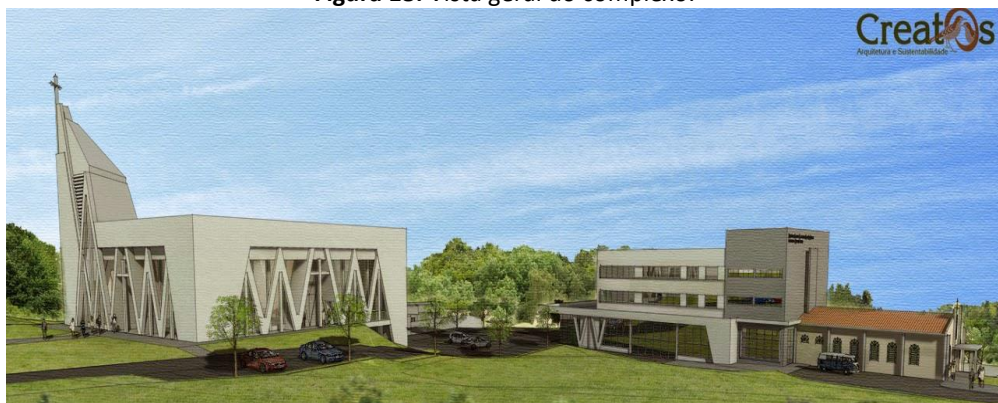
paroquial e a Igreja Nossa Senhora de Guadalupe, sendo esta última um pouco distante dos demais (Figura 18).

Figura 17: Novo anexo e antiga capela.



Fonte: arquiteturasacrabrasil.blogspot.com.br. Acesso em: 31.07.2014.

Figura 18: Vista geral do complexo.



Fonte: arquiteturasacrabrasil.blogspot.com.br. Acesso em: 31.07.2014.

Conforme os arquitetos, o conceito para projeto do templo teve como foco o ícone Nossa Senhora de Guadalupe (Figura 19), dele extraiu-se todos os sinais para aplicar na arquitetura. No ícone, Maria aparece envolta em raios solares, que surgem por detrás dela na representação do próprio Cristo. Assim, os arquitetos aplicam essa ideia ao projeto no volume da capela, onde as paredes externas caracterizam-se por elementos que remetem aos raios solares inscritos no ícone, simbolizando o Cristo que renasce a cada dia (Figura 20).

Figura 19: Ícone de Nossa Senhora de Guadalupe



Fonte:
arquiteturasacrabrasil.blogspot.com.br.
Acesso em: 31.07.2014.

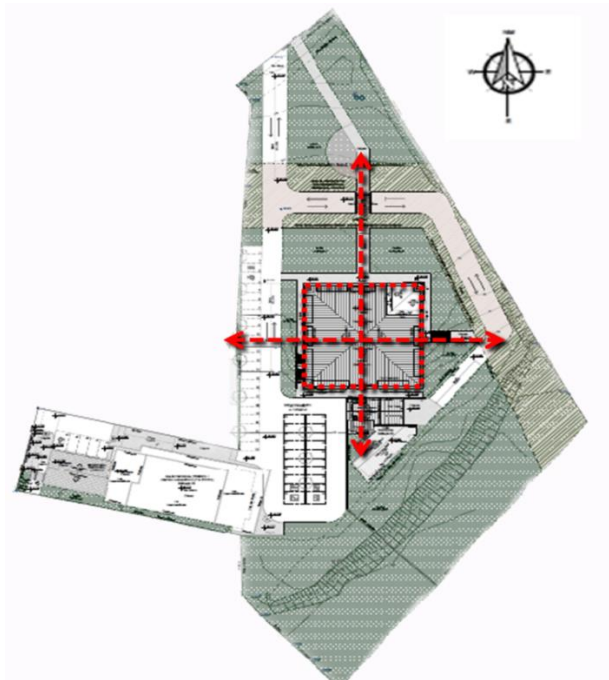
Figura 20: Vista lateral da Igreja.



Fonte: arquiteturasacrabrasil.blogspot.com.br.
Acesso em: 31.07.2014.

A sua planta possui um formato quadrilátero, que, na implantação, se alinha aos pontos cardeais (Figura 21). Essa solução em alinhar com o norte e o sul, o leste e o oeste, conforme os projetistas, direciona ao conceito de que Cristo é o sol nascente e que está presente em todas as direções através da Santíssima Trindade e que governa todo o universo. Remete-se também à união dos povos e raças por todo o planeta.

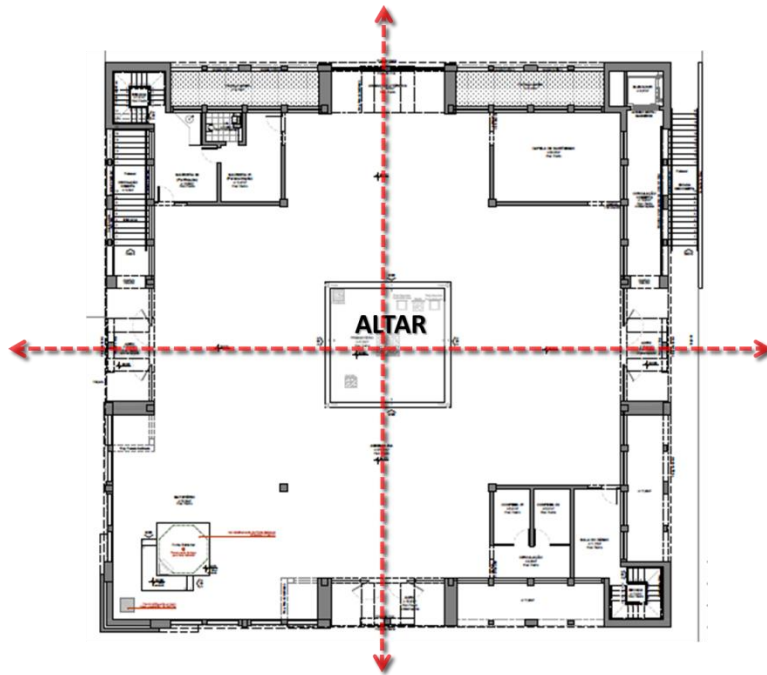
Figura 21: Implantação com destaque para a inserção da Igreja na direção norte.



Fonte: Arquivo cedido pelo escritório Creatos, 2014.
Nota: Modificado pela autora.

O volume da capela quando projetado em planta (Figura 22), torna-se um cubo perfeito, essa forma pura e singela alude à pureza divina e que se manifesta nos mais simples, assim como o índio asteca Juan Diego, o qual viu a aparição de Nossa Senhora de Guadalupe.

Figura 22: Planta baixa do pavimento térreo.

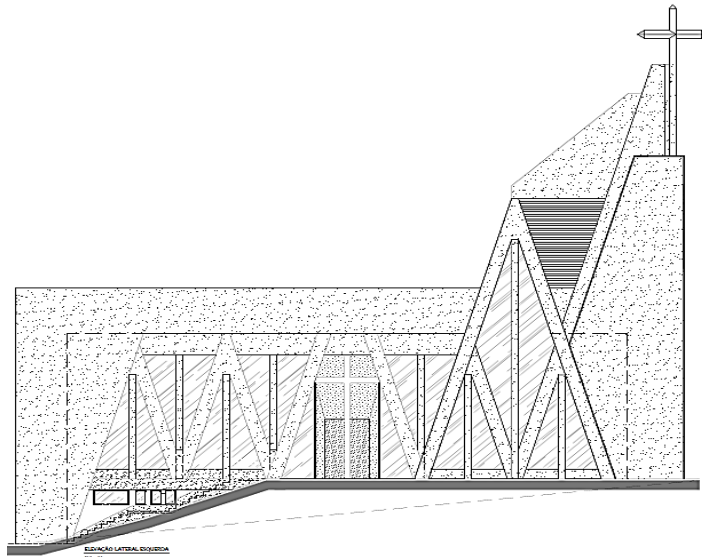


Fonte: Arquivo cedido pelo escritório Creatos, 2014.

Nota: Modificado pela autora.

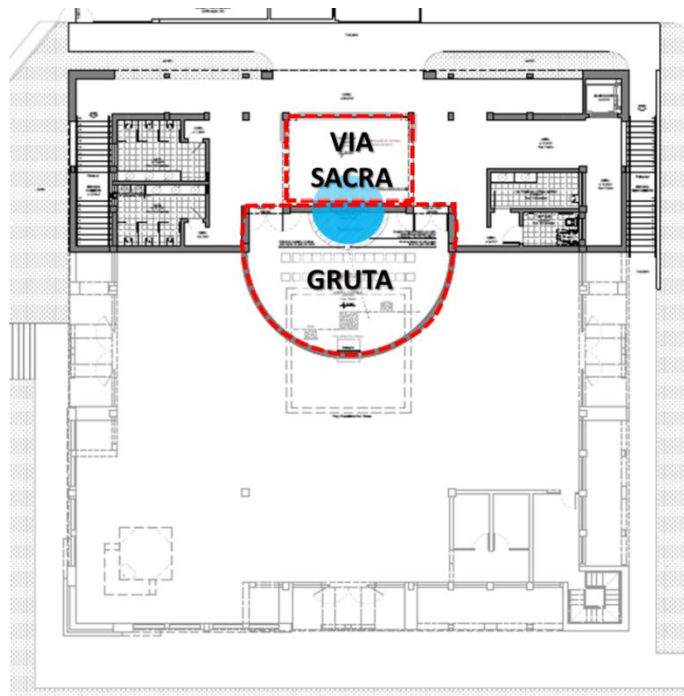
Sob o altar está o sepulcro de um mártir, por meio de uma relíquia, remetendo às igrejas cristãs que eram erguidas sobre o sepulcro daqueles que doaram a vida em sacrifício da Igreja. A partir do desnível existente no terreno, visto na elevação da Figura 23, surge um nível inferior (Figura 24), nele há espaços inspirados no simbolismo religioso católico: uma gruta e uma via sacra. A gruta está sob o piso da Igreja e nela há um espelho d'água que transpassa até a gruta; a via, simboliza a Via Dolorosa de Cristo na vivência das estações, chegando até ela, há um caminho florido que simboliza a aparição ao índio.

Figura 23: Elevação lateral da Igreja.



Fonte: Arquivo cedido pelo escritório Creatos, 2014.

Figura 24: Planta baixa do nível inferior (Via Sacra e Gruta).



Fonte: Arquivo cedido pelo escritório Creatos, 2014.

Nota: Modificado pela autora.

A solução em planta coloca o altar no centro da igreja (Figura 22 e Figura 25), colocando a liturgia no centro. Os mobiliários foram desenhados em consonância com a solução formal adotada, gerando total harmonia ao edifício (Figura 26 e Figura 27). O

conceito é o mesmo, baseado no Cristo como sol nascente que através dos raios resplandecentes surgidos por trás de Guadalupe, gera a verdadeira luz que alimenta os fiéis pela Palavra, pelo banquete eucarístico e pela atitude de vida cristã.

Figura 25: Vista do altar.



Fonte: Arquivo cedido pelo escritório Creatos, 2014.

Figura 26: Vista do Batistério e assembleia.



Fonte: Arquivo cedido pelo escritório Creatos, 2014.

Figura 27: Mobiliário no interior.



Fonte: Arquivo cedido pelo escritório Creatos, 2014.

O estudo de referência do Centro Catequético Nossa Senhora de Guadalupe mostra que a arquitetura sacra cristã é dotada de simbolismo devidamente fundamentado. Percebe-se que mesmo tendo como referência a imagem de Nossa Senhora, a figura de Cristo se sobressai, característica exímia de Maria, serve apenas como intermédio para levar a Deus. O estudo também permitiu enxergar a relação do novo complexo com a edificação da antiga capela, houve a preocupação em manter identidade anterior.

2.4 CENTRO CATÓLICO DE EVANGELIZAÇÃO SHALOM

A visita ao Centro Católico de Evangelização do Shalom ocorreu no dia 14 de julho de 2014, acompanhada por Fabiana Coelho da comunidade de vida e funcionária. Em Natal, a comunidade Shalom possui uma sede em Petrópolis com quatro extensões: Planalto,

Panatis, e nas cidades de São José do Mipibu e Santa Cruz. Instalada no Rio Grande do Norte desde dezembro de 1992, a comunidade faz parte da Arquidiocese de Natal sob orientação e obediência ao Arcebispo Dom Jaime Vieira Rocha; ao Assistente Eclesiástico para as Novas Comunidades Pe. Dalmário Barbalho de Melo e, também, ao responsável local Kleber Marinho.

Sem sede própria, funciona em um edifício alugado, localizado na Av. Hermes da Fonseca no bairro de Petrópolis desde julho de 2005 (Figura 28). Sua localização é privilegiada e de fácil acesso, bem servido de transporte público e paradas de ônibus próximas ao centro. Localizado em um bairro nobre que apresenta qualidade vida e diversidade de uso; o seu entorno imediato também é diversificado, desde escolas, restaurantes, mercado, residências, comércios, etc.

Figura 28: Localização do Centro Católico de Evangelização Shalom Petrópolis.



Fonte: Google Maps, 2014.

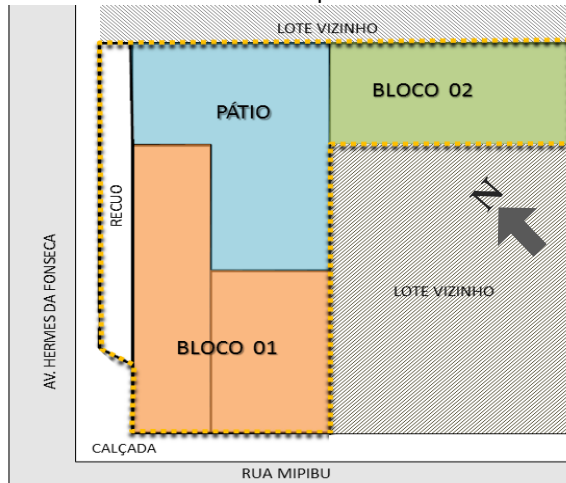
Nota: Editado pela autora.

Antes de abrigar a comunidade Shalom, no prédio funcionava uma escola de idiomas, logo não houve muitas modificações na mudança de uso atual, pois algumas funções são análogas. No entanto, estima-se que o edifício foi construído inicialmente como residência, certamente passou por algumas modificações para contemplar os usos seguintes.

O equipamento está inserido em um lote de esquina de aproximadamente 900 m² e ocupa quase todo o lote, possui apenas recuo frontal de 2,70 metros onde há uma área verde. Sua implantação (Figura 29) se dá por meio de dois blocos interligados por um pátio coberto. O primeiro formado por três níveis (primeiro nível, intermediário e segundo nível) e

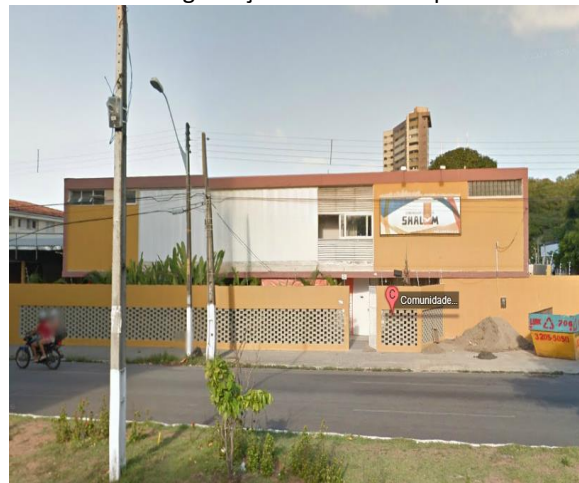
também a fachada frontal (Figura 30), recuado frontalmente, margeia as duas vias que formam a esquina; e o segundo bloco, térreo, está mais ao fundo do lote.

Figura 29: Esquema da implantação com indicação dos blocos e pátios.



Fonte: Fotografia da autora, 2014.

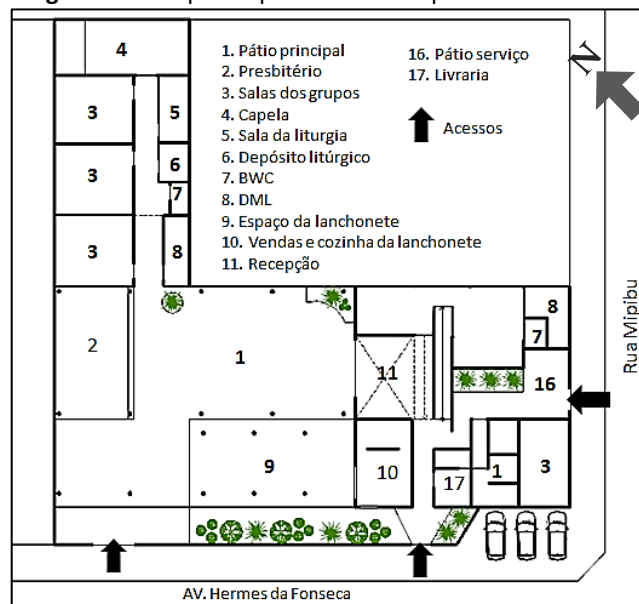
Figura 30: Fachada frontal Centro Católico de Evangelização Shalom Petrópolis.



Fonte: Google Street View, 2014.

O primeiro bloco é o volume mais antigo, sua forma é de um prisma com base em forma de L, cuja metade está sustentada por pilotis (Figura 31). Os três níveis são interligados por uma rampa interna. No térreo está localizada a recepção, livraria, lanchonete, departamento financeiro, antiga capela – atualmente sala multiuso, um depósito com pátio de serviço e um banheiro para funcionários (Figura 32 e Figura 33).

Figura 31: Croqui da planta baixa do pavimento térreo .



Fonte: Elaborado pela autora, 2014.

Figura 32: Vista da lanchonete, planta livre sobre pilotis.



Fonte: Fotografia da autora, 2014.

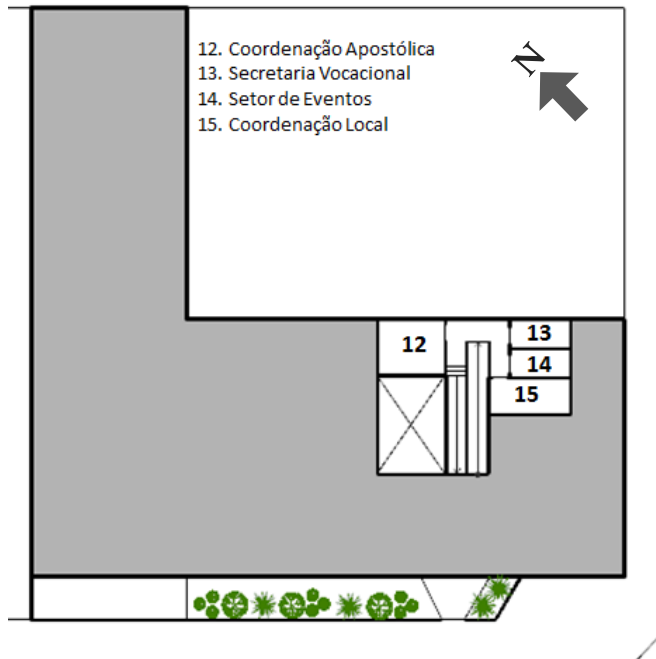
Figura 33: Recepção e rampa de acesso aos demais níveis.



Fonte: Fotografia da autora, 2014

O nível intermediário está elevado pouco menos de um metro do térreo, esse nível coincide com o patamar da rampa (Figura 34), onde funciona a coordenação apostólica, secretaria vocacional, setor de eventos, sala do responsável local (Figura 35, Figura 36).

Figura 34: Croqui da planta baixa do pavimento intermediário.



Fonte: Elaborado pela autora, 2014.

Figura 35: Coordenação Local, nível intermediário.



Fonte: Fotografia da autora, 2014.

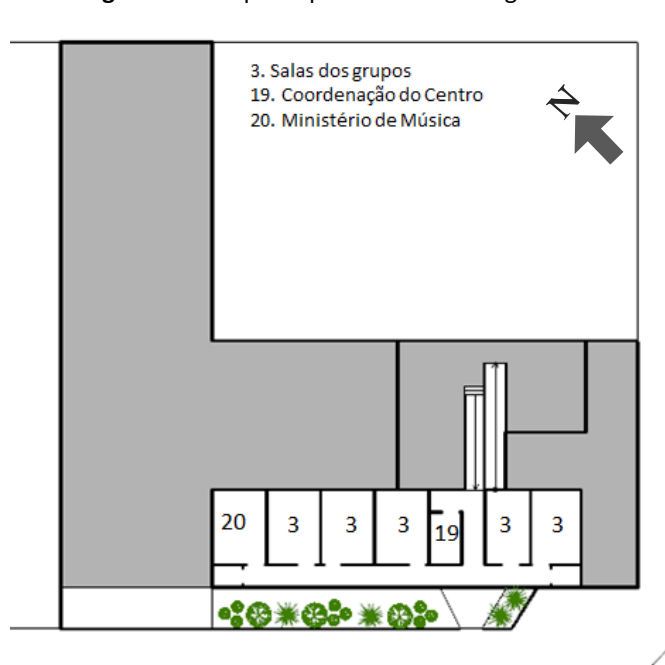
Figura 36: Sala de grupos de oração, segundo nível.



Fonte: Fotografia da autora, 2014.

No segundo nível (Figura 37) está a coordenação do centro de evangelização, seis salas para realização de grupos, sala do ministério de música e dois banheiros. O bloco em questão possui um valor patrimonial, pois é dotado de características exímias da arquitetura moderna: sua fachada é composta por longos brises verticais móveis, platibanda, janelas horizontais e o segundo pavimento sobre pilotis. Seus elementos vazados equilibram a relação cheio e vazio (Figura 38 e Figura 39).

Figura 37: Croqui da planta baixa do segundo nível.



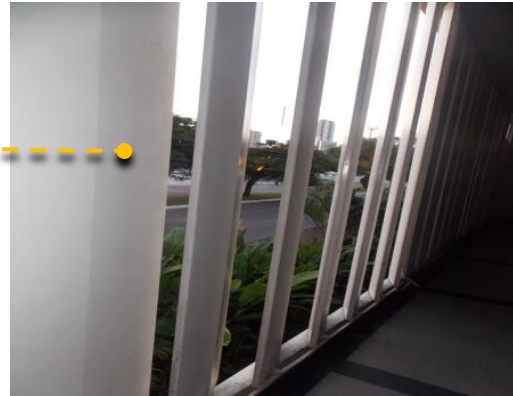
Fonte: Elaborado pela autora, 2014.

Figura 38: Fachada frontal.



Fonte: Google Street View, 2014.
Nota: Editado pela autora.

Figura 39: Brises verticais da fachada, vista interna.



Fonte: Fotografia da autora, 2014.

O pátio que interliga (Figura 40) os volumes tem o formato de L, no seu encontro está o presbitério (Figura 41), que funciona como um altar/palco para as celebrações. O pátio principal é o local multiuso do centro, nele os jovens convivem no íterim entre uma atividade e outra, também ocorre as orientações e aconselhamentos individuais, ensaios para as peças, reuniões da comunidade e dos grupos, seminários semanais, palestras e também são celebradas as missas.

Figura 40: Pátio Principal.



Fonte: Fotografia da autora, 2014.

Figura 41: Presbitério (Palco ao fundo do pátio).



Fonte: Fotografia da autora, 2014.

O segundo volume (Figura 31) por ser construído há pouco tempo, não possui um valor patrimonial, antes, o local era uma área livre não pavimentada.

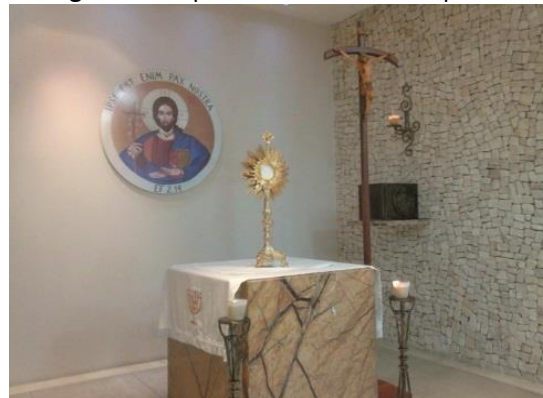
Este bloco é composto por três salas destinadas aos encontros dos grupos, a atual capela com Santíssimo exposto 24 horas, um depósito para a guarda de materiais de limpeza, um depósito destinado aos paramentos utilizados nas missas, sala da liturgia e um banheiro (Figura 42, Figura 43). Conforme dados coletados na visita, o depósito será transformado em dois banheiros acessíveis.

Figura 42: Sala de grupos.



Fonte: Fotografia da autora, 2014.

Figura 43: Capela com santíssimo exposto.



Fonte: Fotografia da autora, 2014.

Como visto, o centro possui três níveis e dois blocos. No primeiro bloco se dá os três acessos que o centro possui, sendo um para os pedestres utilizado como principal, outro para veículos ou serviço utilizado eventualmente, ambos voltados para a Av. Hermes da Fonseca. E o outro, também de serviço e utilizado apenas quando há necessidade de entrar algum equipamento, voltado para Rua Mipibu.

As atividades desenvolvidas no centro, geralmente, ocorrem no período da tarde, tendo em vista que a manhã é destinada às atividades da comunidade de vida. A exceção está na adoração perpétua que funciona 24h, as demais acontecem no turno da tarde e da noite das 14h às 22h.

O Shalom possui seis funcionários que trabalham de segunda a sábado. Durante a semana, a média de usuários que frequentam o centro chega a 200 pessoas, dependendo do dia. No final de semana a média é de 400 a 500 pessoas.

As atividades voltadas ao público são: adoração ao santíssimo sacramento ininterrupta, missa diariamente, confissão, oração e aconselhamento, grupo de oração e ministério, seminário de vida no Espírito Santo.

Quanto aos setores do centro, são dois: o administrativo e o produtivo, este último está voltado para a arrecadação de dinheiro através da venda. Existindo diversas funções entre eles, conforme Quadro 1 a seguir:

Quadro 1: Atividades por setores.

SETOR	DEFINIÇÃO	
ADMINISTRATIVO	Coordenação Local	Responsável pelo governo local da comunidade em cada diocese.
	Coordenação Apostólica	Setor que cuida de toda as ações de evangelização na cidade e diocese local.
	Secretaria Vocacional	Setor que promove e prepara as pessoas para consagração ao carisma da comunidade.
	Secretaria de Planejamento	Setor responsável pelo planejamento estratégico de todas as ações anuais em vista de cumprirmos a nossa missão.
	Setor de Eventos	Responsável pela organização e promoção de todos os grandes eventos da missão.
	Promoção Humana	Setor responsável pelas ações de promoção da dignidade humana das pessoas sejam enfermos, presidiários, adictos, etc.
	Projetos	Projeto Família, Projeto Juventude e Projeto Criança que realizam ações específicas para os respectivos públicos.
	Economato e Providencia	Setor que cuida da administração financeira e arrecadação.
PRODUTIVO	Lanchonete	Espaço destinado a venda de refeições.
	Livraria	Espaço destinado a venda de livros e artigos religiosos.

Fonte: Elaborado pela autora conforme os dados fornecidos na visita do dia 14.07.2014.

No tocante à acessibilidade ambiental, a maioria das definições exigidas pela NBR 9050 não existe no Centro Shalom. Como foi citado, há uma reforma prevista para a construção de banheiros adaptados, mas atualmente os banheiros não são condizentes com a norma. Embora o único acesso para os demais níveis seja através de uma rampa (Figura 44, Figura 45), não há o cumprimento pleno da norma. Pois a mesma segue até ao nível intermediário, depois disso a rampa é interrompida por degraus, impossibilitando o cadeirante de prosseguir, e, logo surge outro lance levando ao terceiro nível.

Figura 44: Vista lateral da rampa a partir da recepção.



Fonte: Fotografia da autora, 2014.

Figura 45: Degraus para acesso ao segundo lance da rampa.



Fonte: Fotografia da autora, 2014.

Uma das áreas livres existente no equipamento é composta pela massa vegetativa a qual corresponde ao recuo frontal (Figura 46), funcionando como um jardim. A outra área livre é uma pequena circulação entre o pátio principal e o segundo bloco. Nela há o acesso à circulação que está de frente à capela (Figura 47). Por este motivo a sua parede é vermelha, antecipando a entrada do espaço sacro numa associação ao lado aberto de Cristo.

Figura 46: Área livre e massa vegetativa corresponde ao recuo frontal .



Fonte: Fotografia da autora, 2014..

Figura 47: Pórtico vermelho associado o lado aberto de Cristo.



Fonte: Fotografia da autora, 2014..

Sobre o estacionamento do centro, não atende a todos os veículos, ele se dá por meio de um pequeno recuo na calçada para apenas três vagas, os demais estacionam nas adjacências do centro.

No que diz respeito ao conforto ambiental, a maioria das salas apresenta ventilação e iluminação natural, as que possuem ar-condicionado são destinadas a salas administrativas e à capela. As salas mais novas ainda não apresentam níveis altos de conforto: cobertas com

telhas metálicas sem isolamento e sua ventilação natural não é cruzada, tornando-as quentes. O pátio central também apresenta iluminação e ventilação natural, mas, conforme observado, há um grande desconforto, pois torna-se quente, principalmente quando há um grande contingente, mesmo durante a noite.

Por ser um espaço religioso, a maioria dos ambientes busca a sacralidade, através dos pequenos oratórios compostos sempre por um ícone, velas e flores (Figura 48 e Figura 49). O Presbitério, localizado no palco do pátio central, por ser multiuso, apresenta a sua sacralidade dependendo da atividade realizada, o auge é a santa missa.

Figura 48: Oratório na recepção.



Fonte: Fotografia da autora, 2014.

Figura 49: Oratório na prateleira da sala do financeiro,.



Fonte: Fotografia da autora, 2014.

Procurou-se fazer estudos de referência que juntos à teoria pesquisada pudessem embasar o processo criativo e teórico do projeto. O centro de Evangelização foi realizado a fim de auxiliar no programa de necessidade, na análise da infraestrutura, dinâmica funcional e o pré-dimensionamento. A importância de ter um contato direto com a funcionalidade permite avaliar com maior precisão os erros e acertos, que, talvez, na teoria não fossem percebidos. O Centro Católico de Evangelização Shalom Petrópolis por ocupar uma edificação com valor patrimonial, também pode ser considerado um reuso. Percebe-se que os acréscimos ao longo do tempo foram feitos voltados a atender a uma necessidade funcional, logo não há uma demarcação clara do que foi construído, embora seja possível perceber essa relação pelas características dos materiais. Como por exemplo os pilares do pátio que sustentam a cobertura metálica imita os pilotis do bloco antigo (Figura 50, Figura 51).

Figura 50: Pilotis do Bloco 01 .



Fonte: Fotografia da autora, 2014.

Figura 51: Pilotis do Pátio, imitando o do Bloco 01.



Fonte: Fotografia da autora, 2014.

Logo, essa relação do novo *versus* antigo não é tão evidente, pois os acréscimos foram realizados de forma paulatina e, certamente, isso aconteceu, talvez, para que as adições não destoassem muito do antigo. Não necessariamente reproduzindo de forma mimética, mas fazendo com que esses acréscimos seguissem a uma mesma linha. Essa relação é notável, embora, de forma suave, através da tectônica dos materiais contemporâneos.

2.5 CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE OS ESTUDOS REALIZADOS

Percebe-se que os estudos de referência se mostraram substanciais na compreensão da simbologia na arquitetura religiosa, no funcionamento dos ambientes a serem projetados, e na intervenção em edifícios industriais com valores históricos.

Nos projetos das antigas fábricas, foi possível perceber a preocupação em manter as características do uso anterior, como também, houve o intento em criar a relação novo *versus* antigo. Os acréscimos respeitaram as edificações existentes, mesmo utilizando materiais diferenciados e contemporâneos. No Sesc Pompéia, a intervenção é mais contrastante do que o projeto do ECOA, mas Lina Bo Bardi soube intervir com cautela, e as características da antiga fábrica de tambores dialogam claramente com os novos volumes prismáticos. No ECOA, além da intervenção fabril, criou-se uma relação integradora com o espaço urbano através da inserção de uma nova via de acesso e da retirada dos muros, tornando-se convidativa. Percebe-se que esses estudos são de grande valia, pois, é possível perceber a relação do novo com o antigo à medida que se preserva as suas características enquanto bem fabril.

Os estudos de cunho religioso fizeram entender a funcionalidade e a simbologia do espaço sagrado católico. No Centro Católico de Evangelização Shalom foi possível constatar quais as necessidades funcionais e a vivência prática nos diversos ambientes. Percebeu-se, também, no reuso do edifício modernista onde o centro funciona, a preocupação em manter as características do prédio. No estudo do Centro Catequético N. Senhora de Guadalupe foi possível analisar a solução adotada em função da arquitetura como objeto simbólico religioso. Atentando para conceito aplicado à Igreja tanto na forma, quanto na planta baixa e no interior. Esse estudo, assim como os demais, também trata de uma intervenção sobre o antigo, com a inserção dos anexos do Centro Catequético ao redor de uma antiga capela.

Ao concluir os estudos de referência, percebe-se a sua importância tanto para solução formal quanto funcional. Pois, a partir do que foi analisado nos mesmos, é possível extrair a essência de cada um, que resultará como parâmetro nas decisões projetuais.

3. SITUAÇÃO ATUAL DA ALGODOEIRA E CARACTERÍSTICAS ARQUITETÔNICAS

A antiga Algodoeira Inharé, recorte espacial do presente trabalho, está localizada na cidade de Currais Novos, Seridó do Rio Grande do Norte (Figura 52).

Figura 52: Localização Algodoeira Inharé.



Fonte: Google Maps, 2014.

Nota: Editado pela autora.

Para a análise da Algodoeira Inharé e realização do levantamento arquitetônico, foram consideradas informações colhidas através de observações *in loco* e dos relatos dos guias¹⁴. Além disso, foram utilizadas, também, informações complementares por meio de imagens do Google Maps e a planta de topografia do terreno¹⁵. Vale salientar que, apesar das visitas realizadas, não foi possível adentrar em todo o conjunto para tal análise.

A partir da Figura 53, é possível observar como ocorreram os acessos. O polígono tracejado em vermelho corresponde ao acesso que não foi possível entrar, chamado na figura de inacessível, a área onde não foi possível o acesso e onde estão localizados os primeiros galpões da fábrica¹⁶, que neste trabalho são chamados de Bloco 01. Ainda no Bloco 01. Foi impossibilitada a entrada devido ao mal estado de conservação (em processo de ruína), e, como consequência desse fato, houve o crescimento desordenado da vegetação que gerou uma “mata fechada”. No pequeno polígono amarelo, trecho que o muro cedeu, foi possível apenas o acesso visual posicionando na esquina no encontro da Av. Getúlio Vargas com a Rua Walker Macedo.

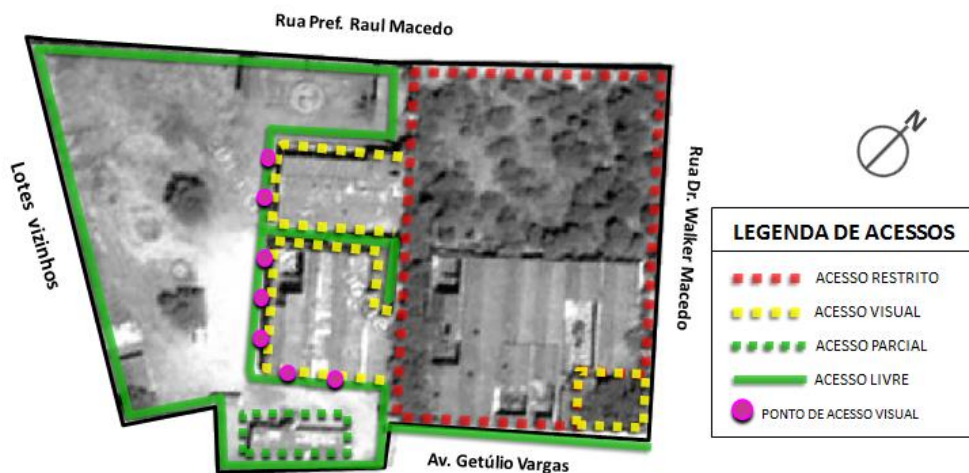
¹⁴ As visitas ocorreram nos dias 19 e 20 de junho de 2014, foram guiadas por Tomaz Galvão filho do dono e antigo trabalhador e por um funcionário da distribuidora a qual os galpões estão alugados.

¹⁵ Planta de topografia do ano de 2008.

¹⁶ A cronologia de sua inserção será abordada mais a frente.

Os galpões que estão conservados, os demais polígonos tracejados em amarelo e chamados no presente trabalho de Bloco 02 e 03, tiveram apenas acesso visual; não foi possível explorá-los, pois a empresa que os alugou não permitiu a entrada. Por tanto, o acesso que ocorreu apenas visualmente para o interior dos galpões a partir das portas de acesso (pontos rosas no mapa), possibilitou perceber as características gerais dos mesmos.

Figura 53: Mapa de acessos durante a visita.



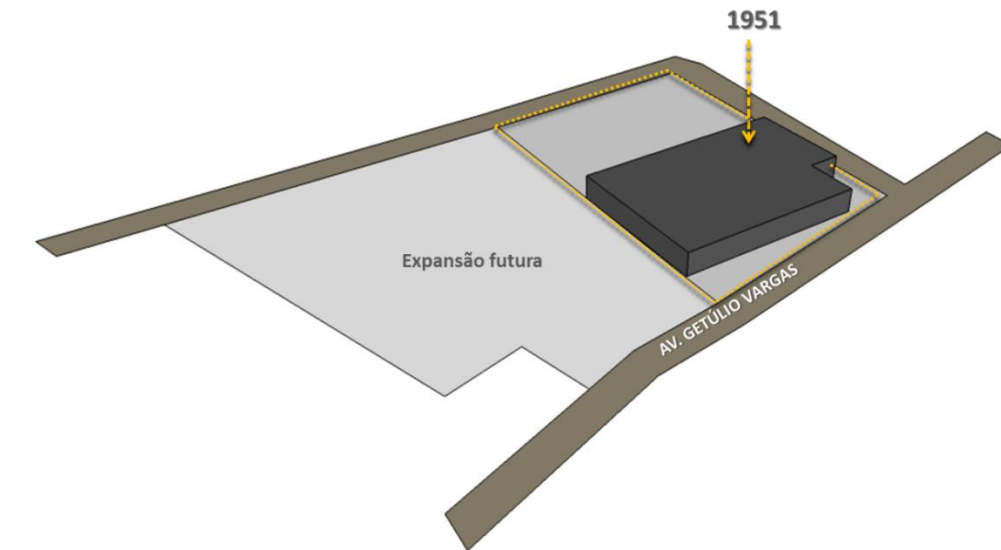
Fonte: Elaborado pela autora, 2014.

Nota: A partir do Google Maps.

O polígono tracejado de verde (Figura 53) e chamado de Bloco 04, teve seu acesso parcial em função de alguns ambientes estarem fechados, não existindo a possibilidade de adentrá-los. Mas, foi possível reconstituí-los a partir dos relatos realizados nas visitas. A linha contínua verde (Figura 53) expressa os locais em que o acesso ocorreu de forma livre.

Pode-se considerar que a Algodoeira passou por dois momentos de ocupação no lote: quando construída em 1951 e em 1965 na construção dos demais edifícios. No primeiro momento fabricava-se apenas óleo vegetal e torta para o gado, a partir do beneficiamento do caroço do algodão mocó. Nesse período (Figura 54), foram construídos os primeiros armazéns destinados a essa função e à administração da algodoeira, situados de frente à Av. Getúlio Vargas. Nessa primeira ordem de ocupação, a Beneficiadora estava implantada apenas na metade do lote, passando a expandir-se na segunda fase em 1965.

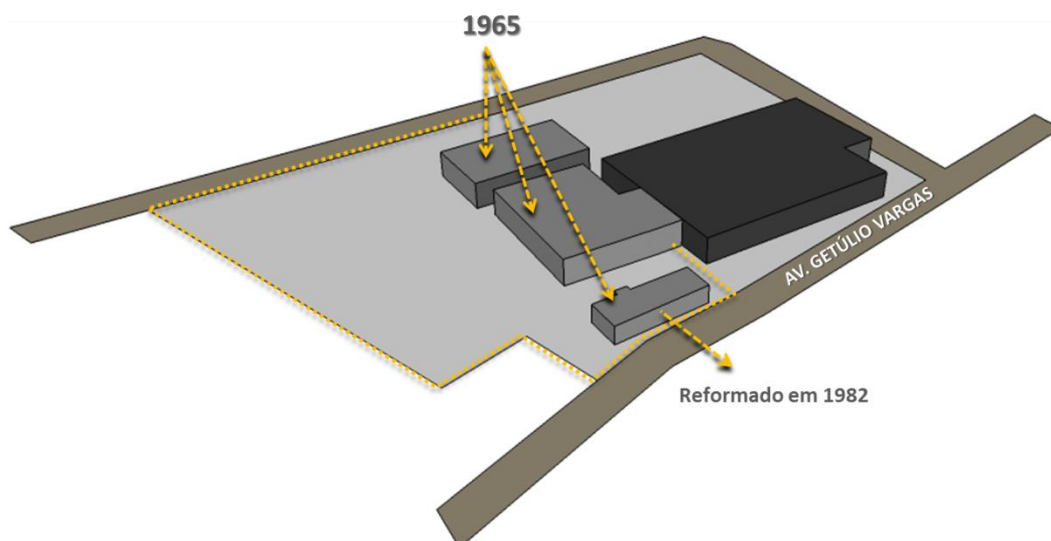
Figura 54: Implantação esquemática de 1951.



Fonte: Elaborado pela autora, 2014.

O segundo momento de ocupação ocorreu com a implantação da Cooperativa, a partir de então, a atividade estava voltada ao beneficiamento do algodão que provinha das fazendas vizinhas. Retirava-se o caroço e o fio, que era vendido para tecelagem no restante do país. Para exercer a nova atividade, foi preciso expandir para o restante do terreno. Logo, foram construídos os demais prédios, compostos por dois grupos de galpões e administração (Figura 55). Este último era uma edificação simples, mas em 1982 passou por uma reforma significativa, passando a ter traços da arquitetura modernista.

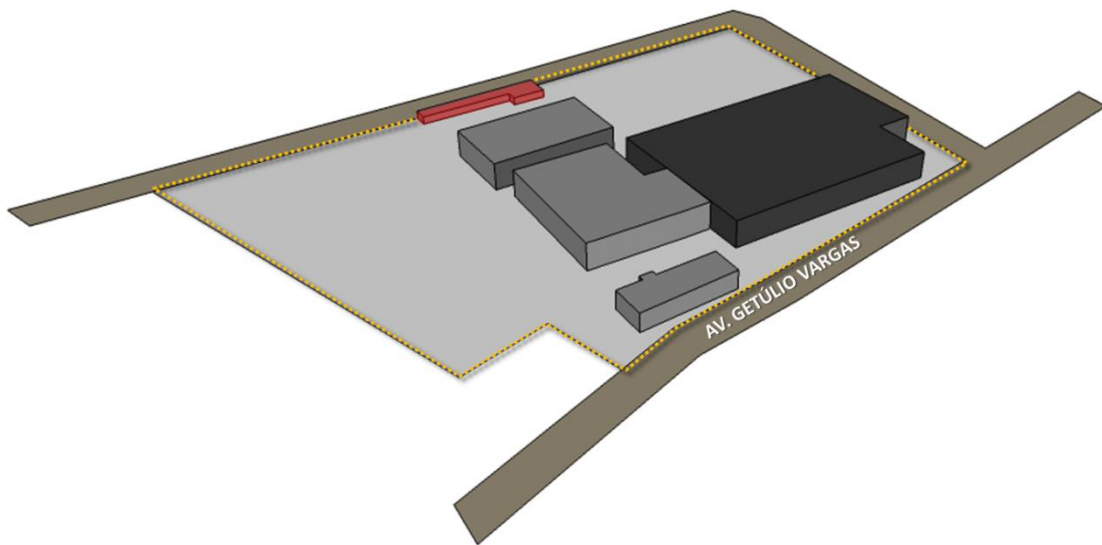
Figura 55: Implantação esquemática de 1965.



Fonte: Elaborado pela autora, 2014.

O quinto bloco trata-se de um anexo destinado, anteriormente, ao uso de serviço, destacado em vermelho na imagem a seguir (Figura 56).

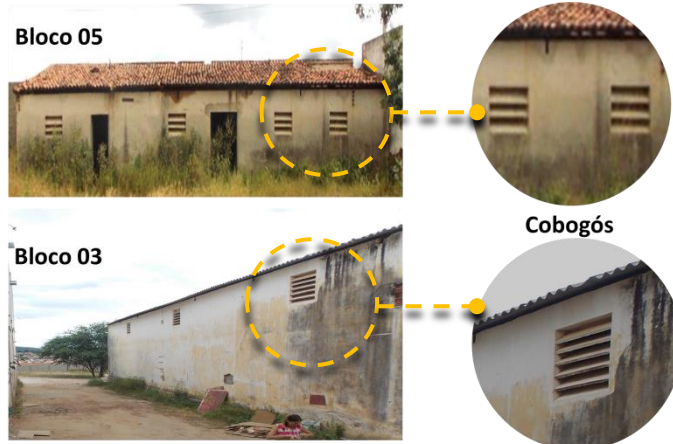
Figura 56: Implantação esquemática atual.



Fonte: Elaborado pela autora, 2014.

Conforme informação de um dos funcionários, ele foi construído no momento da reforma de 1982. Mas, percebe-se que há elementos (cobogós), conforme a Figura 57, que são semelhantes aos construídos em 1965 (Bloco 02 e 03), por isso leva a possibilidade de que faz parte da composição inserida no momento anterior.

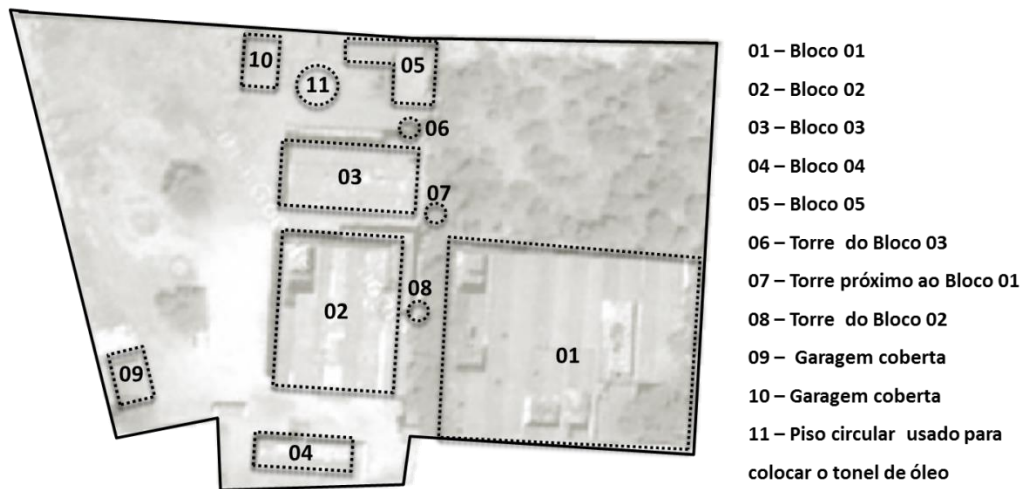
Figura 57: Comparação dos elementos vazados.



Fonte: Elaborado pela autora, 2014.

Atualmente a implantação consta de cinco edificações e outros elementos erigidos no lote. O que é chamado de elemento neste trabalho, constitui-se de pequenas construções, que foram inseridas para auxiliar na função anterior do equipamento.

Figura 58: Implantação atual da Algodoeira.



Fonte: Google Maps, 2014.

Nota: Editado pela autora.

Os itens 6, 7 e 8 (Figura 59) correspondem às torres destinadas a decantar a poeira do algodão, a qual era removida no processo de retirada de suas impurezas. O item 8, corresponde a duas torres ladeadas ao Bloco 02. O item 6 e 7 são torres únicas, a primeira pertencente ao Bloco 03, apresenta uma tipologia diferente das demais: mais alta e mais delgada. A segunda torre, pertencente ao Bloco 01, é mais robusta e mais baixa, assim como a primeira descrita.

Os itens 9 e 10 (Figura 59) são coberturas destinadas a abrigar veículos, sua estrutura simples, composta por uma cobertura de duas águas sustentadas por pilares de madeira. Sendo a última, com altos e delgados pilares de concreto, certamente, abrigava veículos de grande porte. O elemento 11 é resquíio do beneficiamento do caroço do algodão na extração do óleo. Trata-se de um piso circular elevado, com diâmetro de aproximadamente nove metros. Sobre este piso, ficava um grande tonel de metal, que guardava o óleo beneficiado e atualmente resta somente a pavimentação.

Figura 59: Elementos.



Fonte: Elaborado pela autora, 2014.

A partir da imagem a seguir (Figura 60), percebe-se a localização dos edifícios implantados no lote e a indicação acesso utilizado atualmente (Figura 61). Há um muro ao meio do terreno que atualmente não possui acesso ao outro lado. Construído depois¹⁷, divide fisicamente os dois momentos de ocupação. Este muro, ao restringir o acesso, permitiu que o Bloco 01, construído no momento da fundação da Beneficiadora, se mantivesse isolado longe de “cuidados”. Na figura a seguir (Figura 60) percebe-se a implantação dos blocos no lote e a localização do muro tracejado em vermelho.

Figura 60: Recorte do objeto de intervenção.



Fonte: Elaborado pela autora, 2014.

¹⁷ Conforme a visita, o muro parece ter sido construído após consolidação dos momentos de ocupação.

Figura 61: Vista do acesso atual.



Fonte: Fotografia da autora, 2014.

Após traçar a cronologia percorrida pela Algodoeira até os dias atuais, e, realizar uma análise geral dos bens construídos, é possível perceber o que do conjunto fabril pode ser considerado como substancial a ser considerado na intervenção projetual. Buscamos assim identificar quais as construções que resguardam o valor do conjunto enquanto equipamento industrial e o seu valor histórico.

Das edificações, considerou-se que o Bloco 5 não possui uma composição volumétrica característica de uma tipologia fabril, não possuindo um significado enquanto fábrica, mesmo que tenha sido erigido em 1965. Logo, os demais blocos serão preservados, pois sua caixa mural resguarda as características da Beneficiadora. Dos elementos vistos na análise, avaliou-se que as torres de decantação apresentam características exímias de uma fábrica. Percebe-se que os elementos e blocos que não foram considerados, se retirados da composição, não prejudicam o todo.

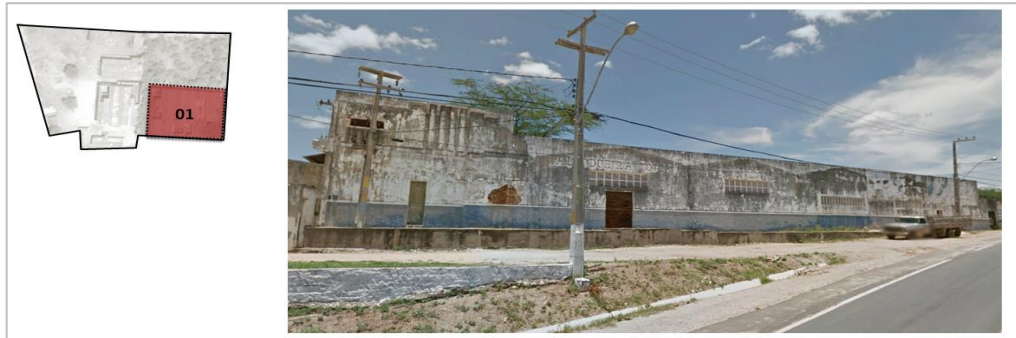
Abaixo (Figura 62) destaca-se os volumes dos blocos que serão preservados, os demais elementos serão definidos conforme a necessidade do novo projeto.

Figura 62: Mapa dos edifícios que serão preservados.



Fonte: Elaborado pela autora, 2014.

Figura 63: Bloco 01 atualmente.



Fonte: Elaborado pela autora, 2014.

Nota: Google Maps, 2014.

Figura 64: Bloco 02 atualmente.



Fonte: Elaborado pela autora, 2014.

Figura 65: Bloco 03 atualmente.



Fonte: Elaborado pela autora, 2014.

Figura 66: Bloco 04 atualmente.



Fonte: Elaborado pela autora, 2014.

Nota: Google Maps, 2014.

A partir dessas considerações, foi realizada uma análise bastante detalhada da situação atual dos edifícios considerados como relevantes para a leitura da fábrica em questão, que será apresentada no tópico seguinte.

É muito importante além da identificação das características materiais de cada edifícios que se identificasse também como era funcionalidade do bem fabril porem não foi possível pela ausência de registros concretos que mostrassem a relação entre eles. Há a consciência de que quando se trata de um edifício de valor patrimonial essa fase de diagnóstico tem uma importância diferenciada em relação a um projeto que não seja de intervenção numa área de valor patrimonial, mas como não há nenhuma proteção sobre ela o que se conseguiu de histórico já é um avanço em função da sua preservação.

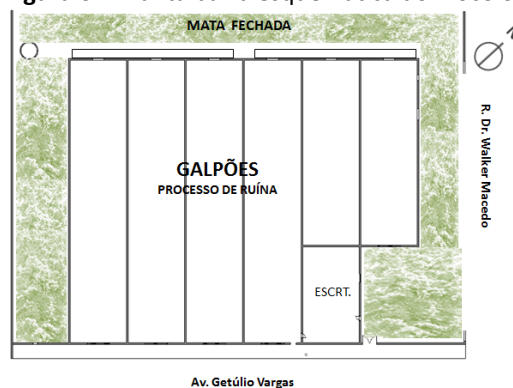
3.1 CARACTERÍSTICAS ARQUITETÔNICAS DOS BLOCOS

BLOCO 01 (1951)

O único que só foi possível observar pelo exterior, conforme explicitado no item anterior (Figura 53), foi o bloco que aqui denominamos Bloco 01. O seu levantamento foi realizado a partir de dados coletados nas visitas (aspecto externo), pela planta de topografia e imagens áreas do Google Maps.

Este bloco está situado às margens da Av. Getúlio Vargas com um certo recuo, sua planta é constituída de sete galpões contíguos e um antigo escritório (Figura 67). Devido à topografia do terreno e, certamente, pela necessidade funcional para descarregar os caminhões, o bloco apresenta um desnível que varia conforme o trecho da fachada frontal (Figura 69); ao final dos galpões existem acessos a partir de degraus, para a parte posterior do lote.

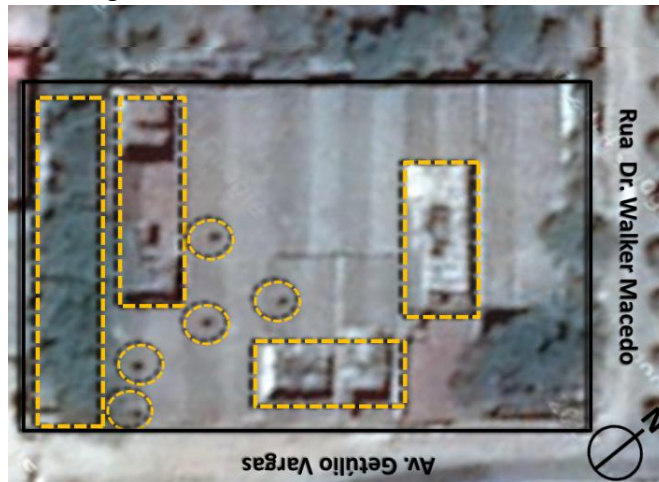
Figura 67: Planta baixa esquemática do Bloco 01



Fonte: Elaborado pela autora, 2014.

A cobertura está deteriorada e mal conservada, em alguns trechos já não há mais o telhado, apresentando-se em ruína. Conforme a figura a seguir (Figura 68), a partir da imagem aérea, percebe-se as áreas das coberturas que estão em ruína. O ultimo galpão ao sul, já não possui mais a coberta e a área foi tomada pela vegetação, permanecendo apenas a fachada, ainda bastante íntegra, nesse trecho (Figura 71).

Figura 68: Vista aérea da cobertura - Bloco 01.

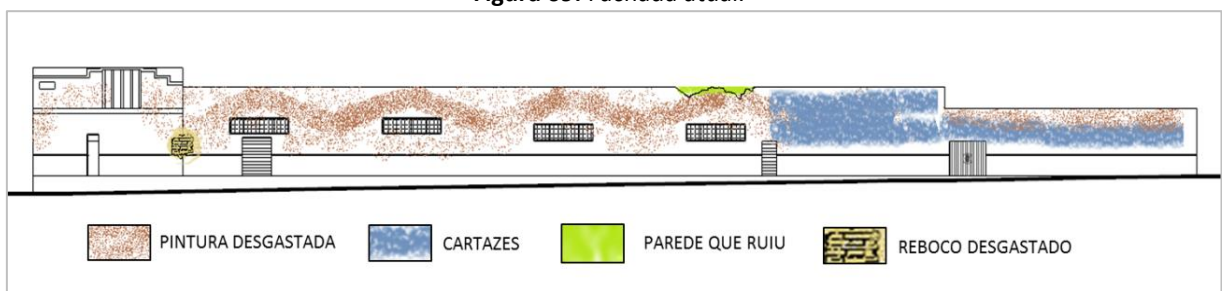


Fonte: Google Maps, 2014.
 Nota: Editado pela autora.

Percebe-se que o sistema construtivo é o tijolo maciço gerando paredes espessas, comumente utilizado na época que foi construído.

A fachada principal (Figura 69) possui quatro acessos espalhados nos 75m de comprimento, estes acessos ocorrem por meio de três portões e uma porta. Suas características estilísticas variam ao longo de sua extensão, em uma extremidade possui características protomodernistas com adornos de formas puras no frontão (Figura 71); e no restante apresenta apenas a platibanda lisa. Pouco desse trecho desmoronou (Figura 73). Ainda possui sua integridade, embora esteja mal conservada: a pintura e o reboco estão desgastados, além da presença de cartazes espalhados na parede (Figura 69).

Figura 69: Fachada atual.



Fonte: Elaborado pela autora, 2014.

Figura 70: Vista a partir da Av. Getúlio Vargas



Fonte: Google Maps,2014.

Figura 71: Fachada remanescente do galpão que ruiu e trecho protomodernista.



Fonte: Google Maps,2014.

Figura 72: Trecho da fachada frontal.



Fonte: Google Maps,2014.

Figura 73: Trecho da fachada que ruiu.



Fonte: Fotografia da autora, 2014.

As demais fachadas laterais e a posterior são simples, não apresentam adornos e não possuem platibanda, apresentando pequenos beirais.

Como parte do muro lateral da rua Dr. Walker Macedo caiu, foi possível ter acesso visual à fachada lateral oeste; a mesma está tomada pela vegetação que cresceu desordenadamente (Figura 74), logo notou-se que essa fachada também possui acessos e janelas, percebendo-se que não é uma fachada cega (Figura 75).

Figura 74: Vista lateral sem o muro que caiu - Rua Walker Macedo.



Fonte: Google maps , 2014.

Figura 75: Vista lateral do Bloco 01.



Fonte: Fotografia da autora, 2014.

As esquadrias existentes (Figura 76) desgastadas pelo tempo, são características do próprio uso, por se tratar de galpões para uma antiga fábrica, existem grandes portões metálicos, cobogós de alvenaria, portas e janelas de madeira em alguns trechos.

Figura 76: Esquadrias do Bloco 01.



Fonte: Fotografia da autora, 2014.

A configuração desses elementos nas fachadas permite perceber a predominância dos cheios sobre os vazios, com menor intensidade na frontal. (Figura 71 e Figura 75).

BLOCO 02 E BLOCO 03

Os Blocos 02 e 03 podem ser analisados simultaneamente, tendo em vista que apresentam as mesmas características gerais (Figura 77 e Figura 78). Estes estão alugados para estocagem dos produtos da distribuidora, por conseguinte, apresentam bom estado de conservação¹⁸. Há algumas partes (cobertura) que estão em processo de ruína: no Bloco 02, o que foi chamado de baia, não possui mais a cobertura que cobria o galpão e no Bloco 03 parte da cobertura do “alpendre” não existe mais. Essas observações estão demarcadas nas Figura 79 e Figura 80.

¹⁸ O estado de conservação internamente é melhor que externamente, que será comentado mais à frente.

Figura 77: Bloco 02.



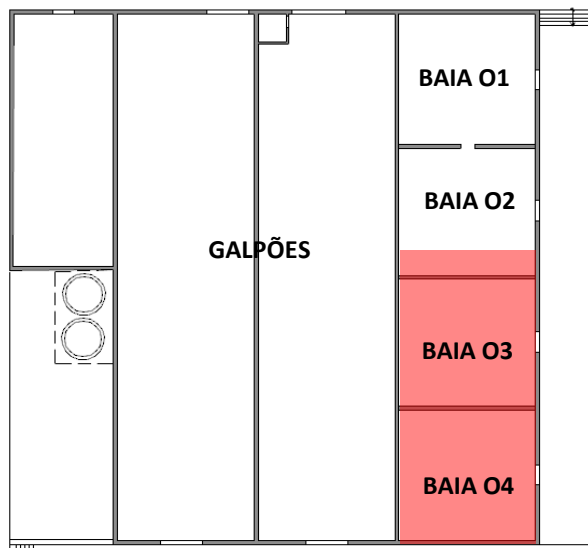
Fonte: Fotografia da autora, 2014.

Figura 78: Bloco 03.



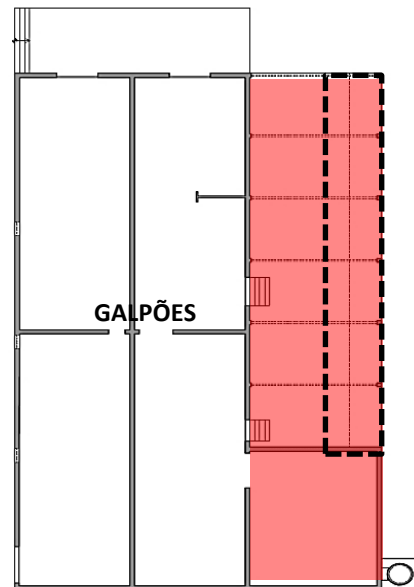
Fonte: Fotografia da autora, 2014.

Figura 79: Planta baixa esquemática do Bloco 02 - Área marcada sem cobertura.



Fonte: Elaborado pela autora, 2014.

Figura 80: Planta baixa esquemática do Bloco 03 - Área tracejada sem recobrimento.



Fonte: Elaborado pela autora, 2014.

Os blocos não estão implantados nas testadas do lote (Figura 60), assim como o Bloco 01 e 04, para chegar até eles é preciso adentrar ao terreno; não há acesso físico demarcado ou pavimentado na implantação, ocorre de modo informal.

O Bloco 02 é composto por um galpão pequeno e por três grandes galpões (Figura 79), sendo um deles dividido em baias, que, anteriormente, recebiam os algodões *in natura* dos caminhões. Através de um maquinário eram sugados das baias até o galpão adjacente. Para exercer a função de descarregamento e facilitar a chegada dos caminhões de carga, assim como o bloco analisado anteriormente, os acessos estão elevados do nível do solo,

também se adequando à topografia. Logo, para o pedestre chegar até eles há alguns degraus que não possuem ergonomia adequada (Figura 78).

A caixa mural é típica de armazém, apresenta cobertura de duas águas para cada galpão e sua empena triangular acompanha o caimento da cobertura, entre um galpão e outro há uma calha metálica que desagua na fachada (Figura 81). Sua cobertura é composta por telha de fibrocimento sustentada por tesouras de madeira (Figura 82), e, em alguns trechos, existem módulos de telha de policarbonato para fazer a iluminação natural dos galpões.

Figura 81: Calha.



Fonte: Fotografia da autora, 2014.

Figura 82: Tesoura.



Fonte: Fotografia da autora, 2014.

Nos locais indicados na Figura 80, a cobertura já não existe, por isso, esses trechos não estão sendo utilizados pelo atual ocupante. Outro motivo para não utilizarem as baias 03 e 04 é o grande rebaixamento do piso, a partir do acesso de entrada, de quase dois metros de altura (Figura 83). Certamente, essa solução era fundamental para maior estocagem dos algodões. As demais baias e galpões possuem o piso no nível do acesso.

Figura 83: Vista da Baia com piso rebaixado – rebaixamento indicado na seta.



Fonte: Fotografia da autora, 2014.

Do sistema estrutural, percebe-se o sistema é semelhante ao anterior, paredes espessas de tijolo maciço.

Do Bloco 03 é um sistema misto: paredes com pilares de alvenaria e pilares de concreto armado no alpendre. Ao lado dos galpões há uma grande cobertura, chamada aqui de alpendre (demarcada na Figura 80) que está sobre delgados pilares de concreto armado (Figura 84), e sobre eles, uma estrutura de madeira que é tensionada por cabos de aço (Figura 85). Estrutura essa que sustenta resquícios de uma desgastada cobertura de fibrocimento.

Figura 84: Cobertura.



Fonte: Fotografia da autora, 2014.

Figura 85: Estrutura tensionada.



Fonte: Fotografia da autora, 2014.

Pelo que foi observado, sem adentrar a todos os galpões, a partir do seu acesso de entrada, as paredes internas estão bem conservadas e pintadas, diferente das externas (Figura 86). As paredes exteriores possuem sua pintura desgastada, apresenta duas colorações de pinturas distintas, além de manchas do tempo (Figura 87).

Figura 86: Vista interna.



Fonte: Fotografia da autora, 2014.

Figura 87: Vista externa.



Fonte: Fotografia da autora, 2014.

Quanto às esquadrias, são simples, típicas de armazéns: portões metálicos que variam de tamanho e cobogós de alvenaria para ventilação e iluminação.

Estes dois blocos foram construídos numa segunda fase da fábrica, para dar vazão ao beneficiamento do algodão, por isso há algumas torres que estão espalhadas nas proximidades destes. Elas eram utilizadas para decantar a poeira e impurezas que vinham junto ao algodão mocó.¹⁹ Elas são importantes, mas não necessariamente precisa preservar todas, isso dependerá das necessidades do novo projeto.

Figura 88: Torres Bloco 02.



Fonte: Fotografia da autora, 2014.

Figura 89: Torre Bloco 03.

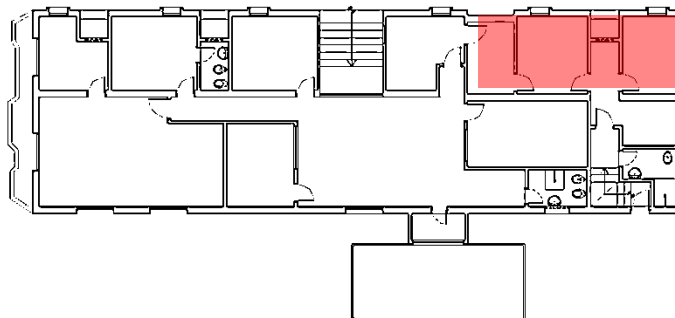


Fonte: Fotografia da autora, 2014.

BLOCO 04

Conforme visto na Figura 53, o acesso a este bloco ocorreu de forma parcial, pois em alguns ambientes foi impossível adentrar. A área em vermelho na Figura 90, demarca o trecho da planta que foi reconstituído a partir das informações colhidas na visita.

Figura 90: Planta baixa com trecho reconstituído.



Fonte: Elaborado pela autora, 2014.

O bloco 04 está implantado às margens da Av. Getúlio Vargas (Figura 60). Em relação a esta via a edificação está elevada aproximadamente dois metros. O acesso ocorre por dentro da fábrica, não há ligação direta com a rua, apenas visual, pois a delimitação do lote em frente a este bloco é feita por uma cerca de arame farpado (Figura 91).

¹⁹ As torres foram explicadas no item anterior, dentro da análise geral da fábrica.

Figura 91: Vista geral do Bloco 04 e seu entorno.



Fonte: Google Maps, 2014.

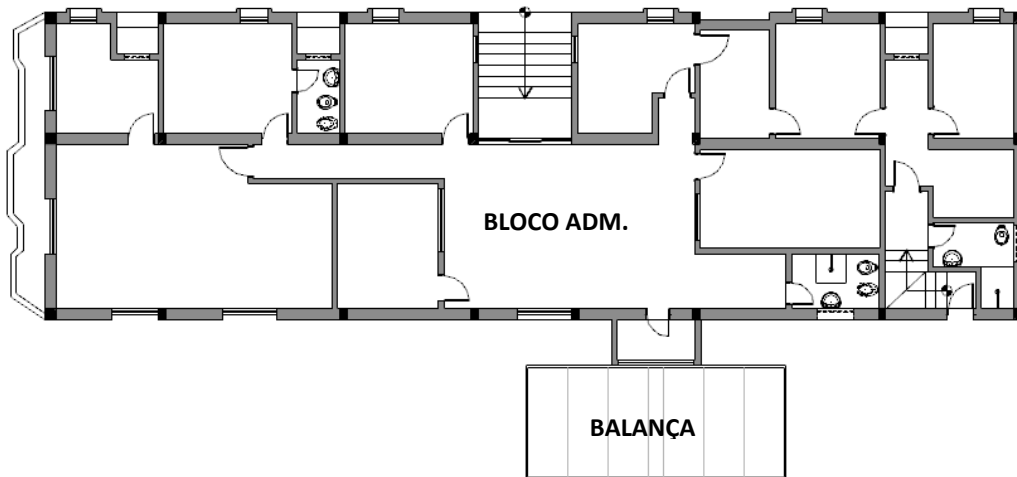
Figura 92: Vista Frontal a partir da Av. Getúlio Vargas.



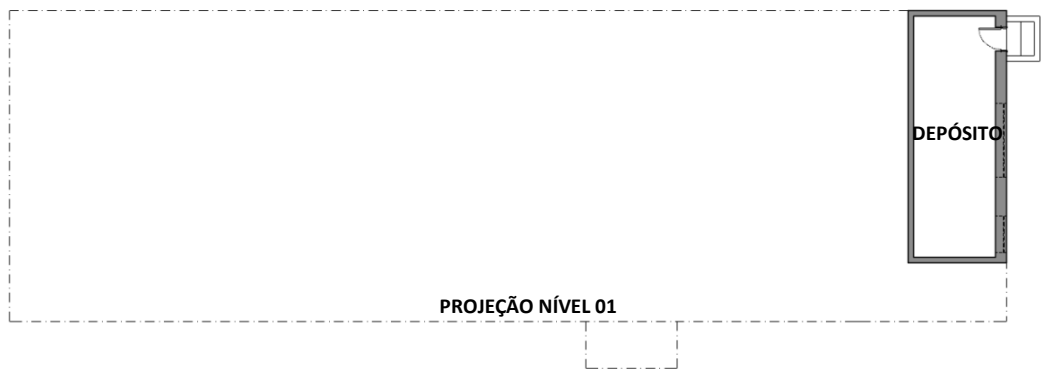
Fonte: Google Maps, 2014.

O bloco possui dois níveis como forma de aproveitar a topografia do lote. O primeiro, com acesso por duas escadas, uma frontal e outra posterior; não havendo outra forma mais acessível para adentrá-lo. Neste nível, conforme a planta baixa (Figura 93), funcionava o setor administrativo da fábrica, composto por doze salas (algumas com banheiros), recepção, copa, banheiro e acesso à balança da fábrica. O segundo nível, possui apenas um ambiente, onde funcionava um depósito com acesso lateral (Figura 94).

Figura 93: Planta baixa nível 1.

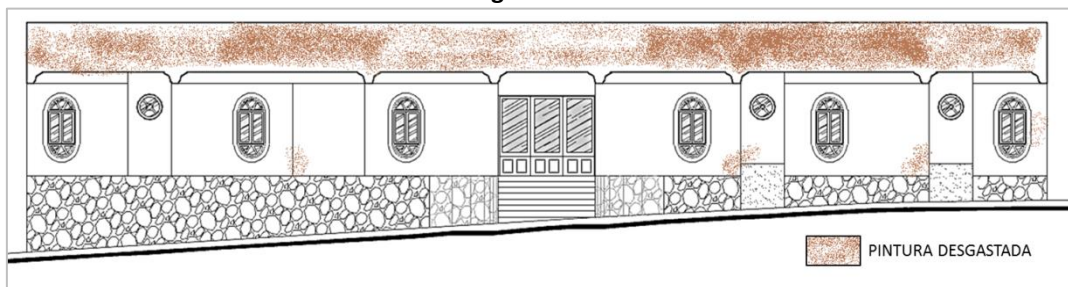


Fonte: Elaborado pela autora, 2014.

Figura 94: Planta baixa nível 2.

Fonte: Elaborado pela autora, 2014.

O seu estado de conservação não é um dos melhores, contudo apresenta a inteireza dos elementos que o compõe. As suas características atuais resultam da reforma ocorrida em 1982, trazendo um estilo diferente dos demais edifícios do conjunto.²⁰ Como traços modernistas, destacamos especialmente o balanço e a platibanda lisa (Figura 95).

Figura 95: Fachada atual.

Fonte: Elaborado pela autora, 2014.

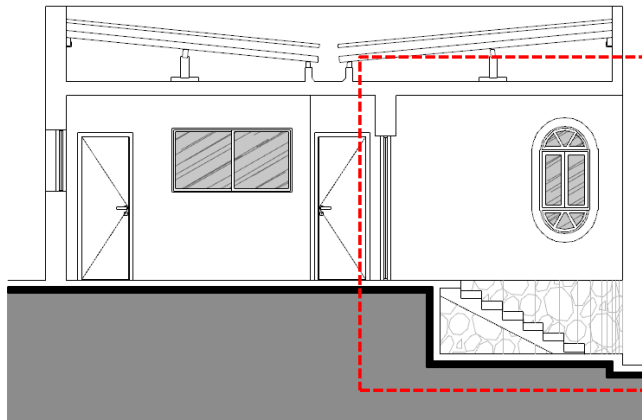
O sistema estrutural é o sistema viga pilar, embora os pilares não estejam à vista²¹, percebe-se que as vigas saltam na fachada frontal e une-se à laje numa leve curvatura, dando leveza à platibanda²². Ainda característico desse sistema, há um balanço existente na fachada: metade das salas que ladeiam a escada principal estão suspensas. (Figura 96, Figura 97).

²⁰ Não foi possível ter acessos a fotos anteriores, mas conforme Tomaz Galvão que guiou a visita, o edifício era simples e pequeno, não apresentava as características arquitetônicas atuais.

²¹ A robustez das paredes internas escondem os pilares e vigas.

²² Essa particularidade só acontece na fachada frontal.

Figura 96: Corte transversal com balanço.



Fonte: Elaborado pela autora, 2014.

Figura 97: Imagem da sala em balanço.



Fonte: Fotografia da autora, 2014.

As fachadas laterais e a posterior são mais simples, não possuem grandes detalhes, suas paredes são lisas e recebem algumas janelas retangulares (Figura 98, Figura 99). Enquanto que a fachada frontal apresenta mais rebuscamento nos elementos que a compõe, as janelas diferenciadas possuem contornos de alvenaria e seu formato é distinto: algumas são ovaladas e outras circulares (Figura 95). Além do jogo de volumes empregados na fachada gerado a partir do recuo dos ambientes na planta baixa.

Figura 98: Fachadas laterais.



Fonte: Fotografia da autora, 2014.

Figura 99: Fachada posterior.



Fonte: Fotografia da autora, 2014.

As paredes estão marcadas pelo tempo, o reboco e a pintura estão desgastados. Internamente, percebe-se que os elementos associam a um navio: as esquadrias aludem à escotilha, o roda-teto é feito por cordas grossas lembrando as que são utilizadas na navegação (Figura 100, Figura 101).

Figura 100: Janela escotilha.



Fonte: Fotografia da autora, 2014.

Figura 101: Roda teto.



Fonte: Fotografia da autora, 2014.

O revestimento interno da laje é o chapisco aparente (Figura 101); o piso é revestido de borracha (Figura 102) que na maioria dos ambientes já descolou devido o tempo, o piso dos banheiros são os únicos que não são emborrachados, apresenta revestimento cerâmico. As principais salas apresentam grandes painéis fixados na parede, a temática deles está voltada para belas paisagens naturais (Figura 103).

Figura 102: Piso emborrachado.



Fonte: Fotografia da autora, 2014.

Figura 103: Painel na parede.



Fonte: Fotografia da autora, 2014.

O entorno do edifício também assemelha-se com os demais, não apresenta um acesso definido na implantação, e, por esse motivo, boa parte ao redor do bloco possui vegetação daninha (ver imagens das fachadas).

A composição volumétrica deste bloco não faz associação direta a um bem fabril, mas, dentro dele há um elemento que é característico da fábrica de algodão: há um shaft que abriga a antiga balança para pesagem dos fardos com os veículos (Figura 104).

Figura 104: Balança.



Fonte: Fotografia da autora, 2014.

Figura 105: Vista externa com piso da balança.



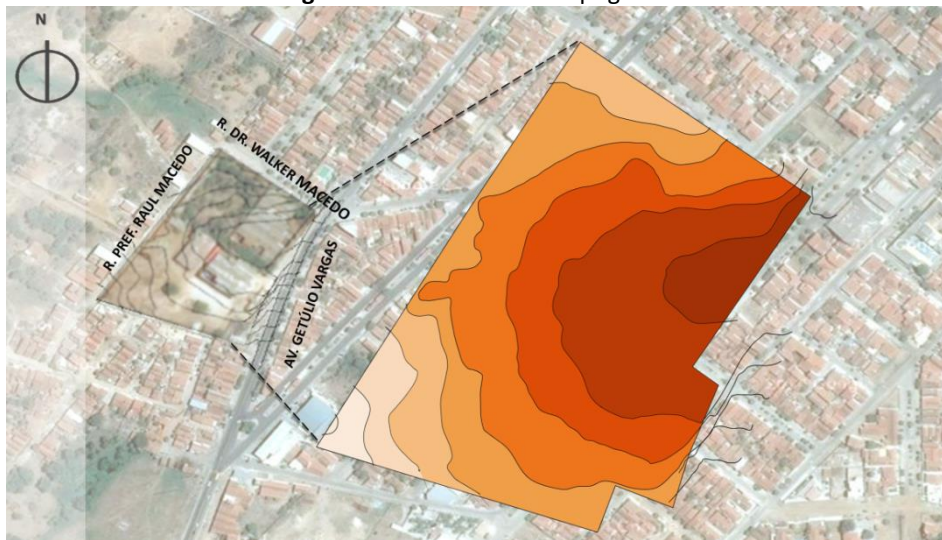
Fonte: Fotografia da autora, 2014.

O seu acesso é no interior da edificação (ver planta do nível 01), mas seu acesso visual é através de uma janela na fachada posterior, a pesagem ocorria externamente em um grande piso metálico onde eram colocados os fardos de algodão para serem pesados (Figura 105).

3.2 TOPOGRAFIA DO TERRENO E SEU ENTORNO

O terreno está em um ponto alto da cidade, a partir dele percebe-se boa parte da cidade, sua topografia escalonada possui uma diferença de nível de oito metros. A área total do terreno é de 19.357,29m². A área era maior há algum tempo, pois a casa do proprietário da fábrica estava dentro do lote anteriormente. Após alugar os galpões da fábrica ao atual ocupante, a casa foi separada através de um muro.

Figura 106: Terreno com topografia.



Fonte: Elaborado pela autora, 2014.

A atual ocupação dos edifícios no lote é de 5.414,90 m². Este margeia três vias, mas os acessos existentes ocorrem apenas pela Av. Gétulio Vargas, onde não há muros apenas as fachadas e cercas de arame. Os demais lados são cercados por altos muros, há algum tempo trecho do muro lateral norte caiu (Figura 107). O muro lateral ao sul se encontra perpendicularmente com três vias locais. Devido a topografia do lote não há nenhuma relação de integração delas com a fábrica, apenas um alto muro de contenção (Figura 107). O entorno é substancialmente composto por residências, embora existam outros usos espalhados.

Figura 107: Muros.



Fonte: Fotografia da autora, 2014.

A Rua Pref. Raul Macedo (Figura 108) é eminentemente residencial, e, apresenta-se pouco adensada, devido seu processo de ocupação recente. Há pouco tempo essa via tinha caráter rural, pois faz divisa com uma área rural do município. Ainda existe resquícios da sua ruralidade: não é pavimentada e apresenta acessos para propriedades rurais. Apresenta apenas um lado de casas, pois do outro está o muro posterior da fábrica. Este, sendo alto, cria uma barreira física, e, torna cego o outro lado da rua por quase toda sua extensão. Esse fato permeia uma sensação de enclausura, pois a rua é estreita - apresenta uma largura inferior a altura do muro em certos trechos.

Figura 108: Rua Pref. Raul Macedo e seu entorno.



Fonte: Elaborado pela autora, 2014.

Nota: A partir de imagens retiradas Google Maps, 2014 e fotografias da autora, 2014.

A Rua Walker Macedo (Figura 109) também apresenta um dos lados composto pelo muro, no entanto, este é mais baixo e a rua é larga, o outro é composto por uso residencial e institucional. E o canteiro central estreito permite criar um estacionamento no centro da rua, que serve ao clube ao lado.

Figura 109: Rua Walker Macedo e seu entorno.



Fonte: Google Maps,2014.

Quanto a Av. Getúlio Vargas (Figura 110), por ser uma via principal, apresenta uma diversidade de uso, desde residências, serviço e comércio. Diferente da primeira, essa via apresenta-se adensada e é de caráter eminentemente urbana.

Figura 110: Rua Av. Getúlio Vargas e seu entorno.



Fonte: Google Maps,2014.

Conforme o Plano Diretor de Currais Novos (2012), a Av. Getúlio Vargas é um dos eixos principais do sistema viário da cidade, acompanhada pelas vias: Rua Cap. Mor Galvão, Rua Teotônio Freire, Rua João Alfredo , José Bezerra entre outras . Nelas concentram a grande maioria das edificações comerciais, tanto no centro da cidade como ao longo do seu trajeto por outros bairros mais periféricos.

4. CONDICIONANTES

O presente tópico aborda as limitações e características que influenciam diretamente nas decisões projetuais. Serão apresentados os fatores ambientais expondo a análise bioclimática de insolação e ventilação no terreno da fábrica. Serão também analisados os condicionantes legais, onde é levantada toda a legislação incidente na área de estudo.

4.1 CONDICIONANTES AMBIENTAIS

Para analisar os condicionantes bioclimáticos foi percebido nas visitas a direção predominante dos ventos e a situação em relação ao Norte. A partir dos dados coletados, foi possível elaborar um diagrama esquemático. Através da Figura 111 percebe-se que a ventilação predomina na direção sudeste. Logo, as fachadas que estão ao sul e ao leste recebem diretamente os ventos incidentes. Na visita a campo notou-se que o terreno apresenta ventos intensos, pois sua localização privilegiada, estando em um lugar alto no terreno da cidade, permite receber a ventilação sem muitos obstáculos.

Figura 111: Trajetória solar e ventilação predominante.



Fonte: Elaborado pela autora, 2014.

Ao analisar a trajetória solar percebe-se que as fachadas voltadas para a Av. Getúlio Vargas recebem a insolação no período da manhã, pois estão voltadas para o sol nascente. E as fachadas que estão na direção da Rua Pref. Raul Macedo recebem a insolação do sol poente durante a tarde.

4.2 CONDICIONANTES LEGAIS

Os condicionantes legais aqui analisados trata-se do conjunto de leis e normas que regem a área de intervenção do projeto proposto. Foram analisados o Plano Diretor de Currais Novos que foi revisado no ano de 2012 sobre as prescrições urbanísticas do mesmo Plano Diretor; a Norma Brasileira de Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos (NBR 9050, de junho de 2004) e o Código de Segurança e Prevenção Contra Incêndio e Pânico do Estado do Rio Grande do Norte (Lei Nº 4.436, de 09 de dezembro 1974), a norma NBR 9077 relacionada às Saídas de Emergência e a instrução técnica do Corpo de Bombeiros do Estado de São Paulo (IT 14/2004) no intuito de auxiliar na leitura das normas.

Além dos instrumentos legais direcionados à cidade de Currais Novos percebe-se que o equipamento da intervenção projetual não está amparado no âmbito patrimonial. Embora exista a lei de tombamento no município (Lei Nº 1168 de 5 julho de 1990), que dispõe sobre tombamento do Patrimônio Cultural, Artístico e Paisagístico local, nenhum bem foi tombado até então. Mas a partir da análise realizada no conjunto da fábrica foi possível perceber o que é passível de preservação e notá-la como um bem de valor histórico para Currais Novos.

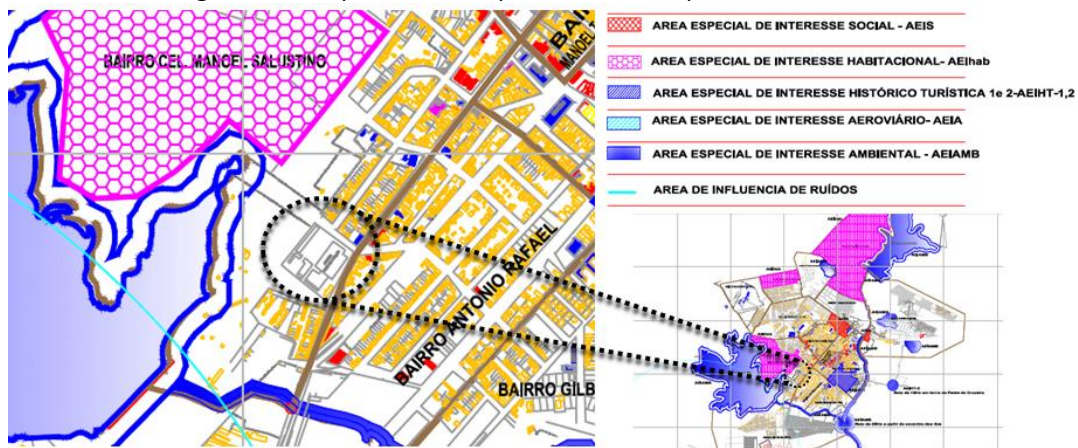
Mesmo não sendo em um bem patrimonial tombado, houve a preocupação em se inteirar do que dispõe o IPHAN através da Portaria Nº 420 de dezembro de 2010, sobre os procedimentos a serem observados para realização de intervenções em bens edificados tombados e nas respectivas áreas de entorno. A portaria solicita para bens tombados uma série de exigências. Como se pretende realizar um anteprojeto, então percebe-se que dentre as exigências algumas já foram contempladas na pesquisa histórica, as projetuais gráficas serão elaboradas na representação do anteprojeto. Mas não foi realizado um mapa de danos propriamente, pois só foi possível ser feito um levantamento dentro das possibilidades atuais dos edifícios para poder estabelecer as diretrizes de intervenção.

Plano Diretor Município de Currais Novos

O Plano Diretor de Currais Novos é do ano de 2012, elaborado recentemente, apresenta alguns pontos ainda sem muito aprofundamento se comparado a outros mais desenvolvidos. Aqui será abordado os itens e prescrições que repercutem no projeto, à medida que estes não subsidiarem na concepção, será utilizado pontos do Plano Diretor de Natal (2007) e o Código de Obras (2004) de Natal como complementos.

A localização da Fábrica Inharé não passa por nenhuma restrição de áreas estabelecidas pelo Plano Diretor (2012): não está dentro das Áreas Especiais conforme o zoneamento do Mapa Anexo 3 do Plano Diretor de 2012, e nem da áreas de outorga onerosa ou direito de preempção conforme as imagens a seguir (Figura 112 e Figura 113)

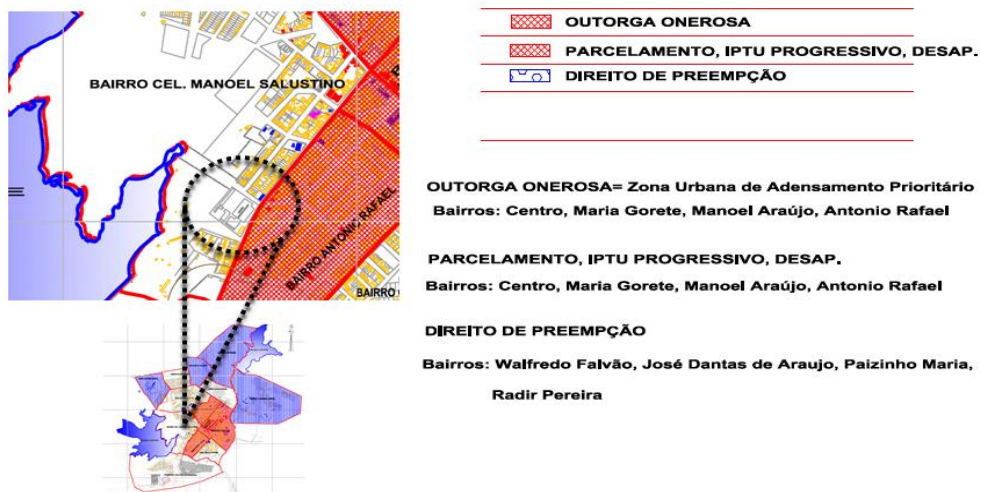
Figura 112: Mapa de Áreas Especiais do Município de Currais Novos



Fonte: Elaborado pela autora, 2014.

Nota: A partir do Plano Diretor de Currais Novos (2012).

Figura 113: Mapa de Áreas do Município de Currais Novos



Fonte: Elaborado pela autora, 2014.

Nota: A partir do Plano Diretor de Currais Novos (2012).

As prescrições urbanísticas ainda estão em consolidação, conforme as informações fornecidas pela Secretaria de Obra (PROPOSTA DE ALTERAÇÕES NO PDE DE CURRAIS NOVOS/RN), através da proposição de mudança está a criação de um macrozoneamento definindo as zonas de adensamento, instituição de uma taxa ocupação garantindo a permeabilidade, entre outras questões. Atualmente, o que é permitido extrair são os recuos, que, dependendo da localização tem seu recuo frontal modificado. No atual projeto não existirá nenhuma intervenção na testada frontal, apenas internamente; todos os recuos laterais também serão mantidos.

Enquanto não se estabelece a taxa de ocupação e impermeabilização serão utilizados os parâmetros do Plano Diretor (2007) vigente de Natal/RN. Ainda como instrumento legal de Natal, será utilizado o Código de Obras (2004) para a definição da quantidade de vagas para estacionamentos. Na definição do acesso ao estacionamento será utilizado as possibilidades propostas pelo Plano Diretor de Currais Novos (2012).

Norma de Acessibilidade Ambiental NBR 9050

O que é estabelecido pela norma de Acessibilidade Ambiental NBR 9050 tornaram de cumprimento obrigatório através do decreto-lei 5296/2004, que regulamenta as leis federais nº 10.048/2000 e nº 10.098/2000. Foi estabelecida na finalidade de tornar os ambientes acessíveis. A mesma institui critérios e parâmetros técnicos a serem observados para o projeto, construção, instalação e adaptação de edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos para que tenham condições de acessibilidade.

É necessário seguir o que é estabelecido pela norma para gerar um projeto que venha atender à norma e ter boas condições de habitabilidade. Alguns pontos importantes a serem seguidos pela norma está na sinalização, acessos e circulação, portas, rampas, escadas, corrimão e guarda-corpo, banheiros, ambientação e parâmetros antropométricos. Lembrando que para adaptações a NBR 9050 faz pontuações, logo, dependendo do item a norma estabelece qual diretriz seguir. Para estacionamentos estabelece diretrizes para o PNE tanto para dimensões quanto para localização dependendo do tamanho da quantidade de vagas.

Código de Segurança e Prevenção contra Incêndio e Pânico do Estado do Rio Grande do Norte

O Código de Segurança e Prevenção contra Incêndio e Pânico do Estado do Rio Grande do Norte define critérios básicos de segurança contra incêndio nas edificações de todo estado, o qual visa assegurar os meios necessários ao combate ao incêndio, evitar ou minimizar a propagação do fogo, como também auxiliar nas ações de socorro garantindo a evacuação dos ocupantes de forma segura.

O Art. 6º estabelece que o equipamento em questão é classificado de Reunião Pública. Logo, as especificações do Art. 12º direciona que esse tipo de função deve atender às exigências de dispositivos de proteção contra incêndio. Em função da área construída e altura da edificação, especificado no Art. 8º, levando em consideração as edificações existentes: edificações com altura entre seis e quinze metros, com área construída superior a 750m². São elas: prevenção fixa (hidrantes); prevenção móvel (extintores de incêndio); chuveiros automáticos (sprinkler) nas circulações e área comuns e nas dependências de risco “C”; iluminação de emergência; sinalização; escada convencional; instalação de hidrante público.

No intuito de auxiliar o combate eficaz ao incêndio terá como base nas soluções projetuais a NBR 9077 que diz respeito às Saídas de Emergência no projeto, verificando se as dimensões estão de acordo com a referida norma e com a instrução técnica (IT 14/2004) do Corpo de Bombeiros de São Paulo, é possível definir as de Cargas de Incêndio Específicas por Ocupação.

5. METAPROJETO

5.1 ORGANOGRAMA, PROGRAMA DE NECESSIDADES E PRÉ-DIMENSIONAMENTO

O programa de necessidades do projeto está voltado à implantação de ambientes característicos de um centro de evangelização nos moldes Shalom. Foi pensado em espaços que venham a estimular a fraternidade, contemplação, convivência, seja espaços fechados ou abertos.

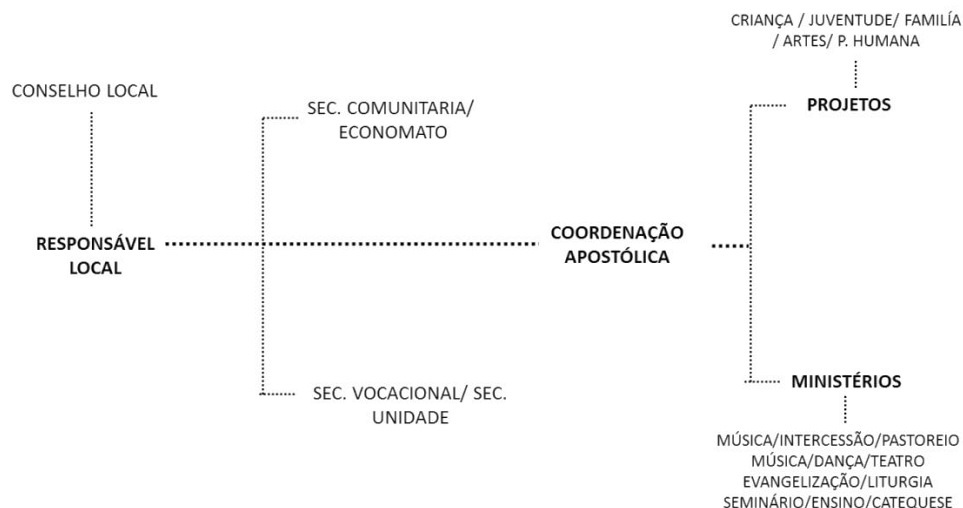
Foi percebido no estudo de referência direto do Shalom, quando os eventos são de proporções maiores, utiliza-se de estruturas alternativas, como escolas e ginásios próximos ao Centro. Então, a fim de evitar essa postura, o intuito é aproveitar a ampla área oferecida pela fábrica e atrelar a espaços que auxiliem em grandes eventos.

Utilizou-se como referência para elaboração do programa de necessidades e pré-dimensionamento: o estudo de referência direto, realizado no Shalom de Petrópolis (Natal/RN) e o indireto, no Igreja N. Senhora de Guadalupe; projetos de Trabalhos Finais de Graduação com tema análogo a este; projetos de outros centros católicos; bibliografia sobre dimensionamento dos ambientes.

Outro fator importante foi definir a população que irá utilizar o Centro Católico de Evangelização. A partir da média realizada no estudo de referência, delimitou-se que o centro seria para em média 500 pessoas por semana.

A estrutura funcional criada para proposto centro de evangelização foi embasada nos moldes Shalom. Para isso elaborou-se um organograma funcional para melhor entender como distribuem as junções dessa comunidade carismática, conforme a Figura 114:

Figura 114: Organograma funcional do Centro.



Fonte: Elaborado pela autora, 2014.

Para melhor entender o programa de necessidades dividem-se em seis setores: administrativo, apostólico, oração, ensino e formação, litúrgico/ sacramental, comunitário e serviço (Quadro 2):

Quadro 2: Setores e programa de necessidade.

ADMINISTRATIVO	SALA DO RESPONSÁVEL LOCAL SALA DA COORDENAÇÃO APOSTÓLICA ECONOMATO ARQUIVO COMUNITÁRIO SECRETARIA DA UNIDADE	SECRETARIA VOCACIONAL SECRETARIA COMUNITÁRIA SALA DE REUNIÕES COPA
APOSTÓLICO	PROJETO JUVENTUDE PROJETO FAMÍLIA PROJETO CRIANÇA PROMOÇÃO HUMANA PROJETO ARTES	MINISTÉRIO DE INTERCESSEÇÃO MINISTÉRIO PASTOREIO MINISTÉRIO DE MÚSICA MINISTÉRIO DE EVANGELIZAÇÃO MINISTÉRIO DE DANÇA/ TEATRO ALMOXARIFADO /DEPÓSITO
ORAÇÃO/ ENSINO E FORMAÇÃO	GRUPOS DE ORAÇÃO FORMAÇÃO BÁSICA BIBLIOTECA	
LITÚRGICO/ SACRAMENTAL	CAPELA CELEBRAÇÃO – SACRISTIA /CAMARINS SALA LITURGICA SALA DE REUNIÃO CONFESSIONÁRIO LIVRE	
COMUNITÁRIO	LANCHONETE LIVRARIA EXPOSIÇÃO AUDITÓRIO	CONVIVÊNCIA/ CONTEMPLAÇÃO RECEPÇÃO GERAL DO CENTRO
APOIO/SERVIÇO	DEPÓSITO DE LIXO ÁREA TÉCNICA DML	ALMOXARIFADO /DEPÓSITO RESERVATÓRIO ESTACIONAMENTO

Fonte: Elaborado pela autora, 2014.

Ao definir o programa de necessidades do centro foi possível elaborar o pré-dimensionamento, ao mesmo tempo que se descreve o funcionamento de cada ambiente na necessidade de cada espaço.

Quadro 3: Pré-dimensionamento e descrição dos ambientes.

SETOR	AMBIENTE	ÁREA ÚTIL	QUANTIDADE	DESCRIÇÃO
COMUNITÁRIO	LANCHONETE	150 m ²	1	Espaço destinado à convivência e à venda de alimentação. Local com mesas, balcão de atendimento, uma cozinha e despensa.
	LIVRARIA	100 m ²	1	Área destinada à venda de livros, CD's, revistas, artigos religiosos (terços, imagens, etc), com balcão de atendimento, vitrines, estantes para os produtos, área para leitura e um depósito para materiais.
	EXPOSIÇÃO	200 m ²	1	Espaço para atividades diversas e exposições.
	AUDITÓRIO	130 m ²	1	Auditório para a realização de palestras e minicursos Capacidade para 100 pessoas.
	CONVIVÊNCIA/ COMTEMPLAÇÃO	-	-	Locais com bancos, jardins contemplativos que promovam a fraternidade e convivência.
	RECEPÇÃO GERAL DO CENTRO	40 m ²	1	Local de entrada do Centro de Evangelização

SETOR	AMBIENTE	ÁREA ÚTIL	QUANTIDADE	DESCRIÇÃO
LITÚRGICO/SACRAMENTO	CAPELA	100 m ²	1	Capela com o Santíssimo Sacramento exposto, composta de altar, sacrário e ambão para leitura, com capacidade para 60 pessoas.
	CELEBRAÇÃO – SACRISTIA /CAMARINS	664 m ²	1	Espaço destinado a celebração da Santa Missa, apresentações artísticas e demais eventos, local para 500 pessoas.
	SALA LITÚRGICA	25 m ²	1	Local onde se guarda todo o material litúrgico sacramental utilizado nas celebrações. Contém armários fechados, guarda-roupas e gaveteiros. Deve estar localizada próxima à Capela e dos locais de celebração.
	SALA DE REUNIÃO	25 m ²	1	Local onde se realizam as reuniões do ministério de liturgia, local para recepção dos sacerdotes. Deve conter apenas cadeiras e uma mesa para um pequeno altar.
	CONFESSIONÁRIO LIVRE	100 m ²	-	Área para confissões ao ar livre

SETOR	AMBIENTE	ÁREA ÚTIL	QUANTIDADE	DESCRIÇÃO
ADMINISTRATIVO	SALA DO RESPONSÁVEL LOCAL	30 m ²	1	Local do responsável local da Missão, com mesa para o Coordenador com duas cadeiras para visitantes e duas poltronas de espera, mais WC para 1 pessoa.
	SALA DO ECONOMATO	30m ²	1	Local onde é guardado todo dinheiro arrecadado pela comunidade. Com espaço para mesa, armários e cofre.
	REUNIÃO	25 m ²	1	Espaço ligado à sala do responsável local. Reunião para 10 pessoas.
	SECRETARIA DA UNIDADE; VOCACIONAL E COMUNITÁRIA	45m ² (15m ² x 3 un.)	3	Espaço destinado as secretarias do Centro.
	ARQUIVOS COMUNITÁRIOS	25m ²	1	Local destinado ao arquivo de documentos da comunidade.
	COPA	8m ²	1	Local de acesso a todos os funcionários. Para refeições rápidas.
	SALA COORDENAÇÃO APOSTÓLICA	25m ²	1	Sala para o Coordenador de toda ação apostólica e trabalhos realizados no Centro de Evangelização. Com mesa, cadeiras de espera ou sofá.
SETOR	AMBIENTE	ÁREA ÚTIL	QUANTIDADE	DEFINIÇÕES
APOSTÓLICO	PROJETO JUVENTUDE	30 m ²	1	Salas para reunião com os responsáveis pelos projetos (respectivamente pelos jovens, famílias, crianças e com empresários). O é layout composto de armários e mesa para reunião.
	PROJETO FAMÍLIA	15 m ²	1	
	PROJETO CRIANÇA	15 m ²	1	
	PROMOÇÃO HUMANA	15 m ²	1	
	PROJETO ARTES	100 m ²	1	Sala focada no desenvolvimento dos trabalhos artísticos para reunião de 10 a 12 pessoas. * As salas multiuso pode servir de apoio as atividades desenvolvias neste projeto
	MINISTÉRIO DE INTERCESSÃO	15 m ²	1	Sala destinada às reuniões dos responsáveis pelas famílias, com o layout composto de armários e mesa para reunião.
	MINISTÉRIO PASTOREIO	15 m ²		Espaço para reunião dos pastores dos grupos de oração.
	MINISTÉRIO DE MÚSICA	40 m ²		Ambiente destinado às reuniões e ensaios, é composta de um depósito e possui isolamento e condicionamento acustico acústico.
	MINISTÉRIO DE EVANGELIZAÇÃO	15 m ²		Sala destinada às reuniões dos responsáveis pelo processo de evangelização, com o layout composto de armários e mesa para reunião.
	MINISTÉRIO DE DANÇA/ TEATRO	45 m ²		Sala destinada às reuniões e ensaios de teatro e dança.

	ALMOXARIFADO /DEPÓSITO	8 m ²	1	Local destinado para estocar materiais.
--	------------------------	------------------	---	---

SETOR	AMBIENTE	ÁREA ÚTIL	QUANTIDADE	DESCRIÇÃO
ORAÇÃO, ENSINO E FORMAÇÃO	GRUPOS DE ORAÇÃO	360 m ² (30m ² x 12 un.)	15	Espaços destinados à realização dos grupos de oração com ensino e orações para o público e membros da comunidade de aliança, layout com cadeiras e um pequeno altar. Grupos de no mínimo 30 membros
	FORMAÇÃO BÁSICA	30 m ²	1	Sala para ensino e formação dos preceitos da comunidade católica
	BIBLIOTECA	170 m ²	1	Local para leitura e empréstimo de livros. Com guarda volumes, mesa para funcionário responsável, mesas para leitura individual e em grupo, estantes com volumes de livros didáticos, revistas, vídeos, CD's, DVD's, e espaços com computadores. Capacidade para 50 pessoas

SETOR	AMBIENTE	ÁREA ÚTIL	QUANTIDADE	DESCRIÇÃO
APOIO/SERVIÇO	DEPÓSITO DE LIXO	10 m ²	1	Área reservada à coleta de resíduos, localizada próxima a ao fluxo de serviço.
	DML	10 m ² (5m ² x 2un.)	2	Espaço estimado para guarda de materiais de limpeza.
	ALMOXARIFADO /DEPÓSITO	30 m ² (15m ² x 2un.)	2	Local destinado para estocar materiais diversos.
	RESERVATÓRIOS	Conforme a necessidade	2	Reservatório de armazenamento e abastecimento de água superior e inferior.
	WC	24m ²	6	Local destinado às necessidades e locado um grupo de bateria em cada Bloco, dimensionado conforme a necessidade.
	ESTACIONAMENTO	127 Vagas para automóveis (carros, motos e ônibus)		

Fonte: Elaborado pela autora, 2014.

6. PARTIDO ARQUITETÔNICO E CONTRIBUIÇÕES TEÓRICAS

Tentou-se aqui realizar uma intervenção em um equipamento fabril respeitando os seus principais valores como bem industrial. O projeto elaborado tirou partido das bases teóricas vistas nos capítulos anteriores, levando em consideração as teorias estudadas e principalmente a corrente intervencionista “Crítico-conservativa” utilizada na intervenção. Essa corrente está embasada na teoria brandiana e também na releitura do restauro crítico, nela a restauração tem um lugar conservativo de forma prudente, não sendo um congelamento. Sua escala de intervenção não é muito agressiva, o que não impede a utilização de recursos criativos, de forma que haja uma conexão estabelecida entre as partes.

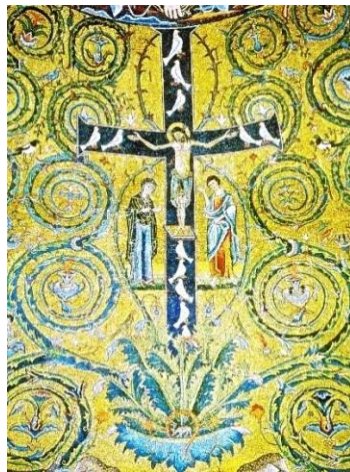
Ao intervir fez-se necessário perceber o que é importante preservar para que se perca o que é essencial do edifício como é uma proposta de requalificação no patrimônio industrial, o seu valor reside muito em seu aspecto tipológico do que de detalhes artísticos e estéticos. Assim a proposta busca preservar a leitura tipológica e volumétrica que está relacionada a forma de galpão. Além disso considera-se, também, a sua noção de conjunto industrial e sua importância como estruturador do espaço urbano devido a grande escala que o caracteriza um conjunto industrial. Existe uma dificuldade inerente é conectar os diferentes blocos entre si, assim como interligá-los dentro do espaço urbano. Muitas vezes o patrimônio industrial pode ser dilapidado devido não se saber relacioná-lo com a cidade. Então, a intervenção no projeto proposto, a fim de criar essa conexão, perde os grandes muros e abre-se ao meio para dar espaço a uma via que interliga o equipamento ao tecido urbano. Adequando às novas necessidades funcionais, as paredes internas foram reconfiguradas conforme necessário visto que essa intervenção não interfere na leitura tipológica de galpão que se deseja preservar.

Dessa forma, buscou-se preservar a sua tipologia, característica que remete a antiga função fabril, fazendo-se lembrar do contexto onde está inserido. Mesmo quando há uma nova intervenção esta passa a relacionar-se com o antigo, não destoando do conjunto. Como afirma Camilo Boito, que os novos acréscimos devem ter caráter diverso do original, mas relacionando-se com o conjunto. Podendo afirmar que buscou-se valorizar a instância estética, mas sem ferir a instância histórica, já que foi utilizado materiais e sistemas da

atualidade, denotando a contemporaneidade da nova intervenção. A nova estrutura, seja fora ou dentro dos edifícios evoca o caráter contemporâneo do sistema.

De forma a relacionar a intervenção patrimonial com o novo uso (centro católico de evangelização) estabeleceu-se um conceito paralelo. O conceito parte de um ícone religioso chamado Obra Nova (Figura 115).

Figura 115: Ícone católico Obra Nova.



Fonte: Elaborado pela autora, 2014.

O ícone apresenta Jesus crucificado, na simbologia de que após a cruz vem a ressurreição, evocando o renascimento do novo homem - morre o velho e surge o novo como uma obra nova. É nesse crivo que perpassa a simbologia católica, oriunda do ícone, e, se aplica os ideais da diretriz estabelecida e da corrente de intervenção patrimonial. Pois na proposta projetual busca-se distinguir o novo do antigo, marcando de fato o que é “obra nova e obra antiga”.

7. MEMORIAL DESCRITIVO E JUSTIFICATIVO

O memorial descritivo e justificativo complementa o material do anteprojeto contido nas pranchas (1 a 8) em anexo a esse trabalho. Aqui são expostas as soluções finais adotadas na proposta arquitetônica e os argumentos que as justificam, bem como as especificações dos sistemas técnicos (estrutura, cobertura, fechamentos, etc.), acessos ao edifício, estratégias de conforto adotadas, recomendações complementares, entre outras coisas.

DESCRIÇÃO GERAL

A proposta aqui apresentada não se trata de um projeto de restauração, compreende a linha da revitalização da antiga beneficiadora de algodão de Currais Novos. A ideia é gerar um centro católico que abarque as necessidades do processo de evangelização no Seridó do Rio Grande do Norte, tendo em vista que não há nenhum equipamento com essa proporção e nesse caráter sagrado voltado para um grande público na região. Uma proposta que faz reuso da estrutura dos edifícios através de uma atualização no uso e mantendo as características fabris no aproveitamento da ampla estrutura que é oferecida pelos galpões. Conforme já comentado anteriormente, apesar de não se tratar de bem tombado, tomamos como referência os procedimentos propostos na Portaria Nº 420 de dezembro de 2010 dentro das possibilidades atuais dos edifícios para poder estabelecer as diretrizes de intervenção.

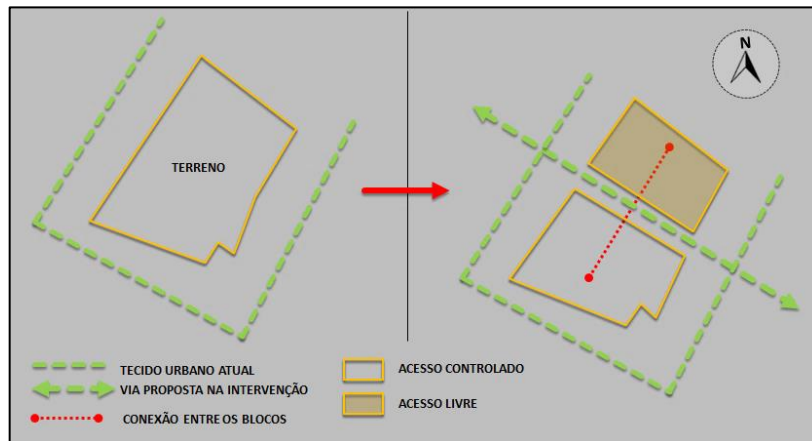
PROPOSTA GERAL

Antes de realizada a presente proposta de requalificação, o terreno possuía uma área de 19.357,29m². Com a intervenção, essa área diminuiu para 18.638,94m², pois uma parcela foi destinada ao alargamento da Rua Pref. Raul Macedo e a abertura de uma via central no terreno. A área ocupada na situação anterior era de 5.414,90m², com a intervenção esta área aumentou para 5.642,52m² mesmo após a demolição do Bloco 05. A taxa de ocupação considerando todo o projeto com a nova dimensão do lote foi de 44,41%.

A proposta de repartir o lote em duas partes implica mais numa solução de integração que inter-relaciona os blocos entre si do que numa secessão, pois é esta solução que o torna mais convidativo e permeável, retirando-o do casulo onde atualmente se

encontra. Conforme a figura a seguir percebe-se esquematicamente esse processo de divisão e integração tanto no meio urbano quanto entre as partes. O estudo de referência do ECOA também teve uma solução projetual semelhante de integração ao espaço da cidade e convidativa ao transeunte e aos veículos.

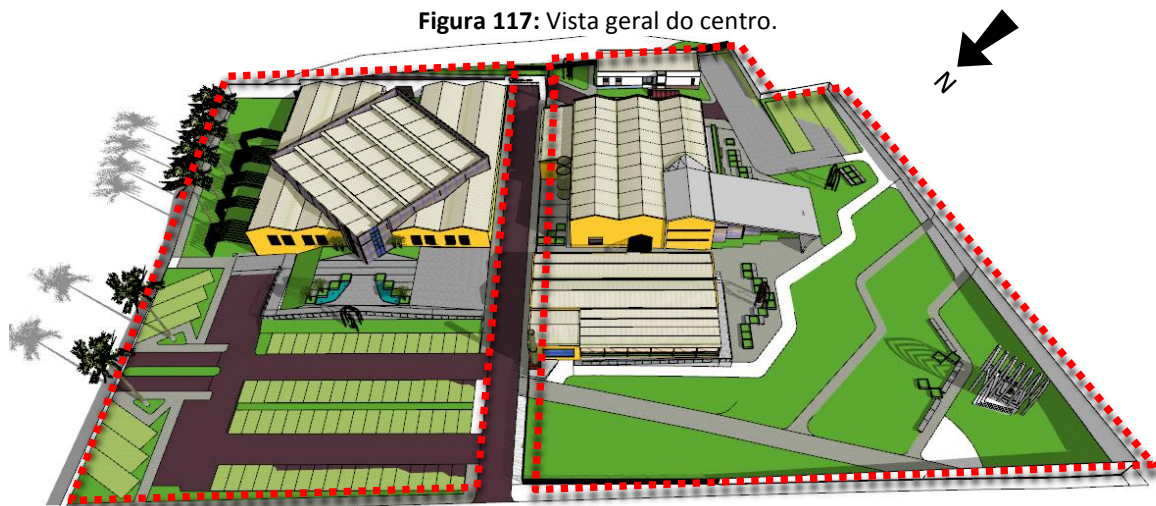
Figura 116: Esquema da intervenção geral



Fonte: Elaborado pela autora, 2014.

A parcela que possui o acesso livre perdeu os altos muros e nela está o Bloco 01, sua função é de abarcar os grandes eventos do Centro, logo para utilizá-lo não precisa necessariamente ter um vínculo direto com a comunidade carismática do centro católico. Diferente da parte em que o acesso é controlado por guarita e cercada por grades e muros, pois as funções desenvolvidas nos blocos existentes diz respeito ao público que frequenta as atividades oferecidas pela comunidade ou são membros que trabalham na parte administrativa ou apostólica.

Figura 117: Vista geral do centro.



Fonte: Elaborado pela autora, 2014.

Procurou-se integrar as partes por meio de eixos, seja pedestre ou veículo. As soluções adotadas tornam a integração convidativa a quem circula ao meio urbano, como também a quem está no próprio centro.

Para melhor compreensão ver esquema abaixo:

Figura 118: Eixos de conexão entre as partes.



Fonte: Elaborado pela autora, 2014.

Quanto ao estacionamento foi utilizada a forma de dimensionamento utilizada no Código de Obras (2004) vigente da cidade de Natal, como o acesso é por via local o total de vagas foi de 115 vagas. Mas no projeto foram colocadas 126 vagas sendo três acessíveis e seis vagas para ônibus.

Então devido a extensão do equipamento, dividiu-se o estacionamento em duas partes, 32 vagas para suprir a parte de acesso controlado e 94 para a outra parte, tendo em vista que esta última pode ser utilizada por todo o centro, pois está bem localizada ver Figura 119.

Figura 119: Implantação do centro.



Fonte: Elaborado pela autora, 2014.

Por ser uma estrutura que oferece grandes galpões, ao adequar as novas funções alguns ambientes apresentaram grandes áreas. Sempre buscou evocar a sua essência de galpão, assim como no estudo de referência do Sesc Pompéia, a antiga estrutura fabril é evidente nos armazéns como por exemplo a tesouras expostas ao longo do grande vão. No projeto, as tesouras também permanecem aparentes em todos os ambientes (exceto nos banheiros onde foi utilizado forro) e a permanência dos elementos fabris construídos no entorno dos mesmos (balança, torres).

Todas as cobertas passaram a ser cobertas com telha metálica Brasilit da linha Topsteel²³, essa telha foi utilizada devido ser leve e fina sem perder as propriedades termoacústicas, tendo em vista que em alguns locais a estrutura da coberta não serão trocadas, é uma forma de garantir que a mesma não sofra com novos carregamentos tendo em vista que a telha atual também é leve. Esta ficará aparente nos ambientes, pois não necessita de forro.

²³ A especificação da telha será abordada posteriormente.

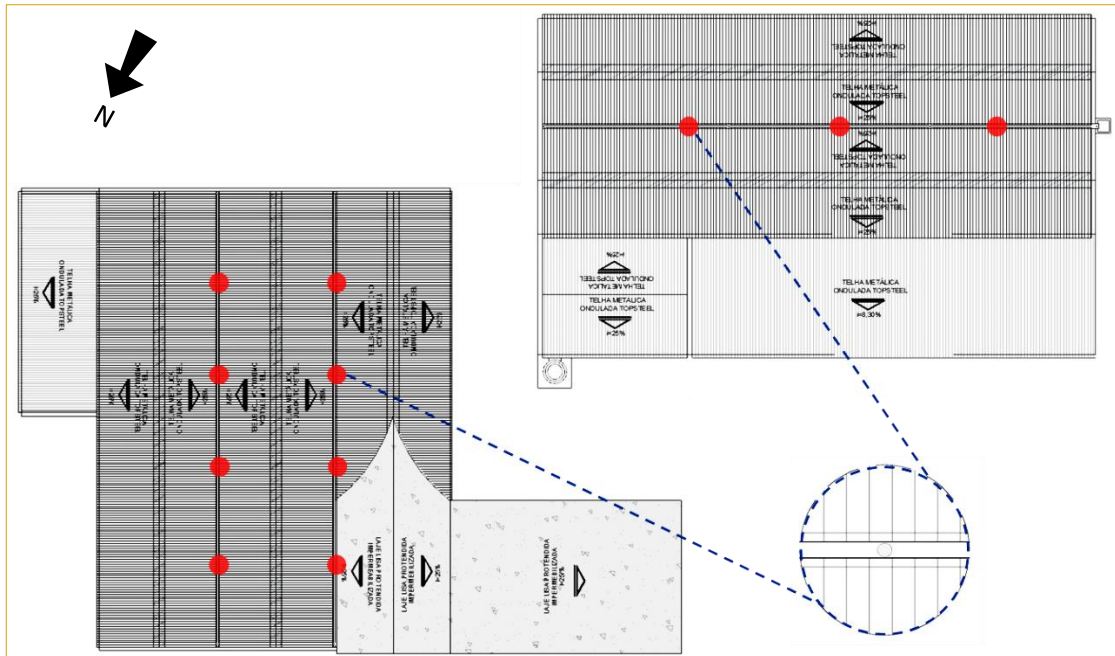
Figura 120: Vista interna do galpão – Bloco 02.



Fonte: Elaborado pela autora, 2014.

Ainda sobre a intervenção na cobertura, foram propostos novos pontos de captação no Bloco 02 e 03 (Figura 121 - representados na imagem a seguir em vermelho), pois na visita notou-se que havia um subdimensionamento das calhas.

Figura 121: Novos pontos de captação na coberta dos Blocos 02 e 03.



Fonte: Elaborado pela autora, 2014.

De forma geral, o Bloco 01 recebeu duas novas intervenções e o Bloco 02 uma, os demais não receberam anexos, tiveram suas instalações adaptadas à nova função.

Para definir a intervenção na estrutura, criou-se eixos em cada bloco em função da localização das tesouras, para que garantisse a integridade do sistema estrutural atual, e onde fosse necessário a nova estrutura metálica exercia um reforço estrutural. No Bloco 04, o modernista, por apresentar um sistema estrutural de viga e pilares teve sua definição dos eixos no encontro destes elementos.

Para auxiliar a rega, e, de forma a fugir da problemática da seca, foi proposta uma cisterna para captação das águas da chuva (Figura 119), tendo em vista a grande área de jardim. O mesmo sistema é utilizado pelo governo no combate a seca na zona rural, como alternativa para manter a plantação e o gado.

Esta está localizada na parte baixa do terreno no intuito de recolher as águas que descem pela diferença de nível. No momento da rega, esta será bombeada por motores inseridos numa casa de máquinas ao lado.

O presente trabalho não chegou ao nível de detalhamento da proposta paisagística devido sua grande dimensão. A água capitada da cisterna auxiliará nas regas, tendo em vista que está inserido em uma região árida vale salientar que é preferível propor espécies que respondam bem aos níveis de precipitação. O projeto também apresenta uma vasta área de forração e propõe-se ao invés dos tradicionais gramados, que podem necessitar de muita água, então busca-se por coberturas verdes ou gramas bem adaptados a climas mais secos.

No decorrer do terreno foram espalhados pórticos com simbolismo religioso, a sua função é de evocar, ao longo da proposta, que aquele local é sagrado. Estes pórticos são formados por três arcos apontado com tamanhos diferentes.

Cada arco simboliza a trindade santa (Pai, filho e Espírito Santo) que se entrelaçam irregularmente, e, sob eles, uma cruz relembrando a cruz de Cristo. O material utilizado indica que faz parte do novo uso, os arcos são em aço corten e a cruz em concreto aparente.

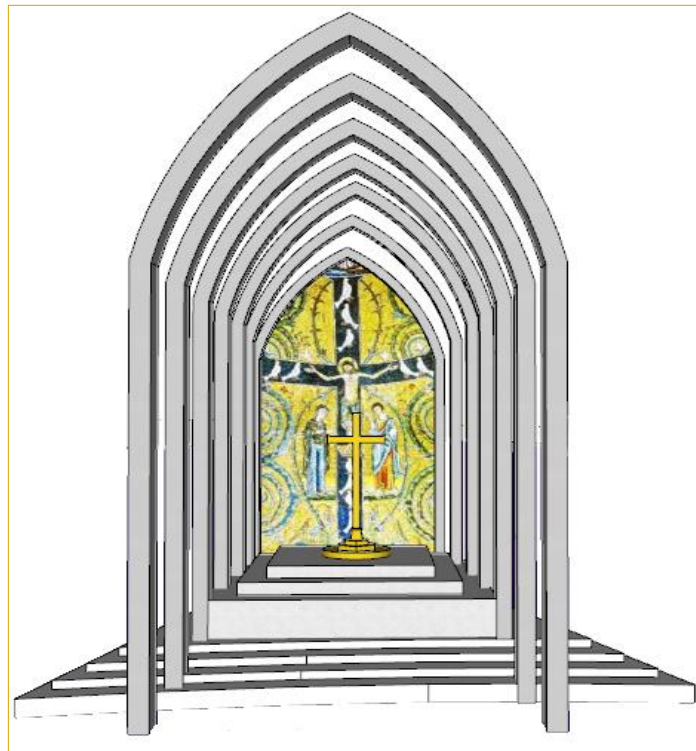
Figura 122: Pórtico Trindade.



Fonte: Elaborado pela autora, 2014.

Ainda evocando o espaço sagrado, há um grande oratório ao fim do lote, este é denominado de Oratório Obra Nova, pois nele há estampado o grande ícone que carrega consigo o suposto nome do centro e por conseguinte o conceito aplicado no projeto e em algumas intervenções que serão citadas posteriormente.

Figura 123: Oratório Obra Nova.



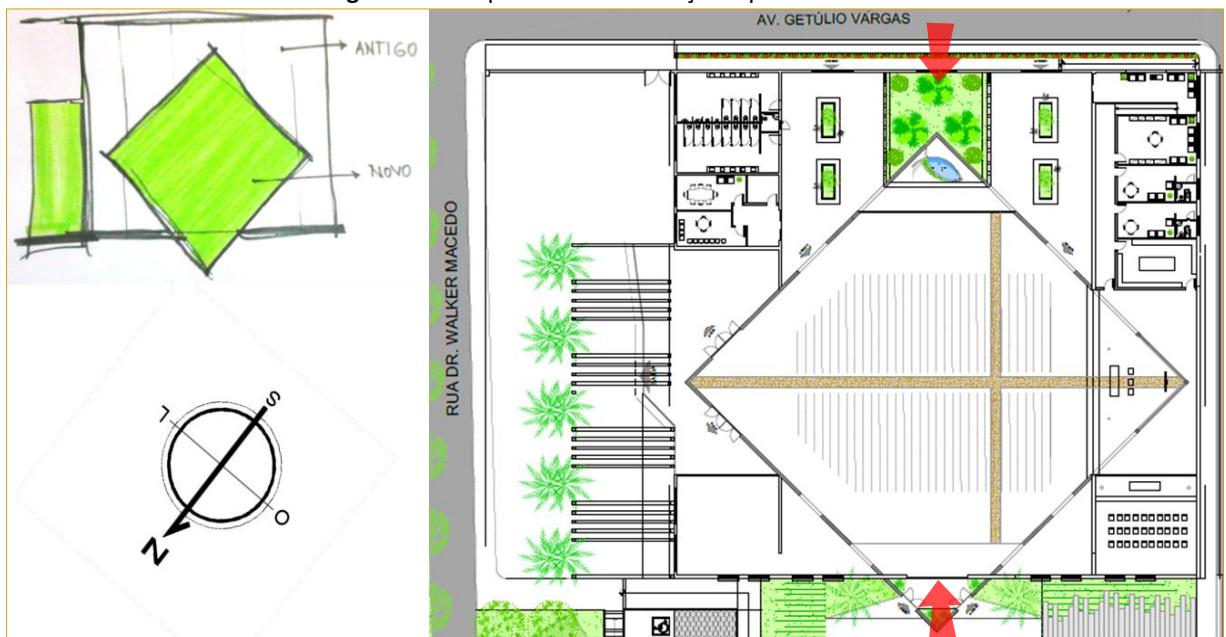
Fonte: Elaborado pela autora, 2014.

BLOCO 01

O Bloco 01 recebeu um novo elemento, a nova parte será utilizada para grandes eventos abarcando uma população de aproximadamente 500 pessoas, logo, a configuração adotada para o mesmo foi de um grande espaço livre, ocorrerá as missas do domingo, palestras, seminários, etc.

A parte antiga (galpões) é destinada ao apoio dos eventos desde sacristia, camarins, espaço para reuniões, banheiros e espaços de convivência. O novo elemento é um grande prisma de base quadrada 35 x 35 m e 8m de altura. Este foi implantado centralizado dentro dos antigos galpões, alinhando-se na direção norte-sul assim como na simbologia do estudo de referencia da Igreja N.S de Guadalupe: simbolismo cristão que Deus está no centro e em todas direções. E no seu piso há uma paginação de piso diferenciados marcando a forma de uma cruz latina e que leva até o altar (Figura 124).

Figura 124: Esquema da intervenção e planta baixa.



Fonte: Elaborado pela autora, 2014.

Para destacá-lo como novo elemento, este saca da parte antiga: na altura e na fachada posterior, além do material empregado - sua estrutura é de concreto armado que sustenta grandes treliças metálicas vencendo o vão de 35 metros (Figura 125).

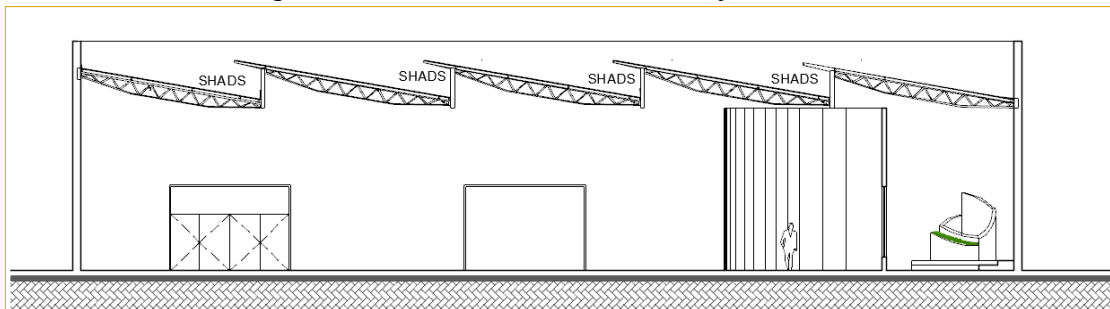
Figura 125: Marcação do novo elemento.



Fonte: Elaborado pela autora, 2014.

A composição das treliças lembram a tipologia de uma cobertura de fábrica, de forma a aludir o antigo uso. As treliças de 1,5m de altura permitem a entrada de luz natural e circulação do ar, formando grandes *sheds*, como estratégia de conforto (Figura 126).

Figura 126: Corte do novo elemento – treliças metálicas.



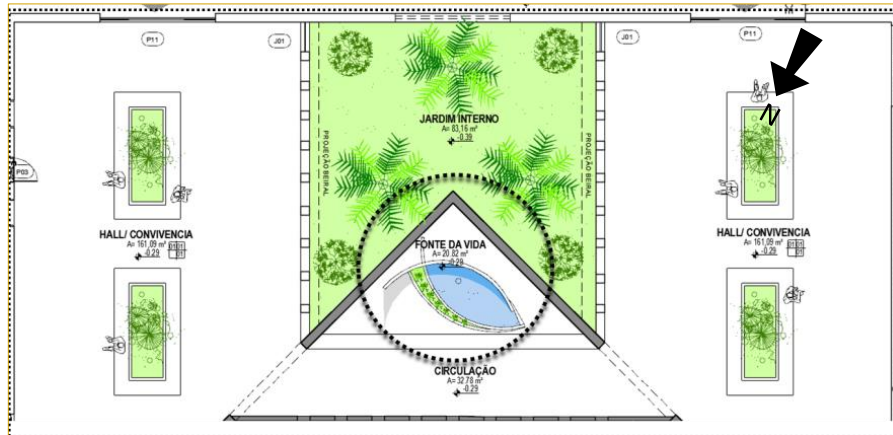
Fonte: Elaborado pela autora, 2014.

A parte antiga dos galpões ladeadas a este prisma é recoberta por novas tesouras de madeira, aludindo a cobertura anterior que estava se deteriorando, todos ambientes receberam novas esquadrias em aço e vidro para acesso, ventilação e iluminação natural.

Quanto aos acessos, existem dois, um na fachada frontal voltada para a Av. Getúlio Vargas através de dois halls de entrada e outro acesso na fachada posterior interligada ao estacionamento maior (Figura 124). Próximo a entrada frontal como forma de ligação entre os halls há um circulação com uma fonte representando a vida (Figura 127).

A forma da fonte é oriunda da Vesica Piscis, símbolo universal na arte sacra e também presente em muitas religiões, carrega consigo o significado da criação, da concepção.

Figura 127: Fonte da vida.



Fonte: Elaborado pela autora, 2014.

Há uma mais uma fonte localizada externamente na fachada posterior. A inspiração vem do estudo de referencia do ECOA, que apresenta uma fonte que se estende pela rua das águas. A inspiração vem também do simbolismo religioso citado anteriormente.

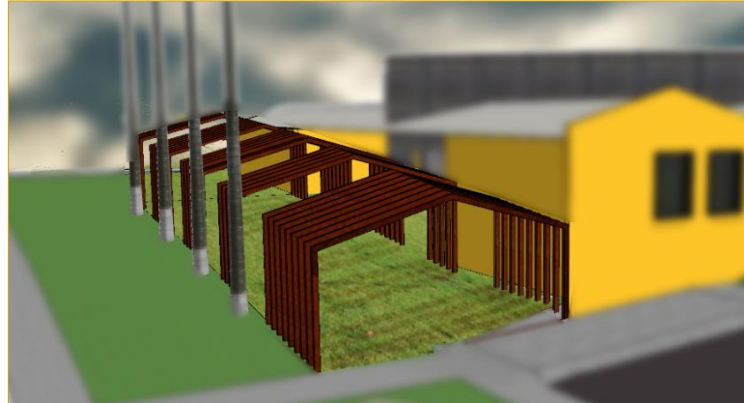
Figura 128: Fonte da vida.



Fonte: Elaborado pela autora, 2014.

O antigo galpão lateral voltado para a Rua Dr. Walker Macedo, torna-se pörticos em aço corten seguindo a mesma caixa mural do anterior, formando uma área externa convidativa à convivência (Figura 129).

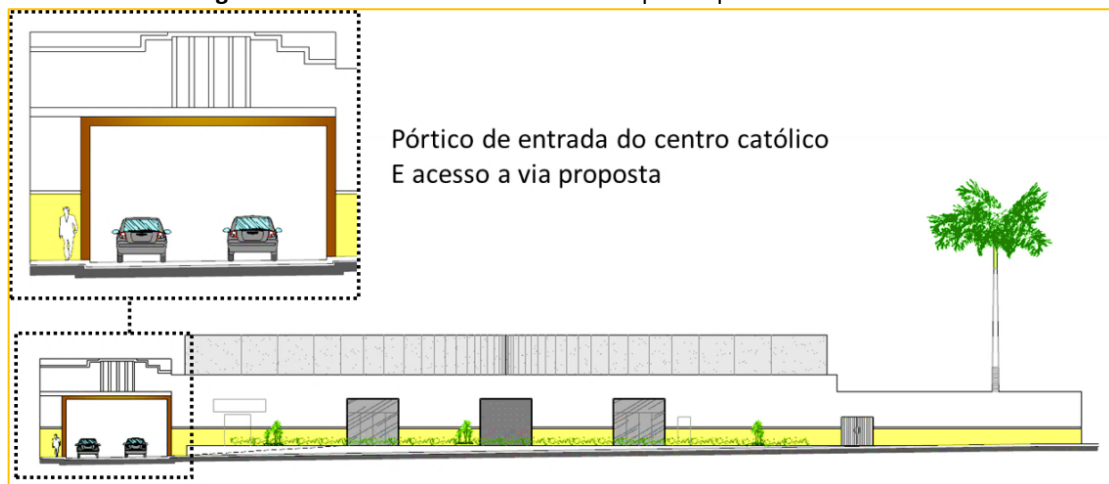
Figura 129: Pórticos laterais.



Fonte: Elaborado pela autora, 2014.

Quanto a proposta das fachadas, a frontal passou por algumas intervenções: o ultimo galpão que a cobertura ruiu completamente e já estava em meio à mata, se transformou num pórtico que dá acesso a via que corta o lote, sendo transformado no pórtico de entrada de veículos e pedestres ao centro. Ao abrir a via, uma das torres que se encontrava no extinto galpão foi retirada para a circulação dos veículos e pedestres. Na intervenção desta fachada o frontão protomodernista foi preservado (Figura 130). Para marcar a intervenção nesse trecho da fachada, uma estrutura com perfis em aço corten definem a intervenção contemporânea. A parte inferior da fachada era pintada na cor azul, esta foi modificada para amarelo, no intuito de seguir a mesma ordem dos blocos 02 e 03, pois um dia já foram pintados nesta cor.

Figura 130: Fachada frontal com detalhe para o pórtico de entrada.

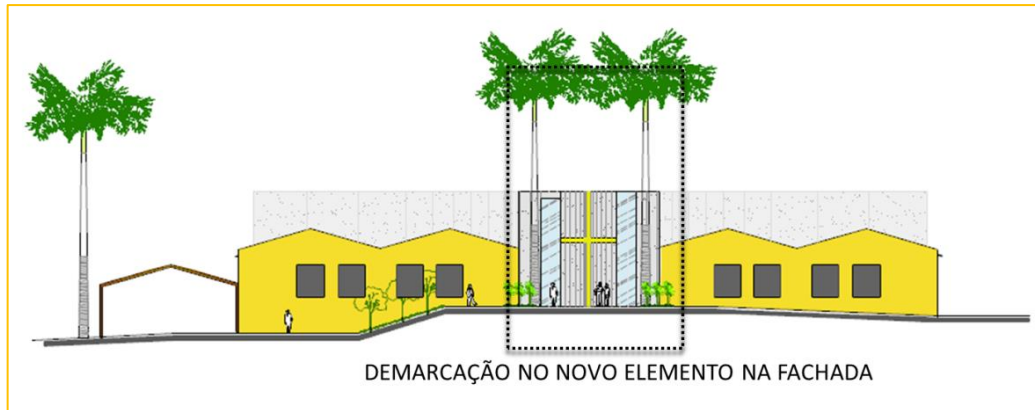


Fonte: Elaborado pela autora, 2014.

Quanto a fachada posterior (Figura 131), a intervenção não se dá com a mesma precisão que a anterior, pois por motivos explanados não foi possível ter acesso a mesma,

no entanto a a representação da situação atual dela foi embasada nos dados adquiridos na visita. No centro da fachada saca parte do prisma de concreto, percebendo que aquele elemento central marca a contemporaneidade da tipologia que o ladeia.

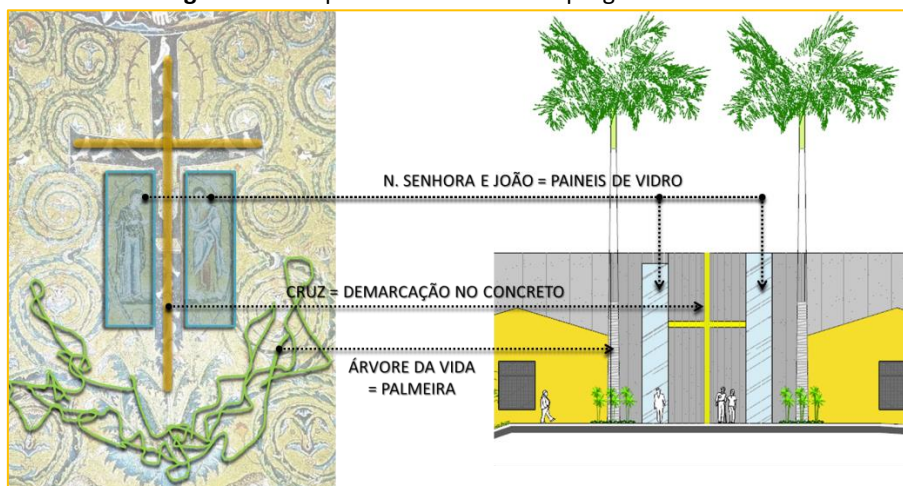
Figura 131: Fachada posterior.



Fonte: Elaborado pela autora, 2014.

Sua composição formal está imbuída no conceito Obra Nova, por conseguinte, na simbologia cristã. O ícone é transcrito na fachada através do novo elemento, simbolizando alí a obra nova e o homem novo: a cruz é levada ao centro assim como no ícone, a vegetação da imagem é traduzida nas palmeiras ladeando o elemento. E por fim assim, a imagem de N. Senhora e do discípulo João é traduzida nos painéis de vidro. Sendo que o painel que representa Maria possui um arremate superior, assim como nos ícones religiosos onde a mulher é pintada com a cabeça coberta. Nessa intervenção o novo elemento está embebido do conceito patrimonial quanto do conceito religioso do obra nova.

Figura 132: Esquema do conceito empregado na fachada.



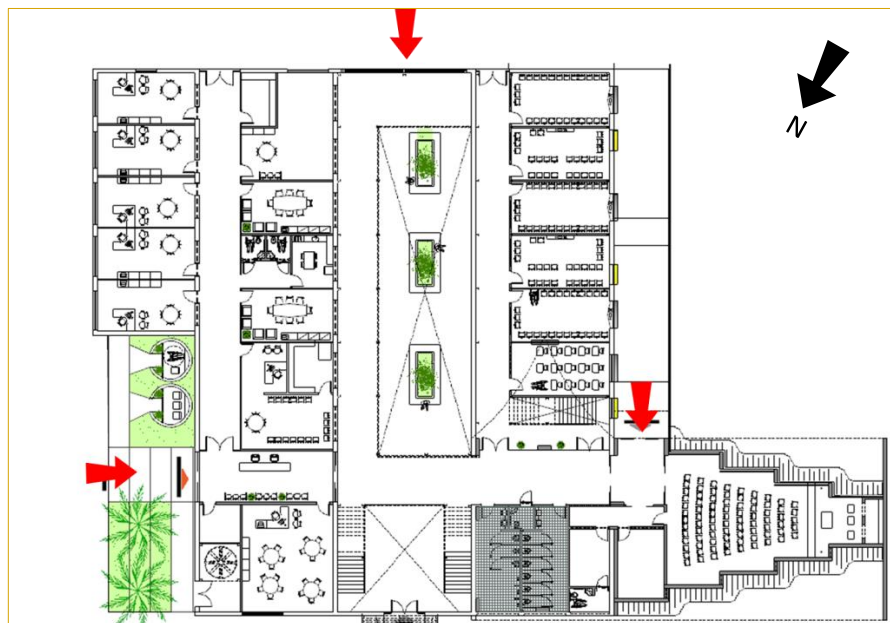
Fonte: Elaborado pela autora, 2014.

Esta intervenção foi a mais invasiva que as dos demais blocos, mas esta só ocorreu neste edifício devido o estado de conservação de arruinamento em que ele se encontrava. Porém, a todo tempo foi evocada a sua tipologia de galpão e sua essência fabril.

BLOCO 02

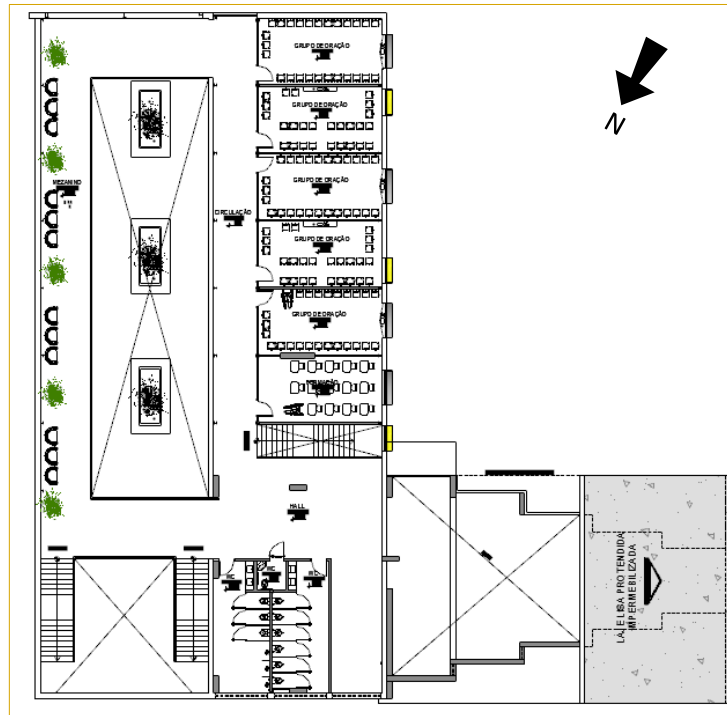
O bloco em questão é utilizado por dois públicos, os que frequentam o centro e os funcionários. Este último equivalente ao setor apostólico e o público ao setor de oração, formação e ensino. Cada público foi dividido basicamente por grupos de galpões: as salas dos ministérios, projetos e a entrada principal com a recepção ocupam os dois galpões laterais leste. O central foi destinado a convivência e exposição, e, funciona como eixo de ligação e fluxo no sentido leste-oeste entre os Blocos 02, 03 e 04. E no último galpão, estão as salas dos grupos de oração e de formação, como dito, este também faz proveito da altura do galpão através de outro nível.

Figura 133: Planta baixa térreo.



Fonte: Elaborado pela autora, 2014.

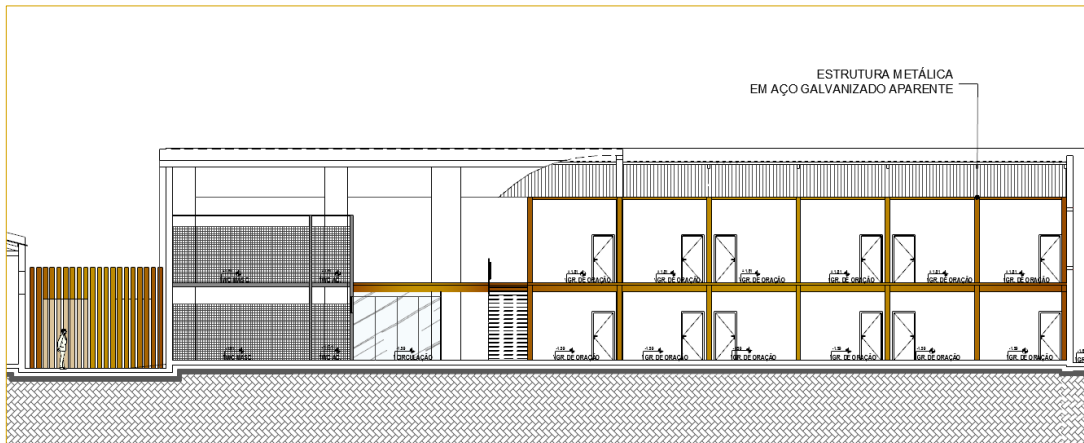
Figura 134: Planta baixa mezanino.



Fonte: Elaborado pela autora, 2014.

Como forma de aproveitar o pé direito alto foi implantado um mezanino que serve de acesso às salas dos grupos no pavimento superior, como também, é uma área de convivência e espera para as atividades do primeiro pavimento. As tesouras aparentes foram mantidas aparente como forma de reforçar a tipologia de galpão e recobertas com telhas metálicas do linha topsteel, é um tipo de telha leve mas com propriedades termo acústicas. A localização delas definiram os eixos em planta, nesses trechos não houveram aberturas nas paredes existentes de forma a preservar a inteireza da antiga estrutura. A nova estrutura que sustenta o segundo nível é uma estrutura independente, foi colocada nos mesmos eixos definidos para a intervenção na estrutura antiga. O novo sistema utilizado foi metálico devido a mínima interferência possível nas paredes atuais, ao mesmo tempo que funciona como um reforço estrutural. Foi também uma solução estética, mantendo o aço corten aparente de forma a ressaltar a contemporaneidade do material e da intervenção (Figura 135).

Figura 135: Corte longitudinal no galpão – estrutura metálica.

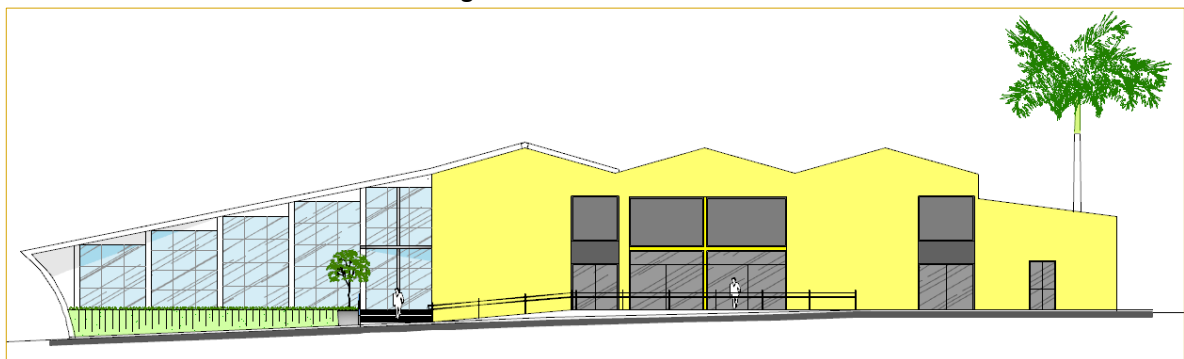


Fonte: Elaborado pela autora, 2014.

Como havia diferença de nível nos pisos, nivelou-se todos os galpões na altura do galpão menor que está próximo as torres oratórios.

Na fachada frontal foi necessário fazer aberturas como acessos e as que permaneceram tornaram-se esquadrias fixas criou-se um acesso elevado, pois mesmo nivelando o piso interno, externamente essa diferença existia devido a topografia do terreno (Figura 136).

Figura 136: Fachada frontal.



Fonte: Elaborado pela autora, 2014.

Na fachada lateral (Figura 137) o revestimento foi retirado deixando o tijolo aparente, assim como Lina propôs no Sesc Pompéia, como forma de manter a proteção ao tempo esta recebe produtos e vernizes que a protege das intempéries. Esta foi a única parede que recebeu esse tipo de intervenção. Criou-se um acesso com uma longa rampa percorrendo quase toda a extensão lateral. As aberturas das antigas portas laterais foram mantidas e reutilizadas como janelas, para as novas aberturas houve respeito aos eixos definidos e ao abri-las, como forma de distribuir os esforços na parede foram colocadas vergas e contra-vergas, estas ficando aparente foram revestidas de chapas em aço corten

ressaltando o elemento. Para diferenciar as esquadrias inseridas em aberturas antigas estas receberam a cor amarela. Todas as esquadrias também apresentam um material diferente das esquadrias que houveram ali, o aço galvanizado é largamente utilizado. Como proteção das esquadrias são utilizados brises metálicos com chapas perfuradas no intuito de permitir maior permeabilidade visual entre os meios.

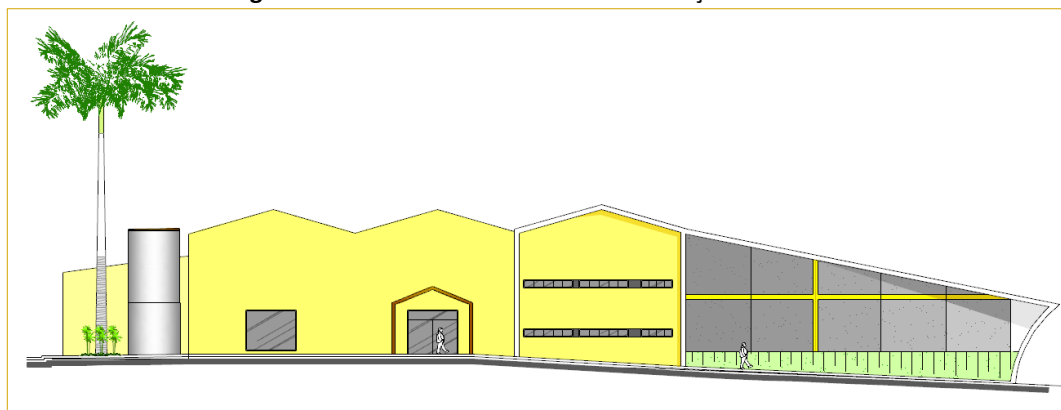
Figura 137: Fachada lateral.



Fonte: Elaborado pela autora, 2014.

Assim como no Bloco 01 houve a adição de um anexo, também de caráter religioso. O elemento com a função de capela tenta reproduzir de forma atual a tipologia do galpão ao lado e o seu sistema construtivo ressalta que é uma nova intervenção.

Figura 138: Corte do novo elemento – treliças metálicas.



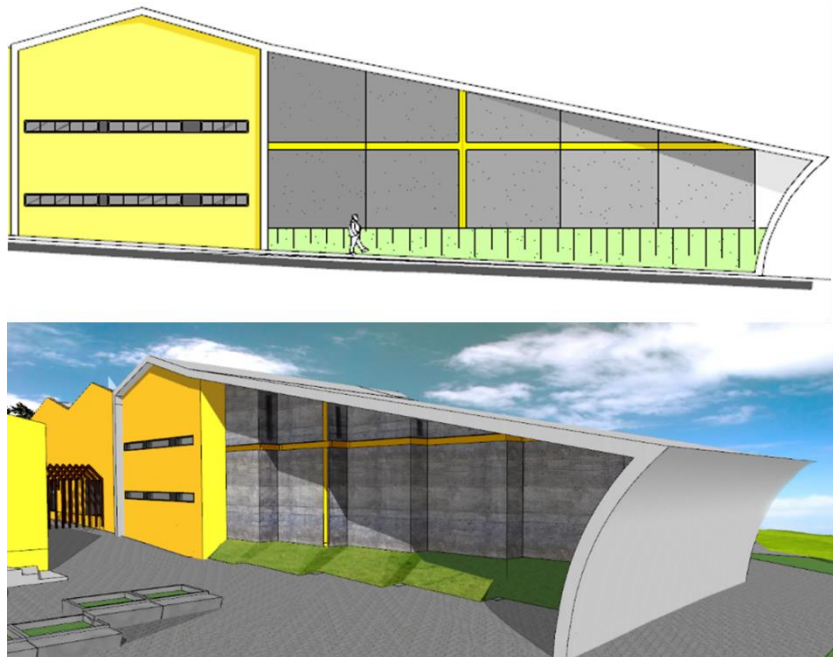
Fonte: Elaborado pela autora, 2014.

O local do anexo não foi aleatório, pois ele cobre estrategicamente a parte em que já não havia mais cobertura no bloco. Recobre seguindo a mesma tipologia da coberta anterior, mas evocando um novo elemento. Com uma laje em forma de duas águas ele fica sobre o galpão e na extensão de uma das águas ele arremata a capela.

Para conseguir o aspecto delgado e com grande vão nos beirais que chegam a quase 5 metros, foi preciso utilizar-se do sistema da protensão do concreto armado na laje lisa de 30 cm. As paredes tornam-se paredes-pilares para poder receber a carga oriunda da laje que está sobre vigas-faixa.

A parede oeste é cega e robusta, de forma amortecer a entrada de calor durante a tarde. Na modulação, a cada quatro metros a parede é segumentada e adentra um metro, formando uma planta escalonada e direcionando a assembleia ao altar. Dentro do volume, apenas quatro das cinco paredes escalonadas estão dentro da capela, na simbologia dos quatro apóstolos. E externamente há uma cruz cunhada no concreto e diferenciada pela cor amarela (Figura 139). O Anexo é de grande dimensão tendo em vista a grande escala do galpão que ele recobre, este possui uma altura pouco mais de oito metros. Essa monumentalidade do anexo caiu bem na função religiosa, pois expressa na capela a dimensão de Deus na cruz cunhada no concreto.

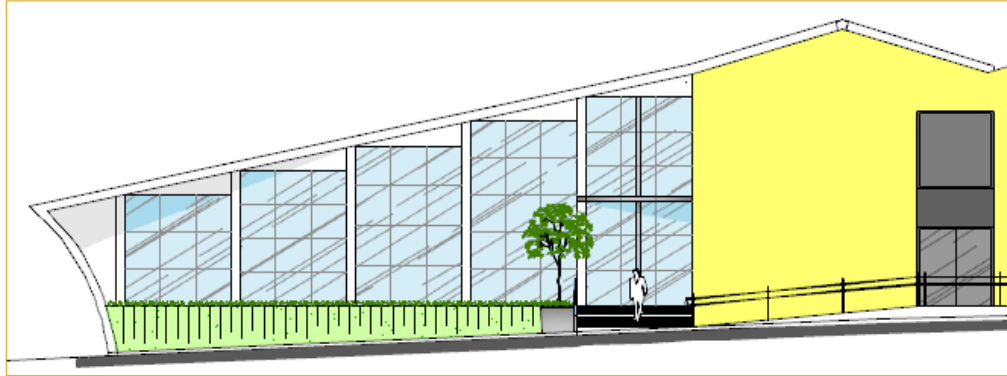
Figura 139: Novo anexo – fachada posterior.



Fonte: Elaborado pela autora, 2014.

Oposta a esta parede, há um grande pano de vidro, mas que não recebe insolação direta durante a tarde. O sol que esta recebe é durante o período da manhã, logo está protegida quase que plenamente pelo grande beiral como também pelos brises móveis internos.

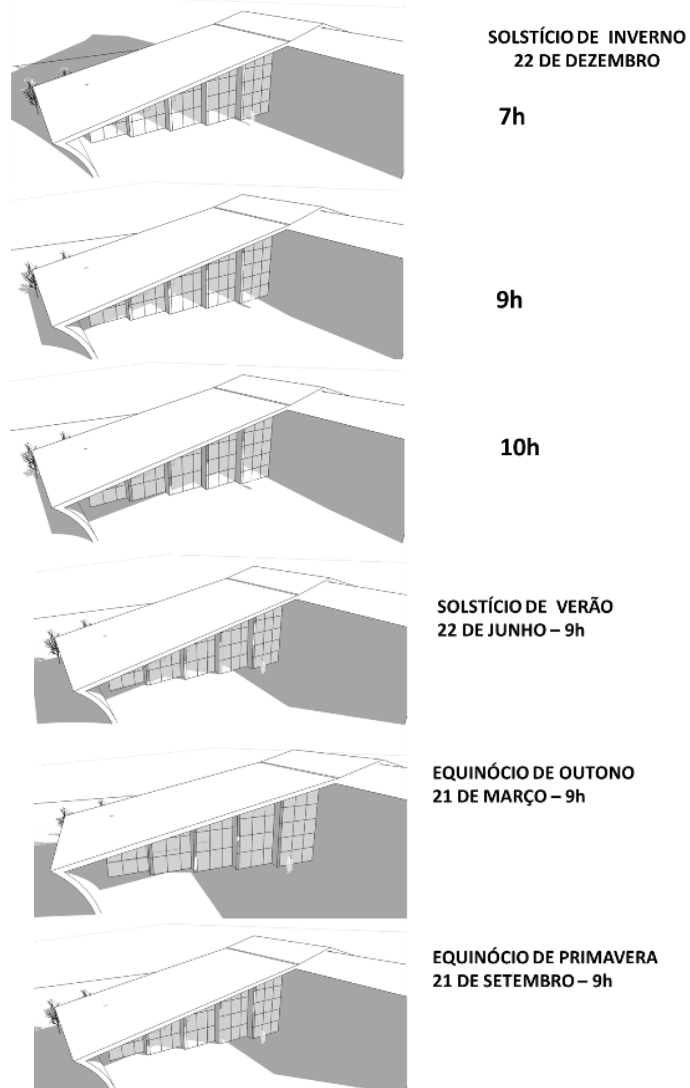
Figura 140: Novo elemento na fachada frontal.



Fonte: Elaborado pela autora, 2014.

De forma a comprovar, foi realizado estudos de simulação durante a manhã nos períodos dos solstícios e equinócios:

Figura 141: Estudo de insolação da fachada frontal.

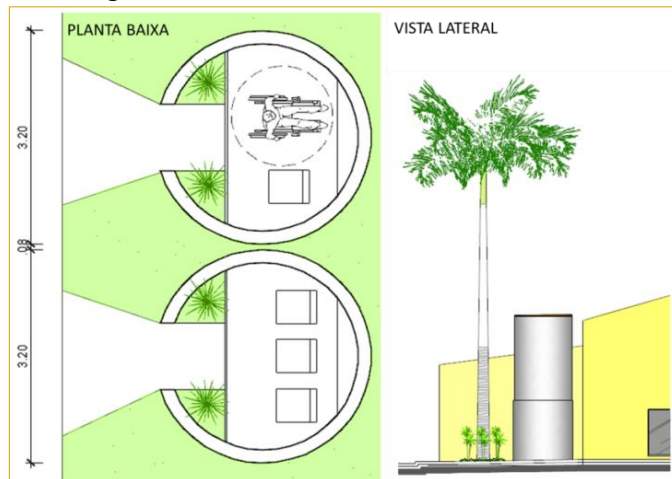


Fonte: Elaborado pela autora, 2014.

O sol da manhã incide diretamente nos painéis com maior intensidade apenas em dezembro, mas a partir das 10h vai diminuindo (Figura 141). Percebe-se então a eficácia do largo beiral. Os brises móveis inseridos internamente permitem proteger durante este horário, mas a sua finalidade maior é controlar a entrada de luz. Quanto ao conforto térmico, os vidros apresentam propriedades térmicas.

As antigas torres próximas à recepção foram aproveitadas como oratórios devido seu amplo espaço interno, no local onde estão inseridas foi criada uma pequena praça convidativa (Figura 142).

Figura 142: Torres transformadas em oratórios.

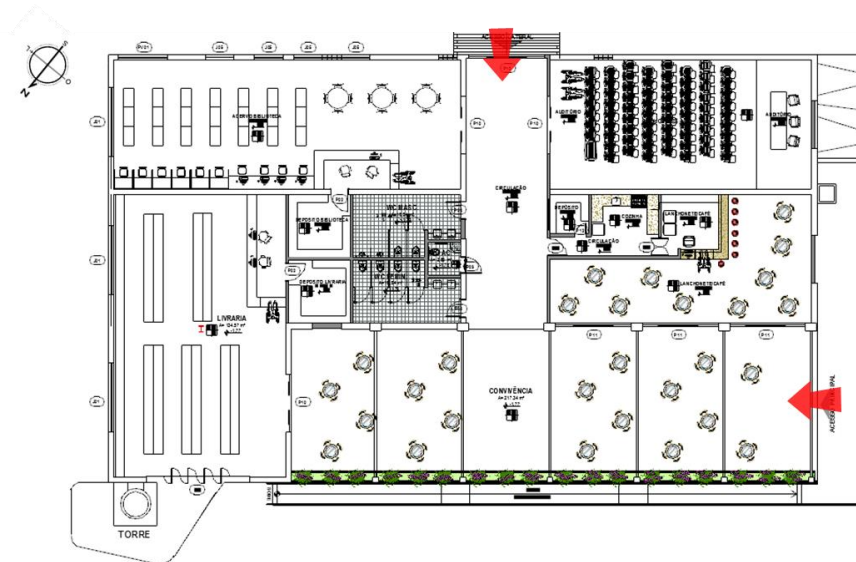


Fonte: Elaborado pela autora, 2014.

BLOCO 03

Este bloco foi um dos que a sua intervenção ocorreu de forma mais suave. A sua adaptação necessitou adicionar algumas paredes e fazer algumas aberturas para abarcar o novo ao uso atual. Nele está a lancheonete/café, livraria, biblioteca, auditório e banheiros.

Figura 143: Trajetória solar e ventilação predominante.



Fonte: Elaborado pela autora, 2014.

O alpendre permaneceu com sua cobertura de uma água e sua estrutura de madeira e cabo de aço, o piso que antes era rebaixado em relação aos galpões foi elevado e nivelado com os demais e ganhou uma jardineira na extremidade do desnível de forma a resguardar o transeunte (Figura 144). Sua função é uma espécie de hall de entrada com praça de convivência, pois as mesas dispostas servem para a lancheonete quanto para a livraria.

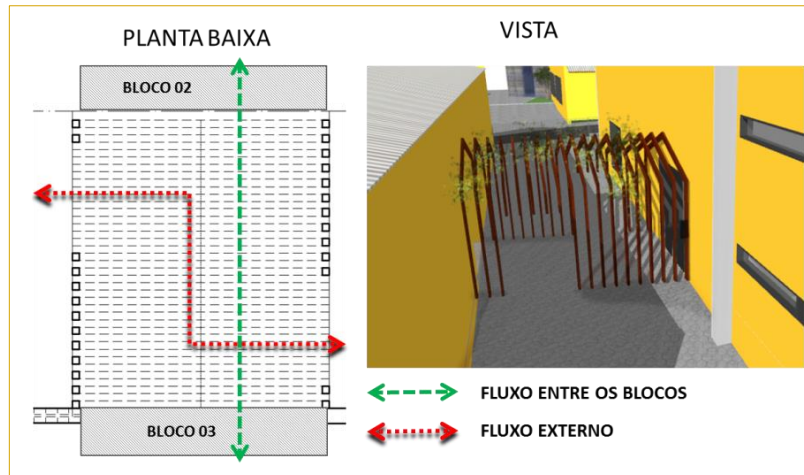
Figura 144: Corte transversal do Bloco 03.



Fonte: Elaborado pela autora, 2014.

Entre os dois galpões que compõe o bloco criou-se uma circulação perpendicular ao alpendre, o final dela leva ao pórtico de ligação entre o Bloco 02, feito tipo uma pérgola é composto por perfis em “U” de aço corten (Figura 145).

Figura 145: Pórtico de ligação entre os blocos 02 e 03.



Fonte: Elaborado pela autora, 2014.

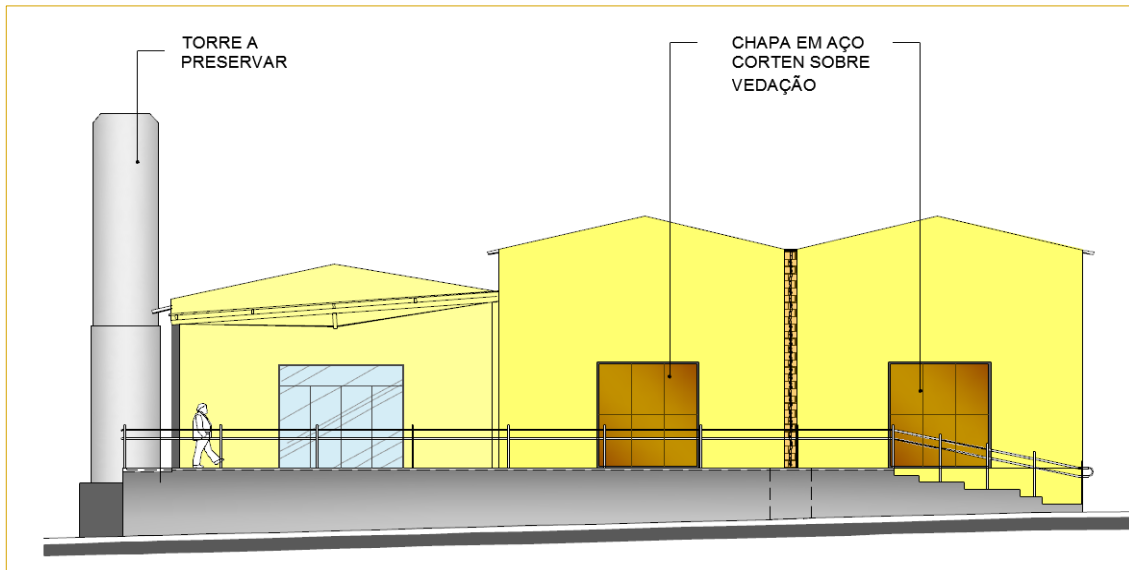
Ao final, próximo a livraria há uma delgada torre que foi preservada, a sua forma quando ao lado dos galpões, formam uma bela composição fabril (Figura 144).

O acesso lateral que é feito através do pórtico apresenta praticamente o mesmo nível do edifício. Mas na outra extremidade do bloco, o desnível chega a quase dois metros após o nivelamento dos pisos. Desta forma, fez-se necessário o acesso por rampa e escada.

As aberturas da fachada frontal foram fechadas, pois os ambientes requeriam paredes cerradas, como também uma alternativa de deixar apenas uma entrada principal na fachada frontal.

Com o fechamento, houve a preocupação de deixar evidente que alí anteriormente foi uma porta: marcou-se com uma vedação recuada e revestida de placas de aço corten (Figura 146).

Figura 146: Fachada frontal bloco 03.



Fonte: Elaborado pela autora, 2014.

A cor amarela também foi empregada, pois era cor que foi encontrada as paredes externas.

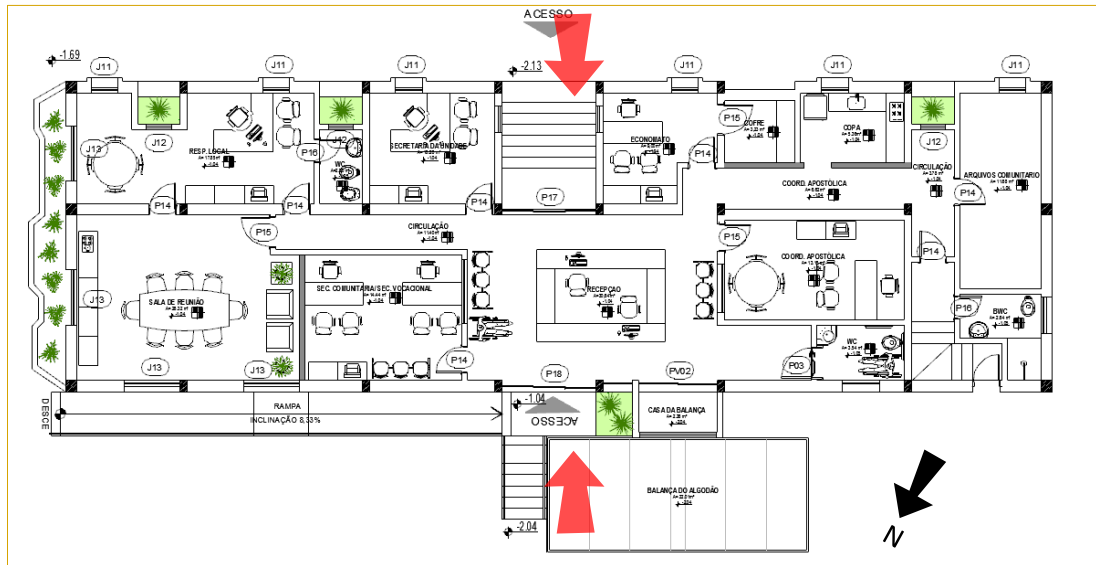
A cobertura com tesouras foi mantida, será apenas recobertas com novas telhas metálicas com propriedades termo-acusticas e na cumeeira iluminação zenital com telhas onduladas transparentes.

A calha central desaguava na fachada frontal, então foi proposta uma caixa de águas pluviais, de forma a direcionar o fluxo da água com uma corrente a fim de evitar manchas na fachada, como visto no local.

BLOCO 04

O bloco que teve a menor intervenção, pois seu estado de preservação era bom e sua função anterior foi mantida, agora, funcionando como parte administrativa do centro (Figura 147)

Figura 147: Planta baixa Bloco 04.



Fonte: Elaborado pela autora, 2014.

Algumas paredes foram removidas para ampliar alguns ambientes e outras foram construídas, mas não muito relevantes em função do todo - verificar na planta de reforma Prancha 06.

Como só havia acesso frontal e por meio de escada, criou-se um acesso por meio de rampa e de uma escada na fachada posterior. A balança foi mantida e evidenciada com uma pequena praça de modo a lembrar o uso antigo do equipamento (Figura 148).

Figura 148: Vista da fachada posterior.



Fonte: Elaborado pela autora, 2014.

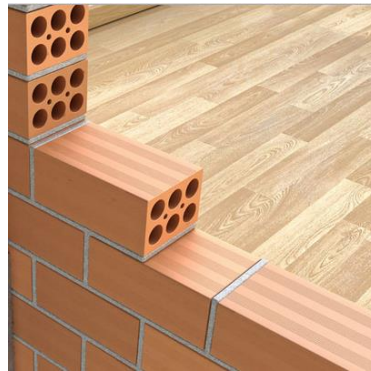
A proposta prevê a retirada de todo o piso emborrachado existente e revestir com porcelanato, e mantém a ordem interna como a laje chapiscada e o roda-teto em corda. As esquadrias também são mantidas na mesma cor azul, precisando retocá-las.

MATERIAIS UTILIZADOS

Este subtópico descreve os materiais que foram empregados no anteprojeto e explica como foram utilizados. Sua aplicação ressalta a nova intervenção como visto na proposta anteriormente, estes foram aplicados de forma uniforme em todos os blocos e no entorno dos mesmos, de forma a manter a unidade e integração junto com o conjunto. No âmbito religioso, a exposição da tectônica do material representa a verdade, pois ali se consegue enxergar com concretude a veracidade do material e o que ele é de fato.

As vedações propostas são de alvenaria em bloco cerâmico rebocado e pintado, o sistema utilizado é pesado, mas retarda a propagação do calor , tendo em vista que o clima do Seridó requer uma maior robustez.

Figura 149: Alvenaria de bloco cerâmico sem reboco.



Fonte: http://1.bp.blogspot.com/-1_kfb0S9GEc/Tr7RehzqwBI/AAAAAAAAEVA/3uNrC3oSps/s1600/parederevestida.jpg. Acesso em 09.11.2014.

O concreto armado aparente foi utilizado nos anexos: no anexo do Bloco 01 no prisma central e no Bloco 02 na capela. Sendo este último recebendo protensão, e , quando aplicado na laje não era aparente, mas pintado na cor branca. Mesmo o material estando “oculto” a sua forma evoca que aquele elemento é um anexo ao preexistente, além de que suas paredes apresentam a tectônica do novo material. A laje lisa é protendida nas duas direções e as paredes da capela eram pilares-parede para poder sustentar os esforços. Esse tipo de laje permite alcançar grandes vãos e esbeltes.

Figura 150: Concreto armado aplicado na parede.



Fonte: http://4.bp.blogspot.com/-6POyNOvj42I/TZm1SCE3CxI/AAAAAAAAAFrl/dOt0Ed_1xS0/s1600/P1080006.JPG. Acesso em 09.11.2014.

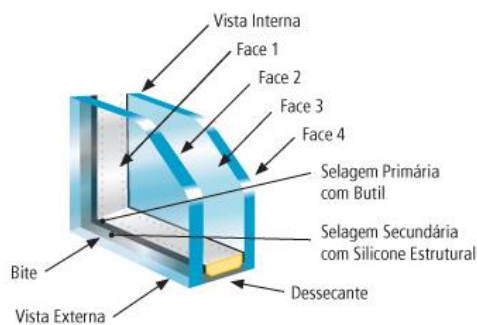
Figura 151: Laje com protensão.



Fonte: <http://www.glassec.com.br/pagina/produto/5>. Acesso em 09.11.2014.

O vidro foi utilizado em um dos blocos com vastidão. Mas como visto anteriormente o pano de vidro foi colocado sob grandes beirais e numa direção favorável. Mas para auxiliar a esta solução projetual foi utilizado o vidro duplo insulado baixo emissivo, este ajuda no controle solar, oferece equilíbrio entre a transmissão luminosa e o controle da energia solar. Além de oferecer alta transmissão luminosa, baixa reflexão externa e os mais baixos coeficientes de transmissão térmica disponíveis, logo a transferência de radiação de calor é reduzida.

Figura 152: Vidro duplo.



Fonte: <http://www.glassec.com.br/pagina/produto/5>. Acesso em 09.11.2014.

O aço corten foi usado no projeto de duas formas distintas, uma de forma estrutural e outra de como fechamentos em chapas. Quando estrutural foram utilizados perfis metálicos “I” cvs 300 x 47 para viga e cs 200x29 para pilares e para os pórticos perfis em “U”. Quanto as chapas, foram empregadas no recobrimento das antigas aberturas e nas vergas e contra-vergas.

Figura 153: Vigas e pilares em aço corten.



Fonte:

<http://www.archiproducts.com/pt/produtos/90969/viga-e-pilar-mistos-de-aco-betao-composite-beams-manni-sipre.html>. Acesso em 09.11.2014.

Figura 154: Chapas em aço corten.

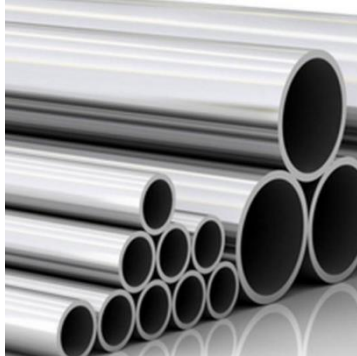


Fonte:

http://www.sketchupbrasil.com/modules/xforum/viewtopic.php?viewmode=compact&topic_id=9706&forum=13. Acesso em 09.11.2014.

Outro aço utilizado é o aço galvanizado este é aplicado no guarda-corpo e corrimão e nas esquadrias. No guarda corpo sua aparência é cromada pois é revestido com uma fina camada de zinco para ajudar a evitar a corrosão. Quando este é pintado reforça a sua proteção ao metal, no projetoeste aço é utilizado na cor cinza escura para as esquadrias utilizadas em aberturas novas e quando em aberturas existentes na cor amarela.

Figura 155: Tubos em aço galvanizado.



Fonte: h

<http://br.pinterest.com/pin/361695413797007207/>. Acesso em 09.11.2014.

Figura 156: Esquadria aço.



Fonte: h

<http://br.pinterest.com/pin/361695413797007207/>. Acesso em 09.11.2014.

As telhas utilizadas é a telha de aço termoacústica ondulada TopSteel da Brasilit. O conforto térmico é assegurado pela reflexão dos raios solares. Quanto a acústica, o som produzido pelo impacto direto da chuva sobre as telhas é amortecido em até 85%. Internamente, o acabamento é na cor branca, portanto, não há necessidade de forro.

Figura 157: Telha ondulada topsteel.



Fonte: <http://www.brasilit.com.br/produtos/telhas-topsteel/>. Acesso em 09.11.2014.

Para a parede em que o revestimento foi retirado e mantendo aparente o tijolo, foi indicada a utilização dos verniz acrílico na Suvinil hidro-repelente com açõa protetora, impermeabilizando a superfície. Esse produto é próprio para aplicar em superfícies de tijolos ou de concretos, de forma a proteger das intempéries.

Figura 158: Verniz acrílico Suvinil.



Fonte: <http://www.suvinil.com.br/pt/guia-de-pintura/como-pintar/tijolo-telhas-e-pedras.aspx?CodProdutoPreparacao=44&CodProdutoAcabamento=15>. Acesso em 09.11.2014.

Para garantir a permeabilidade do solo e, sobretudo, para aumentar a taxa de permeabilidade nas áreas pavimentadas, foi utilizado o piso drenante em uma vasta área no

projeto. Pisos permeáveis e drenantes são feitos com concreto poroso, por onde a água é drenada. Daí serem chamados de pavimentos permeáveis, sua taxa de permeabilidade é de mais de 90%.

Figura 159: Piso drenante.



Fonte : http://www.rhinopisos.com.br/site/produtos/18/placa_drenante_piso_drenante_pavimento_permeavel_concreto_poroso. Acesso em 09.11.2014.

RESERVATÓRIO

Para o cálculo do reservatório, fez-se uso das relações apresentadas por Hélio Cerder (1995). Sabendo que a população é de 500 pessoas e considerando que o uso seja Templo/Igreja considera-se que cada lugar consome 2litros por dia. Logo, o consumo diário será de 1000 litros. Para precaução faz necessário prever a capacidade do reservatório para o consumo diário de dois dias. Então o consumo será:

$$1000L \times 2 \text{ dias} = 2000L$$

O reservatório inferior deve conter 3/5 da quantidade total mais o necessário para aguar os jardins (1,5L por m²) e o superior 2/5 do consumo mais a reserva de incêndio, estimada em 20% do consumo diário. Assim, calcula-se:

- Dos jardins: $5.115,54m^2 \times 1,5L = 7.673,31L$
- Reserva de incêndio: $2000 (20\%) = 400L$

$$\text{Total: } 2000L + 7.673,31L + 400L = 9073,31 L$$

- 3/5 para reservatório inferior = 5443,986
- 2/5 para reservatório superior = 3629,324

O Reservatório inferior foi locado no solo próximo ao Bloco 02 com a capacidade de 6000L, quanto ao superior será armazenada em uma caixa de fibra de vidro da Fortlev de 4000L que serão locadas numa área técnica locada no bloco 02 perto da praça dos oratórios.

CORPO DE BOMBEIRO – SAÍDA DE EMERGÊNCIA

De acordo com o CÓDIGO DE SEGURANÇA E PREVENÇÃO CONTRA INCÊNDIO E PÂNICO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE capítulo IV e Art. 6º o equipamento se classifica como “ocupação REUNIÃO PÚBLICA”, como detalhado nos Condicionantes Legais; e a partir do Instrução .

Para análise melhor detalhada O Bloco 01 por reunir um grande número de pessoas, necessita de saída de emergência, pois tem uma capacidade para em torno de 500 pessoas.

As saídas, foram dimensionadas conforme a NBR 9077/1993.

As portas que compõem as rotas de fuga devem abrir sempre em direção do fluxo de saída das pessoas. As barras anti-pânico são instaladas em tipos de ocupação onde existe uma grande concentração de público, no caso do projeto o auditório em estudo.

Para saber a quantidade de saídas segundo a NBR 9077, é preciso analisar as tabelas 1 e 2, da mesma norma.

A tabela 1, fornece a divisão segundo a ocupação, como é um auditório, foi classificada em F-2 (Templos e auditórios).

A classificação da edificação quanto a altura, segundo a Tabela 2, é de código “K” com denominação de “Edificação térrea” , apresentando um único pavimento .

Logo a Tabela 7 da NBR 9077, fornecerá a informação que é necessária duas portas de saída de emergência.

Logo, dimensiona-se as saídas de acordo com a NBR 9077, deve ser calculada conforme a fórmula: $N=P/C$. Visto a quantidade de unidades (100) e pessoas (1225 p, sendo 1p por m²) na tabela 5, ao calcular a unidade de passagem é de 13 unidades. Considerando que uma unidade equivale a 0.55m então as aberturas devem ter 7,15m. Conforme a tabela 7 deve existir duas saídas de 3,58m. Mas percebe-se que as saídas do projeto atendem de forma majorada, pois as duas saídas de emergências possui 4m cada.

NORMA NBR 9050 DE ACESSIBILIDADE

A acessibilidade foi aplicada de forma a não descaracterizar o conjunto. Foi possível aplicá-la de forma coerente em todo o projeto. Na implantação foram inseridas rampas de acesso, todos os blocos receberam rampas devido a topografia do terreno e devido o amplo espaço foi possível em algumas rampas a inclinação ser inferior a 8,33 % suavizando a subida.

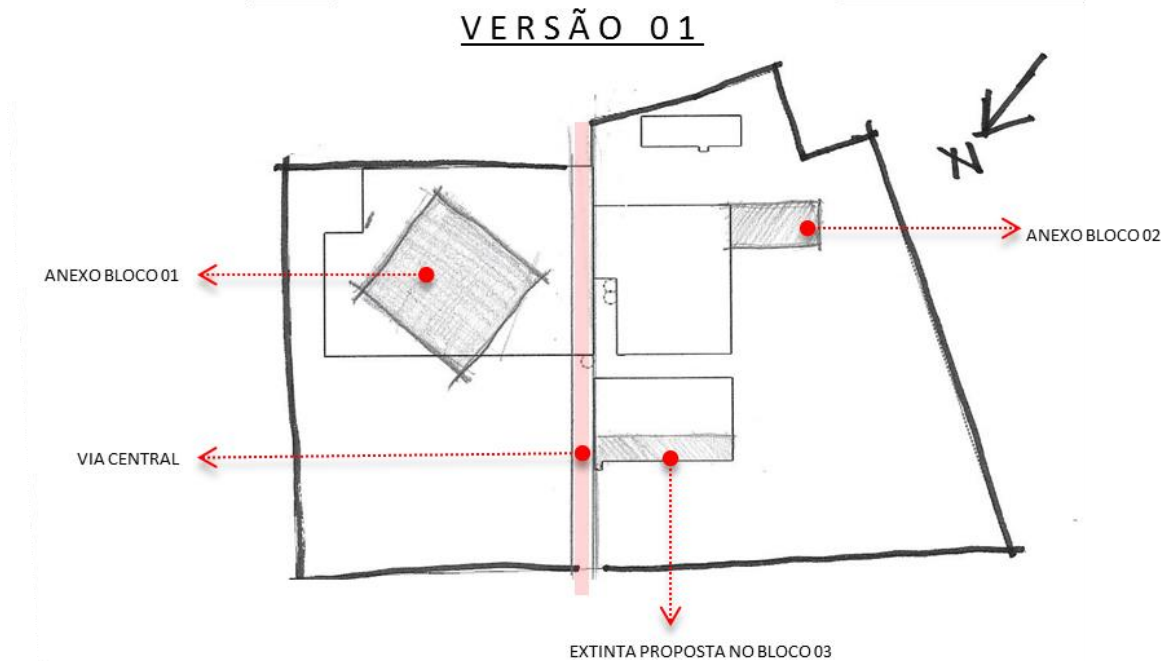
Foram inseridas vagas acessíveis e pisos táteis em escadas e rampas. Uma ressalva a ser feita é sobre a não utilização dos pisos táteis de alerta nas bordas das calçadas, pois esta prática não é uma indicação da NBR 9050, o município de Currais Novos não diz nada sobre a utilização dos pisos em toda a extensão da mesma. O Bloco 04 permaneceu com as mesmas portas dos ambientes em que as aberturas eram 70cm, essa flexibilização é permitida pela norma em caso de reforma.

8. EVOLUÇÃO DA PROPOSTA

Após conhecer a intervenção de requalificação da Algodoeira, explana-se aqui a evolução do anteprojeto até a sua versão final.

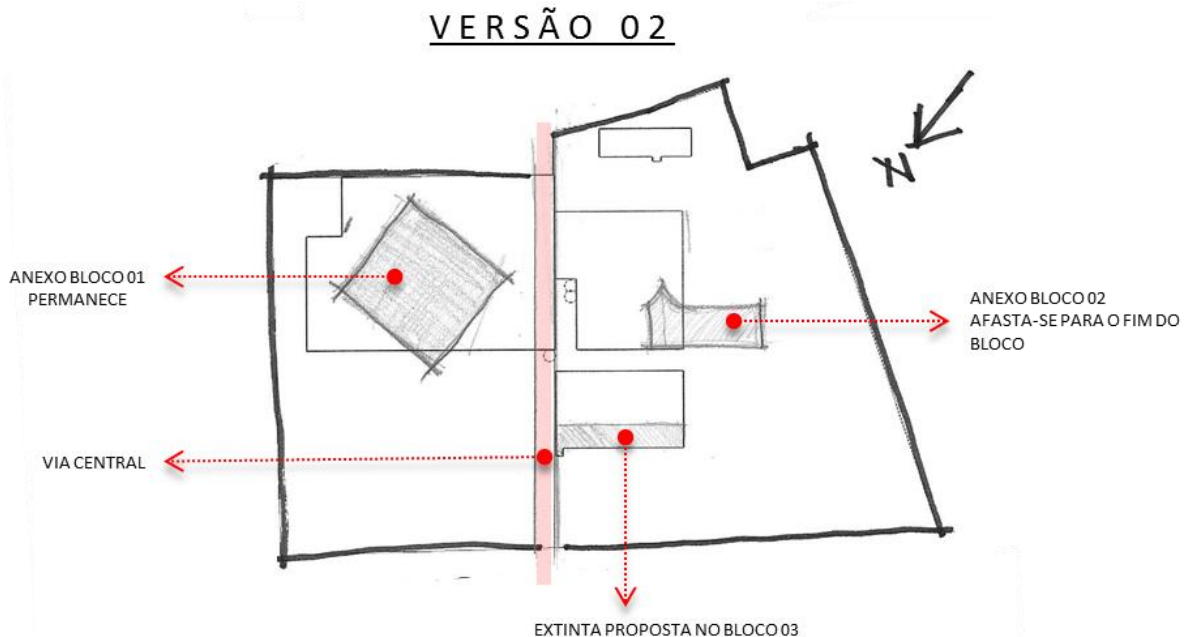
A proposta manteve-se uniforme por quase todo o período de concepção, os ajustes que ocorreram não tiveram grandes repercussões na evolução. A partir das Figuras 160, 161 e 162. Percebe-se o Bloco 01 permaneceu com a mesma intervenção desde o início.

Figura 160: Primeira versão da evolução.



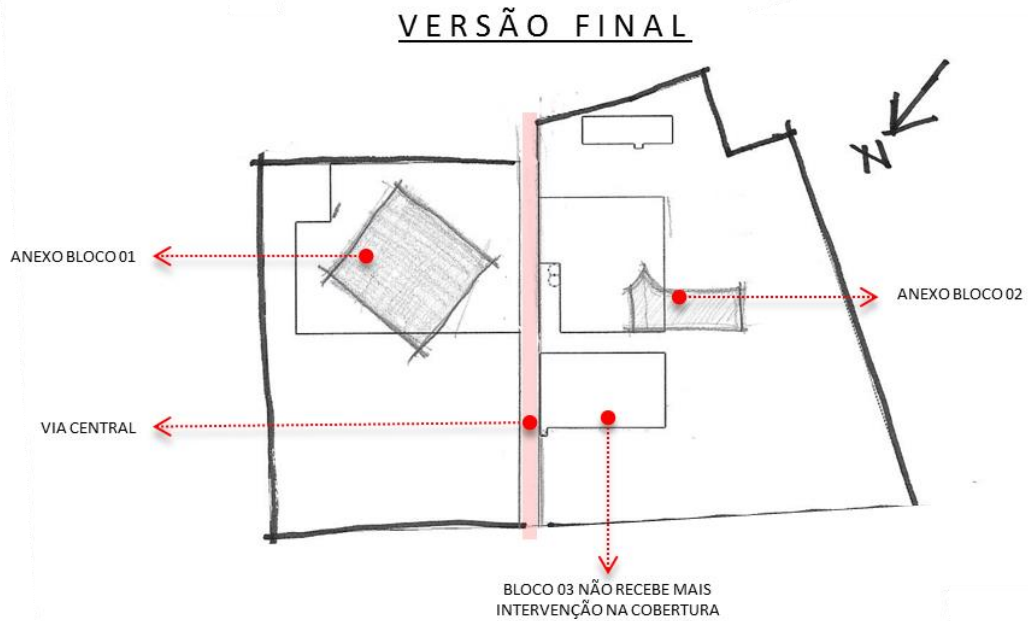
Fonte: Elaborado pela autora, 2014.

Figura 161: Segunda versão da evolução.



Fonte: Elaborado pela autora, 2014.

Figura 162: Versão final da evolução.



Fonte: Elaborado pela autora, 2014.

O bloco 02 teve seu anexo relocado da parte frontal do bloco para a posterior. Tal decisão ocorreu em função de recobrir a parte de trás do ultimo galpão que estava sem a coberta. Em vista disso, ele acaba se estendendo e recobrindo com uma laje de duas águas, como uma continuidade do galpão, pois antes a proposta do anexo não recobria o galpão.

Desde a versão inicial pensava-se em recobrir o alpendre do bloco 03, pois estava sem parte da coberta, e nesse ato propor treliças metálicas. Mas, decidiu-se por manter a estrutura de sustentação do telhado como é atualmente, colocando apenas com novas telhas, pois a estrutura está bem conservada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreender as intervenções em prédios com valor histórico através da revitalização e adequação permitiu concluir a complexidade da busca pelo equilíbrio e harmonia entre o novo e o antigo. Percebeu-se que estabelecer um uso é uma forma eficaz de mantê-lo preservado, garantindo que o edifício esteja em uso constante, sempre sob olhares.

Buscou-se desenvolver uma proposta de requalificação que levasse vitalidade às edificações do conjunto fabril de forma pontual e geral atentando para o equipamento dentro da escala urbana.

Ao construir o referencial teórico e empírico, foi possível observar que há uma vasta quantidade de posturas que podem ser adotadas durante a formulação de projetos em prédios históricos, e que muitas podem ser as direções que uma proposta desse tipo pode tomar. Para o trabalho em questão foi escolhido seguir a linha de intervenção “crítico-conservativa”. Espera-se ter obtido um resultado, contemplando os valores tidos como importantes no conjunto pré-existente, pois a essência fabril foi preservada e evocada à medida que se buscava transpor o novo uso religioso. Os novos anexos mesmo estando tão intrínsecos à antiga estrutura da algodoeira, permitem que as novas formas e materiais diferentes dialoguem com o preexistente sem se confundirem. Reforçando o argumento de que é possível aliar a preservação do patrimônio com a concepção de estruturas novas e modernas.

O uso proposto passa a ser uma alternativa no processo de evangelização católica no Seridó. Atrela a necessidade de preservação e de evangelização numa cidade que é polo de atração para as cidades circunvizinhas. Logo, o Centro Católico de Evangelização Obra Nova passa a abarcar o público local e dos arredores, à medida que evoca à população a importância da Algodoeira Inharé como bem de interesse histórico, tida muitas vezes como invisível. Podendo até levar a perceber a importância de outros equipamentos fabris existentes no Seridó e em Currais Novos, como a antiga Saboaria Seridó que também segue a mesma linha da algodoeira.

Como se vê, esse trabalho final de graduação possibilitou a oportunidade de se aprofundar em um tema específico, de forma a explorar diversas áreas de conhecimento apreendidas durante todo o curso de Arquitetura e Urbanismo, como a teoria da arquitetura, investigação histórica, o patrimônio industrial, projeto arquitetônico, aspectos

ligados à legislação, entre outras, constituindo um bom exercício de pôr em prática os conhecimentos adquiridos nesta graduação.

REFERÊNCIAS

ABNT - ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 14724**: Informação e documentação: trabalhos acadêmicos: apresentação. Rio de Janeiro, 2011.

ABNT – ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 9050**: Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos. Rio de Janeiro, 2004.

ABNT – ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 9077**. Saídas de emergência em edifícios. Rio de Janeiro, 2001.

ADAMS, Betina. **Preservação urbana: gestão e resgate de uma história**. Florianópolis : Ed. Da UFSC, 2002.

ARAÚJO, Johnyson Sanders Silva. **A função do centro regional no contexto da globalização: o caso de Currais Novos/RN**. Dissertação de Mestrado. Natal: PPGPG- UFRN, 2009.

AZEVEDO, Cassiano. **Manual de Orientação sobre espaços sagrados**. Fortaleza: Comunidade Católica Shalom, 2013. 82 slides, color.

BARICHELLO, Cesar Augusto. **Patrimônio religioso e negociação da identidade do imigrante italiano da quarta colônia imperial de Silveira Martins e Região Central do Rio Grande do Sul**. 2010. 114 f. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2010.

BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BERNARDI, Giuliana Gini; HIRAO, Hélio. **O antigo hotel municipal de Presidente Prudente: demolição do edifício e descaracterização da paisagem do centro histórico**. Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2011.

BRANDI, Cesare. **Teoria da Restauração**. Tradução Beatriz Mugayar Kühl; apresentação Giovanni Carbonara; revisão Renata Maria Parreira Cordeiro. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2004.

BRASIL. **Portaria Nº 420 de dezembro de 2010**. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional , 2010.

CARSALADE, Flávio. **Sustentabilidade e sustentação**, 2001. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/02.013/885> > .Acesso em: 14 jun.14

CASTORE, M. Elena. **O reuso do patrimônio industrial: O caso da antiga fábrica São Braz em Plataformas, Salvador 2012**. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do?id=2956>>. Acesso em: 01 abr.14

CARTA de Nizhny Tagil sobre o patrimônio industrial, 2003. Disponível em: <http://www.mnactec.cat/ticcih/pdf/NTagilPortuguese.pdf>. Acesso em: 15 abr.2014.

CARTA de Veneza, 1964. ICOMOS. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do?id=236>. Acesso em: 15.04.2014.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. São Paulo: Estação Liberdade: Editora UNESP, 2001.

COSTA, Débora Regina Magalhães da. **Aspectos críticos em obra de restauração arquitetônica no Estado**: a experiência do arquiteto Edgar Bittencourt da Luz. Trabalho de conclusão apresentado ao Curso de Mestrado Profissionalizante em Engenharia da Escola de Engenharia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2005.

CREDER, Hélio. **Instalações hidráulicas e sanitárias**. 5 ed. Rio de Janeiro: Livros técnicos e científicos editora, 1995.

CUNHA , Claudia dos Reis. **Alois Riegl e o culto moderno dos monumentos**. *Revista CPC*, São Paulo, n.2, p.6-16, 2006. Disponível em: <http://www.usp.br/cpc/v1/php/wf07_revista_interna.php?id_revista=6&id_conteudo=16&tipo=5> Acesso em: 03 jun. 14.

CUNHA , Claudia dos Reis. **A atualidade do pensamento de Cesare Brandi**, 2004. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/resenhasonline/03.032/3181>> Acesso em: 14 jun.14

CURRAIS NOVOS. **Lei de Tombamento Nº 1.168, de 05 de julho de 1990**. Currais Novos: Câmara Municipal, 1990.

_____. **Prefeitura Municipal de. Revisão do plano diretor participativo de Currais Novos/RN**. Currais Novos: Câmara Municipal, jan. 2012.

CURY, Isabelle; INSTITUTO DO PATRIMONIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (BRASIL). **Cartas patrimoniais**. Brasília: IPHAN, 2004. Irceia

ELIADE Mircea. **O Sagrado e o Profano**. Lisboa: Edição Livros do Brasil, 2002.

FERRAZ , Marcelo. **Numa velha fábrica de tambores**: SESC-Pompéia comemora 25 anos, 2008. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/minhacidade/08.093/1897>> Acesso em: 14 jun.14.

FRANCISCO, Papa. **Exortação Apotólica: Evangelii Gaudium, A alegria do Evangelho**. São Paulo: Paulinas, 2013.

GIOVANNONI, Gustavo. (apud. ZUCCONI, G.) **A cura di**. Milano: Jaca Book, 1997.

GRANATO, Marcus; CAMPOS; Guadalupe do Nascimento. **Teorias da conservação e desafios relacionados aos acervos científicos**, 2013. Disponível em: < <http://midas.revues.org/131> ; DOI : 10.4000/midas.131>. Acesso em: 21.mai. 2014.

JORGE, Luís Antonio. **O espaço seco**. FAU-USP. Tese de doutorado 1999. São Paulo.
LEMONS, Carlos A. C. **O que é patrimônio histórico**. São Paulo: Brasiliense, Coleção Primeiros Passos, 1981.

LIMA, **Adriana Guimarães de**. **Anteprojeto de um Centro Católico de Evangelização**. 2005. 91f. Monografia (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) – Departamento de Arquitetura, UFRN, Natal, 2005.

KÜHL, Beatriz Mugayar. Restauração Hoje: Método, Projeto e Criatividade. In: **Desígnio – Revista de História da Arquitetura e do Urbanismo**, n. 6, São Paulo, set. 2006. p. 19-33.

KÜHL, Beatriz Mugayar. **Ética e responsabilidade social na preservação do patrimônio cultural**. In: XIII Congresso Internacional ABRACOR, 2009, Porto Alegre. XIII Congresso Internacional ABRACOR. Rio de Janeiro : ABRACOR, 2009. Disponível em: <<http://www.abracor.com.br/novosite/downloads/textobeatrizmk.pdf>>. Acesso em: 21 mai.14.

KÜHL, Beatriz Mugayar. **Preservação do patrimônio arquitetônico da industrialização: Problemas teóricos de restauro**. Cotia SP: Atelier editorial, 2008.

MEDEIROS, Genisson. **Fotografia e paisagens da modernidade: Currais Novos/RN de 1950 a 1980**. Dissertação de Mestrado. Natal: PPGe – UFRN, 2010.

NASCIMENTO, José Clewton do. **O Rio, o Passado e o Presente: Considerações Sobre o Projeto de Requalificação da Margem Esquerda do Rio Acarau, em Sobral/CE**. In: V PROJETER, 2011. Belo Horizonte: 2011.

NATAL. Prefeitura Municipal de Natal. **Lei Complementar nº 082, de 21 de junho 92 de 2007**. Dispõe sobre o Plano Diretor de Natal e outras providências. Natal: Câmara Municipal, 21 set. 2007.

_____. **Lei Complementar nº 055, de 27 de janeiro de 2004**. Institui o Código de Obras e Edificações do Município de Natal e dá outras providências. Natal: Câmara Municipal, 27 jan. 2004.

NICOLAU, F. R. O sentido da comunidade Católica Shalom. **Revista de Ciências Sociais**, Fortaleza, v. 37, n. 1, p.77-91, 2006. Disponível em: <http://www.rcs.ufc.br/edicoes/v37n1/rcs_v37n1a7.pdf>. Acesso em: 06 jun. 14.

NO SERIDÓ, O ciclo do algodão no Seridó. **Tribuna do Norte**, Natal, 13 jun. 2010. Disponível em: <<http://tribunadonorte.com.br/noticia/o-ciclo-do-algodao-no-serido-ii/151080>>. Acesso em: 14 jun. 2014.

NÚÑEZ DE LA PAZ, Nivia Ivette. **Evangelização que comunica e Comunicação que evangeliza**: Comunidade Canção Nova, um novo jeito de ser igreja a partir do entrecruzamento evangelização-comunicação. Tese de Doutorado. São Leopoldo: Faculdades EST/PPG, 2008.

OLIVEIRA, Rogério Pinto Dias de. **O equilíbrio em Camillo Boito**, 2009. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/resenhasonline/08.086/3049>> Acesso em: 22 mai. 14.

OLIVEIRA, Daniela Duarte de Freitas. **A produção do espaço sagrado na arquitetura contemporânea**: a interpretação da fé católica a partir do séc.XX . Dissertação em Pós Graduação. Belo Horizonte: PPGAU/UFMG, 2010.

RCC Brasil. Disponível em: <<http://www.rccbrasil.org.br/interna.php?paginas=42>>. Acesso em: 10 jun. 2014.

SEBASTIAN, Santiago. **Mensaje Simbólico del Arte Medieval**. Barcelona:Encuentro Ediciones, 1996.

SILVA, Aline Amaro da. **Igreja e cultura digital**: A nova evangelização dos nativos virtuais. 2011. 119 f. TCC (Graduação) - Curso de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica Dorio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011. Disponível em: <http://www.academia.edu/3255895/Igreja_e_Cultura_Digital_A_nova_evangelizacao_dos_nativos_virtuais>. Acesso em: 10 jun. 2014.

VELOSO, Maísa. **Alguns conceitos sobre patrimônio histórico**. Aula ministrada na disciplina Projeto de Arquitetura 05. Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2013.

VIEIRA, Natália Miranda. **Antecedentes conceituais da conservação**: século XIX e início do século XX. I Curso Latino Americano sobre a Conservação da Arquitetura Moderna – MARC/AL, 2009.

VIEIRA, Natália Miranda; MARANHÃO,Haroldo; VIEIRA, Monique Lessa. **Práticas intervencionistas no patrimônio edificado do Rio Grande do Norte: da reconstrução mimética a uma abordagem crítica**: O Projeto como Instrumento para a Materialização da Arquitetura: ensino, pesquisa e prática. In: VI PROJETAR, 2013. Salvador: 2013.

VIEIRA, Natália Miranda; NASCIMENTO, José Clewton do. **A cristalização da eterna imagem do passado nas práticas preservacionistas dos sítios históricos brasileiros**: perspectivas para sua superação. In: II ENANPARQ- II Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo. Anais do II ENANPARQ- II Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo. Natal: 2012.

ZWETSCH, Roberto Ervino. **Missão Como Com-Paixão:** Por uma Teologia da Missão em Perspectiva Latino-Americana. Tese de Doutorado. São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, Instituto Ecumênico de Pós-Graduação, 2007. p. 14.